



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS

ARTHUR MOURA VARGENS

**AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS:
SIMPLIFICAÇÃO FONOLÓGICA E ONTOGÊNESE**

Salvador
2016

ARTHUR MOURA VARGENS

**AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS:
SIMPLIFICAÇÃO FONOLÓGICA E ONTOGÊNESE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof^ª. Ph.D. Elizabeth Reis Teixeira

Sistema de Bibliotecas – UFBA

Vargens, A.
Aquisição de proparoxítonas: simplificação fonológica e ontogênese / Arthur Moura Vargens. - 2016.
145 f. : il.

Inclui apêndices.
Orientadora: Prof^ª Ph.D. Elizabeth Reis Teixeira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2016.

1. Aquisição de linguagem. 2. Conscientização da linguagem em crianças.
3. Língua materna. 4. Língua portuguesa - Fonética. 5. Língua portuguesa - Fonologia. 6. Língua portuguesa - Acentos e acentuação. I. Teixeira, Elizabeth Reis. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 401.9
CDU - 81'232

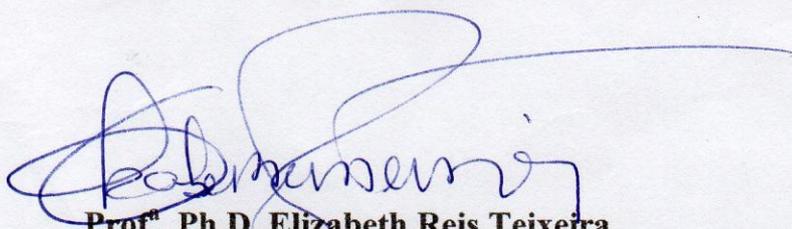
Salvador
2016

TERMO DE APROVAÇÃO

AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS: SIMPLIFICAÇÃO FONOLÓGICA E ONTOGÊNESE

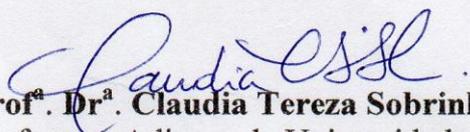
ARTHUR MOURA VARGENS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Área II – *Línguas, Linguagens e Culturas Contemporâneas*, linha *Aquisição, Ensino e Aprendizagem de Línguas*. Aprovada no dia 11 de março de 2016 pela banca examinadora abaixo relacionada.



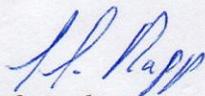
Prof.^a. Ph.D. Elizabeth Reis Teixeira

Professora Associada da Universidade Federal da Bahia
(Orientadora)



Prof.^a. Dr.^a. Claudia Tereza Sobrinho da Silva

Professora Adjunto da Universidade Federal da Bahia



Prof.^a. Dr.^a. Carola Rapp

Professora Adjunto da Universidade Federal da Bahia

Salvador
2016

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Eugenio Muniz da Costa Vargens e Maria Carmem Moura Vargens, a meus irmãos, Samantha Moura Santos Alves, João Elias da Costa Vargens e Esther Moura Vargens, a minhas avós, Maria de Lourdes de Oliveira Moura e Neusa Muniz da Costa Vargens, a minha tia Meran Muniz da Costa Vargens, e toda a minha imensa e extensa família, por todo apoio e inspiração. São as pessoas mais importantes da minha vida e sem as quais eu não chegaria aonde cheguei.

Aos amigos do peito: Claudio Sousa Pereira, Davi de Almeida Pereira Filho, Lilian Rau, Rejane de Sousa, Sara Oliveira da Cruz, entre outros que fizeram parte, indiretamente, de todo o processo.

A grandes professores que já tive ao longo da minha trajetória acadêmica: Alícia Duhá Lose, André Luiz Gaspari Madureira, Denise Maria Oliveira Zoghbi, Edleise Mendes Oliveira Santos, Isabella Venceslau Fortunato, Marcela Moura Torres Paim, Marla Oliveira Andrade, Sônia Bastos Borba Costa, Tânia Conceição Freire Lobo, esses que plantaram em mim a semente da pesquisa, do mundo acadêmico e da Linguística.

A meus colegas no PET-Letras da UFBA pela vivência na graduação, por tudo o que aprendi e construí fazendo parte desse grupo, e que, direta ou indiretamente, me trouxe até aqui: Cinthia de Jesus Vieira, Diego Santana Cândia, José Nilton Santos da Cruz Junior, Kathiúscia Santos de Brito, Lucas de Jesus Santos, Paula Assunção de Campos, Paula Oliveira Campos Augusto, Renata Brito dos Reis, Rosecleide Ferreira Borges, Thiago Santos Cardoso, Uilians de Oliveira Souza. Também aos tutores que tive no PET: Antonio Marcos Pereira e Rachel Esteves Lima.

A meus colegas do Mestrado em Língua e Cultura 2013: Ana Santos, Barbara Carneiro, Camila Gusmão, Cristiane Pereira, Fernanda Cerqueira, Ivanete Freire, Luiz Paulo Sérgio, Marcilio Vasconcelos, Raimundo Conceição, Raimundo Maranhão, Samylle Souza, Sandra Roza, Tatiana Almeida, entre muitos outros, por compartilharmos momentos semelhantes, compartilharmos angústias e prazeres de todo esse processo, pela sensação de não estar sozinho nesse barco chamado mestrado.

À Creche da Universidade Federal da Bahia pela gentileza de ceder o espaço para a pesquisa. Em especial, à coordenadora da época, Sonia Alê, pelo acolhimento e pela facilidade para o diálogo, e à professora Celma Moreira, por igual acolhimento, igual facilidade, e por toda a contribuição fornecida espontaneamente.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pela bolsa concedida.

Às professoras Claudia Tereza Sobrinho da Silva e Carola Rapp por aceitarem compor a banca. Ambas tiveram um papel importantíssimo na minha trajetória, e, portanto, têm um significado especial como componentes da banca. Carola Rapp foi minha professora de Fonética e Fonologia, e quem primeiramente acendeu minha curiosidade nesse campo de estudo; Claudia Silva foi minha orientadora durante a graduação, graças a sua sensibilidade e percepção, encontrei um tema com o qual me identifiquei e sobre o qual ainda pesquiso.

Por fim, a minha orientadora no Mestrado, Elizabeth Reis Teixeira, pela oportunidade e pelo reconhecimento do meu trabalho, algo que, direta ou indiretamente, me estimula a continuar.

A todos, agradeço profundamente. Muito obrigado!

Arthur Vargens

RESUMO

Estudo sobre proparoxítonas no período de aquisição do português como língua materna. A partir da coleta de dados desenvolvida em uma creche, buscou-se identificar a realização padrão e não padrão de vinte e três palavras proparoxítonas enunciadas por 18 (dezoito) crianças de um ano e meio a cinco anos. Na revisão da literatura, apresentam-se as teorizações e pesquisas gerais a respeito das proparoxítonas no português brasileiro: definição do objeto de estudo, a discussão sobre o lugar de excepcionalidade, a abordagem dos modelos fonológicos não lineares e pesquisas sociolinguísticas. Também são apresentados trabalhos diversos sobre aquisição dos padrões acentuais no português brasileiro e a noção de processos fonológicos em aquisição da linguagem, na perspectiva da Fonologia Natural. Na análise de dados, há um contraste entre os dados coletados na creche com dados de pesquisas anteriores, buscando, com esse contraste, definir os fenômenos (processo fonológico, estratégias e recursos) mais produtivos de produção não padrão, as formas prosódicas acentuais resultantes desses fenômenos e a tendência ontogênica para aquisição do padrão prosódico proparoxítono. A partir dos dados coletados, somados a dados coletados por outras três pesquisadoras, tem-se como resultado um processo fonológico específico da proparoxítona, a desproparoxitonização, que pode se dar por meio de três recursos: reacentuação, ampliação ou redução. Também foi possível identificar três estágios de aquisição desse padrão acentual: um primeiro em que a produção proparoxítona é rara, um segundo em que ela é mediana, e um terceiro em que ela é majoritária.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem. Língua Materna. Fonética e Fonologia. Padrões acentuais. Proparoxítonas.

ABSTRACT

Study about proparoxytone words in first language acquisition. From a data basis collected in a child care center, where twenty-three proparoxytone words were tested at eighteen children in ages from one year and a half to four years, it was observed the realization of these twenty-three words by children, intending to identify proparoxytone and non-proparoxytone productions. In theoretical review section, there are some general theories and researches about proparoxytones in Brazilian Portuguese, which is: definition of the subject matter, discussion about exceptionality of proparoxytones, phonological nonlinear models approach and some sociolinguistic researches. There are also several papers on the acquisition of accentual patterns in Brazilian Portuguese and the concept of phonological processes in language acquisition through Natural Phonology Theory. In data analysis, data collected in the child care center are crossed to data from some previous researches, intending to define what are the most commons phonological phenomena to non-proparoxytone productions, the common stress forms resulted by these phenomena and proparoxytone pattern ontogenesis. From these collected data and others collected by others researchers, it is possible to conclude that unproparoxytone the proparoxytone words is a phonological process which can happen by three resources: reaccentuation, enlargement or reduction. It was also possible to identify three stages of proparoxytone acquisition: a first one when proparoxytone form is rare, a second one, when proparoxytone occurs at a median production, and a third one, when proparoxytone occurs at a majority production.

Keywords: Language Acquisition. First Language. Phonetics and Phonology. Stress patterns. Proparoxytones.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÃO INICIAIS	9
CAPÍTULO 1: REVISÃO DA LITERATURA	13
1.1 AS PROPAROXÍTONAS.....	13
1.1.1 Em questão, a excepcionalidade.....	17
1.1.2 As proparoxítonas nos modelos fonológicos não lineares.....	22
1.1.2.1 A sílaba extramétrica.....	22
1.1.2.2 O acento marcado.....	23
1.1.3 Trabalhos sociolinguísticos: as proparoxítonas na fala adulta.....	24
1.2 A AQUISIÇÃO DOS PADRÕES ACENTUAIS NO PB.....	26
1.2.1 Aquisição de proparoxítonas.....	31
1.3 OS PROCESSOS FONOLÓGICOS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	35
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA	44
2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	44
2.2 DESENVOLVENNDO UM MÉTODO DE ELICIAÇÃO DE DADOS.....	45
2.3 OS VOCÁBULOS ESTUDADOS.....	46
2.4 O INSTRUMENTO DE COLETA.....	49
2.5 A INSTITUIÇÃO.....	54
2.6 A COLETA.....	55
2.6.1 A coleta com cada criança	57
2.7 DISPONIBILIZAÇÃO DOS DADOS.....	63
CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE DADOS E PROPOSIÇÕES	65
3.1 A DESPROPAROXITONIZAÇÃO.....	65
3.1.1 Redução do vocábulo.....	70
3.1.1.1 Redução por coalescência.....	70
3.1.1.2 Redução por elisão de sílaba.....	77
3.1.2 Reacentuação do vocábulo.....	81
3.1.3 Ampliação do vocábulo.....	81
3.1.4 Recurso mais produtivo.....	83
3.1.5 Tendências.....	84
3.1.5.1 Contexto fonológico dos vocábulos.....	84

3.1.5.2 Tipos prosódicos resultantes.....	91
3.2 A ONTOGÊNESE DO PADRÃO PROPAROXÍTONO.....	93
3.2.1 Ontogênese e contexto fonológico.....	96
3.2.2 Ritmo aquisicional.....	100
3.2.2.1 Perfil da criança.....	102
3.3 CONCLUSÕES PRELIMINARES.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE	
Dados coletados	
Criança 01	124
Criança 02	125
Criança 03.....	126
Criança 04	127
Criança 05	128
Criança 06	129
Criança 07	130
Criança 08	131
Criança 09	132
Criança 10	133
Criança 11	134
Criança 12.....	135
Criança 13	136
Criança 14	137
Criança 15	138
Criança 16	139
Criança 17	140
Criança 18	141
Criança não contabilizada.....	142
Documentos	
AUTORIZAÇÃO DA CRECHE PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	144
MODELO DO AUTORIZAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS LEGAIS DAS CRIANÇAS.....	145

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho, centrado nos estudos sobre Aquisição da Linguagem (doravante AL) e Fonética & Fonologia, é uma continuação da pesquisa que desenvolvi durante minha graduação em Letras. Durante a graduação, trabalhei com um corpus coletado pelo Programa de Estudos em Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna – PROAEP na aplicação do Exame Fonético-Fonológico ERT. O corpus foi bem reduzido e pouco variável, o que suscitou respostas parciais a algumas questões sobre o lugar das proparoxítonas na aquisição do português brasileiro (doravante PB), como:

- Como é a realização de proparoxítonas durante a aquisição do PB?
- Qual a faixa etária propícia ao surgimento do padrão proparoxítono?
- Quais as diferenças de produção padrão por crianças de faixas etárias distintas?

Tais perguntas puderam encontrar respostas relativas ao corpus da pesquisa que realizei na época. Agora, busco respostas mais abrangentes e menos limitadas a essas questões e também a outras:

- Qual a interferência de diversos contextos fonológicos sobre a produção das proparoxítonas durante a AL?
- Como é a realização das proparoxítonas nos estágios mais iniciais?

Essas duas outras perguntas transpassavam os limites do corpus que tive na época – eram apenas 6 palavras trissílabas, eliciadas em crianças a partir dos 2 anos de idade, cerca de 25 anos antes da análise. Ainda durante o período de graduação, tentei investir numa coleta de dados que desse conta de transpor essas limitações. Tentei coletar dados em duas instituições de ensino, chegando a estabelecer o contato com ambas, chegando, inclusive, a eliciar dados em uma delas. Devido, principalmente, a minha inexperiência com a pesquisa em AL, isso não passou de uma tentativa, que, apesar do insucesso, foi fundamental, tanto quanto a experiência de escrever um trabalho de conclusão de curso (TCC), para minha formação como pesquisador.

Durante este período de Mestrado, realizei uma coleta de dados mais atuais, com um número de vocábulos mais amplo, tanto quantitativamente, quanto em termos de variabilidade dos contextos fonológicos a serem estudados, dados que fossem suficientes para uma comparação tanto com o que já analisei durante a graduação, quanto com dados

já coletados por outros pesquisadores. Certamente, a experiência como pesquisador me permite ter essa abrangência maior. Certamente, também, a própria natureza de um mestrado impõe seus próprios limites à pesquisa, o que faz com que o tema das proparoxítonas na aquisição do PB não se esgote aqui.

Assim, o que busco fazer nesta dissertação é:

- Identificar a simplificação fonológica que incide sobre as proparoxítonas durante a aquisição do PB;
- A partir dessa identificação, delimitar uma ontogênese do padrão acentual proparoxítono durante a aquisição do PB.

Para dar conta desses objetivos, fiz uma coleta de dados na Creche da Universidade Federal da Bahia, instituição sobre a qual darei algumas informações, inclusive sobre o porquê da escolha, no desenvolver do texto. Porém, esses objetivos não poderiam ser alcançados apenas com os dados dessa coleta. Por isso, trarei, para análise, dados da minha pesquisa de graduação e dados de pesquisa de três outras pesquisadoras, o que me permitirá algumas conclusões mais abrangentes sobre a aquisição de proparoxítonas.

Antes de dar sequência, uma questão: por que estudar a aquisição de proparoxítonas? Encontro, para isso, dois grandes motivos. Um deles é a escassez de material empírico analisado sobre o assunto. As proparoxítonas são um fenômeno na língua que, por serem tão passíveis de mudanças e susceptíveis a discussões teóricas sobre o seu lugar no PB, merecem um estudo mais detido, específico. Os que se desenvolvem no campo da Sociolinguística, estudando a fala adulta, têm crescido. Os que envolvem a fala infantil, no entanto, ainda são muito restritos. Algumas análises a esse respeito são feitas por algumas estudiosas, todas sobre os padrões acentuais ou sobre a prosódia da língua, de maneira geral; nenhuma delas, no entanto, debruçou-se sobre as proparoxítonas.

O outro motivo tem relação direta com a grande ressalva que se faz em relação ao mundo acadêmico, à pesquisa, à ciência. Por que pesquisar? Por que deve haver investimento em pesquisa, investimento esse que envolve bolsas, financiamentos para viagens, auxílios para teses e dissertações? A resposta, para mim, é óbvia: a universidade produz conhecimento útil para a sociedade. Nesse sentido, qual o papel de uma pesquisa sobre a aquisição da linguagem, aquisição fonológica, aquisição de proparoxítonas?

Em primeiro lugar, os estudos em aquisição da linguagem e linguagem infantil revelam a forma como as crianças adquirem sua língua materna e quais são os seus limites etários em relação ao desenvolvimento esperado de diferentes aspectos de sua linguagem –

o que se torna necessário e relevante a profissionais que lidam com processos educacionais e clínicos, tanto do ponto de vista do processo de ensino da língua materna como do ponto de vista do diagnóstico, prognóstico e das expectativas em relação a métodos e instrumentos de remediação.

Ao longo da minha trajetória de pesquisa, tenho percebido como esse tema é importante para as próprias instituições de ensino infantil onde nós, pesquisadores em AL, podemos realizar nossas pesquisas. Os profissionais que lá estão muitas vezes podem apresentar dificuldades para lidar com a linguagem da criança; por vezes, imbuídos da ideia de que a criança “fala errado”, tentam “corrigir” a fala da criança, mesmo quando ela não está preparada para essa dita correção. Isso tem a ver com duas questões: o preconceito linguístico, ou seja, o desejo de interromper a língua como ela é, em suas diversas e adversas expressões culturais, e, também, com a não distinção entre essas expressões culturais e um momento etário específico da criança; existe uma linguagem que é eminentemente infantil, e que não é permanente. Assim, desvendar e esclarecer a linguagem infantil e a aquisição é algo necessário que auxiliará muitos desses profissionais quando estiverem lidando diretamente com as crianças.

Nesse contexto, o estudo sobre as proparoxítonas pode revelar importantes informações. Por exemplo: a criança que produz PINCE por PRÍNCIPE, ou MACA por MÁQUINA, estará produzindo essas palavras dessa maneira por estarem inseridas em um contexto sociolinguístico em que essa é a forma adulta da palavra, por apresentarem algum distúrbio de linguagem ou por estarem em uma faixa etária própria para essa produção? Esta pesquisa contribuirá para que esse conhecimento seja elucidado e, assim, contribuirá para que o adulto escolha a melhor forma de lidar com situações como a exemplificada, lançando luz sobre a polêmica questão do preconceito linguístico e dos casos de efetivas atipicidades maturacionais.

Claro que o que me motiva a trabalhar com esse tema não é exclusivamente um altruísmo para com a sociedade ou a área de estudos. Existe uma motivação interna, uma curiosidade, uma identificação com ele. Aquisição da Linguagem e Fonética & Fonologia são dois campos cujo interesse sempre me acompanhou; de maneira mais consciente desde que soube deles no curso de Letras, mas de maneira não estruturada antes de minha entrada na universidade, quando, muito remotamente, eu já tinha alguns embriões de curiosidade sobre a fonologia da língua e sobre a aquisição da língua, ainda que não conhecesse esses

termos. A motivação interna, a identificação, sempre existiu, se desenvolveu ao longo da minha vida acadêmica, e se firmou quando defendi o meu TCC, em 2012.

Nesta dissertação dou continuidade a esse trabalho. Ela está dividida em três capítulos. No primeiro, abordo teorias e pesquisas sobre as proparoxítonas no PB, sobre a aquisição dos padrões acentuais e sobre os processos fonológicos em AL já descritos e estabelecidos. No segundo, explico sobre a pesquisa realizada na creche e sobre essa instituição que cedeu espaço para a pesquisa. No terceiro, analiso os dados coletados, comparando-os com dados de pesquisas anteriores.

CAPÍTULO 1: REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, abordarei o que foi encontrado na literatura teórica que tem alguma relação com a pesquisa realizada. Em suma, meu propósito aqui é: a) identificar o que já temos de estudos realizados por outros pesquisadores, e b) esclarecer alguns conceitos que serão importantes na análise de dados.

Esta revisão da literatura se divide em três partes. Na primeira, abordarei o conceito de proparoxítonas e diversas teorizações e pesquisas já realizadas sobre as proparoxítonas no PB. Na segunda parte, abordarei estudos já desenvolvidos em AL sobre os padrões acentuais; alguns desses trabalhos serão retomados posteriormente, para um contraste. O que exponho na primeira e na segunda parte não tem qualquer caráter de embasamento, mas de mera revisão. Já na terceira parte, a Fonologia Natural, com o conceito de processos fonológicos, é o que servirá de aporte para a análise dos dados e para as proposições, posteriormente.

1.1 AS PROPAROXÍTONAS

Na Linguística, especificamente nos estudos em Fonética & Fonologia, é importante diferenciar segmento de suprasegmento. Ambos são objetos dos estudos fonológicos. Os estudos fonológicos dedicam-se à concretização típica das línguas, que, nas línguas orais, se faz pela sonoridade, pela fonação; **segmento** é o som que pode ser extraído de uma fragmentação linear da cadeia de fala das línguas orais; dessa extração, existem os sons que são produzidos com uma dada articulação, com uma dada fonação; eles são chamados de fones quando são observadas as suas realizações concretas, humanas, fisiológicas, e de fonemas, quando estabelecem relações de oposição, variação ou combinação com outros sons. Na cadeia de fala, os sons se agrupam e são emitidos integradamente, com dois ou mais desses sons se integrando a um som nuclear; temos, assim, uma **sílaba**. Esses sons são estudados, em geral, quanto à sua articulação; existem, no entanto, outros elementos como o tempo de execução desses sons, a intensidade com que ele são produzidos, a melodia que se forma a partir da cadeia desses sons; o **suprasegmento** é o elemento que pode tornar um som mais duradouro, ou mais intenso, ou mais ascendente ou descendente.

Ao conjunto de suprasegmentos da língua denomina-se **prosódia**. Matsuoca (2010, p. 5), define a prosódia como o “agrupamento e relativa proeminência dos elementos que compõem o sinal de fala”. Entonação, ritmo, intensidade e duração são alguns dos elementos que constituem a prosódia. Por sua própria natureza ampla, a prosódia pode ser estudada em palavras e também em sentenças, enunciados. Um elemento de prosódia de enunciado é a entonação típica das sentenças interrogativas. Em relação à palavra, os elementos prosódicos básicos são o tom, a duração e o acento. (Cf. CAVALIERE, 2005; SILVA, 2011; SILVA, 2014; BISOL, 2014)

Em algumas línguas, o tom e a duração são decisivos para distinguir dois ou mais itens lexicais diferentes, casos em que esses elementos prosódicos são distintivos. Em português, o único elemento prosódico que distingue itens lexicais é o **acento**, se primário. A função do acento é destacar uma vogal – ou sílaba, a depender da proposição teórica –, tornando-a mais proeminente que as demais.

Para Câmara Jr (1970, p. 53), o acento é “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. Para Silva (2011, p. 45) o acento é a “proeminência de uma vogal em relação às demais vogais do enunciado”. Tradicionalmente, essa definição não se restringe à vogal, mas à sílaba como um todo. Ladefoged (1993, p. 249) define o acento como um traço suprasegmental dos enunciados, que se aplica não a vogais e consoantes individualmente, mas a sílabas inteiras; assim, “uma sílaba acentuada é pronunciada com uma quantidade maior de energia do que uma sílaba não acentuada”¹. Para Cavaliere (2005, p. 133), o acento é “a maior intensidade expiratória (que pode ser acompanhada de leve mudança de tom) que caracteriza a emissão de uma sílaba em face das que lhe são contíguas numa dada cadeia sonora”. Como mostram essas definições, o acento é sempre relativo, extraído pelo linguista a partir da comparação entre as sílabas em uma palavra ou em uma sentença.

O acento não é unívoco. Existem acentos distintos tanto em um vocábulo quanto em um enunciado inteiro. Bisol (2014) e Silva (2014) apontam dois diferentes acentos: o acento primário e o acento secundário. O acento primário é o de maior proeminência em um vocábulo; tomemos como exemplo o vocábulo PEDRA. A sílaba PE é mais proeminente

¹ Trecho original: *A stressed syllable is pronounced with greater amount of energy than an unstressed syllable.*

do que a sílaba **DRA**, por isso, ela é chamada de **sílaba tônica**. A vogal da sílaba tônica é chamada de **vogal tônica**.

O acento secundário recai sobre uma sílaba, tornando-a menos proeminente do que a tônica, mas mais proeminente do que as demais. O acento secundário pode ser melhor observado em casos de derivação. Um vocábulo como **HOMENZINHO**, por exemplo, leva acento primário na penúltima sílaba, **ZI**, acento que é próprio do morfema **-INHO**; no entanto, há um acento na sílaba **HO**, que era primário no vocábulo original, **HOMEM**, e remanesceu na forma derivada, sendo, agora, um acento secundário.

Em português, o acento primário é o único elemento prosódico distintivo. Temos exemplos de distinção, exclusivamente pelo acento primário, em **CONTEM** (verbo **CONTAR**) e **CONTÉM** (verbo **CONTER**); **SABIA** (verbo **SABER**) e **SABIÁ** (substantivo); **MÚSICA** (substantivo) e **MUSICA** (verbo **MUSICAR**). Essa característica distintiva faz com que alguns autores, como Bisol (2014), considerem o acento também como um fonema na língua.

O acento também promove situações de variação. A variação pode ser quanto à vogal acentuada ou quanto ao formato lexical. À variação quanto à vogal acentuada atribui-se o processo conhecido como hiperbibasmo; temos um clássico exemplo nas variantes **BIÓTIPO** e **BIOTIPO** (Cf. CAVALIERE, 2005, p. 59); nesse caso, da primeira para a segunda variante, o acento se desloca de uma vogal para a outra. A variação quanto ao formato ocorre em casos como **CÓRREGO** e **CORGO** (Cf. ARAÚJO et al, 2007, p. 44), em que, da primeira para a segunda variante, o acento se mantém na mesma vogal, mas a quantidade de postônicas diminui por supressão de segmentos.

As palavras em português são classificadas em três tipos, quanto à localização do acento primário: **oxítonas**, **paroxítonas** e **proparoxítonas**. As **oxítonas** levam acento primário na última sílaba, como **SOFÁ**, **ENTENDER**, **TALVEZ**, entre outras. As **paroxítonas** levam acento primário na penúltima sílaba, como **CORDA**, **ENTENDIA**, **PORTANTO**.

As **proparoxítonas** são aquelas cujo acento primário se localiza na antepenúltima sílaba. Em língua portuguesa, temos, como exemplos de padrão proparoxítono²:

² O levantamento dos exemplos foi feito por mim, por meio do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (Cf. PRIBERAM, 2015) e do Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (Cf. MICHAELIS, 2015)

- Formas verbais de Pretérito Imperfeito, conjugados em quarta pessoa, como CANTÁVAMOS, ENTENDÍAMOS, FUGÍAMOS, no Modo Indicativo; ou CANTÁSSEMOS, ENTENDÊSSEMOS, FUGÍSSEMOS, no Modo Subjuntivo.
- Formas superlativas formadas com os sufixos –ÍSSIMO e –ÉRRIMO, como ELEGANTÍSSIMO e PAUPÉRRIMO.
- Adjetivos formados com o sufixo átono –ICO, como JURÍDICO, BÍBLICO ou CLÁSSICO.
- Numerais ordinais formados com o sufixo –ÉCIMO (ou alomorfes), como SÉTIMO, DÉCIMO, VIGÉSIMO, MILÉSIMO.
- Ênclises construídas a partir de formas verbais com acento primário na penúltima sílaba, como PERCEBE-SE, ALIVIAVAM-SE, ATENHO-ME, PERDENDO-NA, FAÇA-NOS, e muitas outras.
- Antropônimos formados pelos sufixos –SON e –TON, como é o caso de ÂNDERSON e HÉVERTON. E, também, antropônimos diversos como ÁGATA, ÉRICA, MÔNICA. Saliente-se que antropônimos são susceptíveis a variações ortográficas diversas, algumas imprevisíveis, mas isso não interfere na prosódia do nome.
- Itens lexicais latinos, originalmente no diminutivo, como PARTÍCULA ou VENTRÍCULO.
- Adjetivos diversos como ÚMIDO, MÚLTIPLO, ÓTIMO, PÉSSIMO, entre outros.
- Substantivos diversos como ÁRVORE, ESTÔMAGO, ÉTICA, MÁQUINA, MÚSICA, MÍMICA, PARALELEPÍPEDO, SÍMBOLO, TÍMPANO, ZOOLOGICO, entre muitos outros.

Há de se diferenciar, aqui, o que é um vocábulo de **padrão proparoxítono** do que é uma realização – ou evocação – proparoxítona. Um vocábulo pode ter padrão proparoxítono, mas, na realização concreta, deixar de ser proparoxítono; são os casos de variação na forma acentual que mencionei anteriormente. No Capítulo 3, tratarei, entre

outras coisas, dos tipos prosódicos resultantes, que são exatamente as evocações não proparoxítonas de vocábulos de padrão proparoxítono.

Em geral, a literatura considera oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas como as três únicas possibilidades de formato acentual do português. No entanto, Lee (2007) aponta para uma outra forma acentual, de acento primário na pré-antepenúltima sílaba; ele chama esse formato acentual de **preproparoxítona**. Em suas palavras: “O acento pré-proparoxítono ocorre pela epêntese devido à estrutura silábica do PB. Ele viola a restrição de janela trissilábica e implica na interação entre o acento e a estrutura silábica” (LEE, 2007 p. 122, nota de rodapé). Ele fornece como exemplo os vocábulos TÉCNICO e RÍTMICO, que, foneticamente, se realizam como TÉ[ki]NICO e RÍT[i]MICO. A mesma regra pode ser aplicada a HELICÓPTERO > HELICÓP[i]TERO e até mesmo DÉFICIT > DÉFICIT[i]. Nesses casos, a presença de uma consoante oclusiva na margem final da sílaba impulsionaria uma epêntese ou paragoge de uma vogal que formaria uma nova sílaba.

A consideração de Lee (2007) sobre o acento preproparoxítono raramente embasa outros autores. Dos que evocarei neste trabalho, apenas Ferreira-Gonçalves (2010) cita Lee e leva em consideração esse formato acentual específico. Nesta dissertação, também considerarei a preproparoxítona como um formato acentual possível na língua, visto que ele existe e será mostrado nos dados. No entanto, não será a consoante em posição de coda que impulsionará uma evocação preproparoxítona, mas unicamente a condição de proparoxítona do vocábulo, como veremos no Capítulo 3. Por essa mesma razão, excluí do corpus inicial o vocábulo HELICÓPTERO, pois a possibilidade de um modelo fonológico adulto que não seja proparoxítono é inviável para o estudo aquisicional a que me proponho aqui.

Agora, abordarei a literatura sobre a Fonologia do PB, com trabalhos de pesquisa e teorizações sobre as proparoxítonas.

1.1.1 Em questão, a excepcionalidade

A maioria dos estudos recentes sobre os padrões acentuais do PB situam-se nas teorias métricas ou na chamada Teoria da Otimalidade. Muitos também têm se

desenvolvido no campo da Sociolinguística; esses, mantendo um diálogo constante com teorias não lineares. Essas abordagens dão às proparoxítonas um caráter de excepcionalidade no PB; ou seja, a proparoxítona é um formato acentual esdrúxulo, excepcional, enquanto o formato preferencial é o paroxítono. Essa visão está bem representada nas palavras de Bisol (2014, p.140): “Podemos considerar que o acento proparoxítono é marcado, no sentido de que é o menos usual. É um acento especial, contrário à tendência geral de acentuar a penúltima sílaba”.

Araújo et. al (2007, p. 38-41) dizem:

A literatura que trata do acento lexical no PB [...] afirma, em geral, que o acento na penúltima sílaba é o padrão, enquanto acentos na última (oxítona) e na antepenúltima (proparoxítona) sílaba são desvios.

[...]

Dessa forma, pode-se concluir que a literatura, de forma geral, “resolve” a questão das palavras proparoxítonas considerando-as exceções à regra de acento

Na contramão dessas abordagens, Araújo et al. (2007) afirmam que as proparoxítonas não são excepcionais e pertencem ao sistema acentual do português tanto quanto as oxítonas e paroxítonas. Eles fazem uma longa discussão, trazendo os diversos vieses à tona, e fazem breves pesquisas para coleta de dados que confrontem a visão geral de excepcionalidade. Eles abordam os seguintes temas:

- A redução de proparoxítonas a paroxítonas
- A entrada tardia das proparoxítonas na língua
- A frequência de uso das proparoxítonas

a) Sobre a redução

A redução de palavras proparoxítonas a paroxítonas é um fenômeno muito comum e amplamente registrado no PB. A redução se caracteriza pela síncope de uma vogal e consequente ressilabificação de uma consoante, como nos exemplos abaixo:

- ABÓBORA > ABOBRA: síncope de /O/ seguida de ressilabificação da consoante /r/, que, sem se deslocar, deixa de ser cabeça simples e passa a ser segunda consoante de uma cabeça complexa.
- CÓRREGO > CORGO: síncope de /E/ seguida de ressilabificação de /r/, que sem se deslocar, deixa de ser cabeça de uma sílaba e passa a ser coda da sílaba anterior.

A redução é um frequente argumento em favor da excepcionalidade das proparoxítonas, apontado na literatura como algo que já se iniciou no latim – temos alguns exemplos de vocábulos que eram proparoxítonos no latim e se tornaram paroxítonos no português, como CALIDUM > CALDO, VIRIDEM > VERDE, DOMINUM > DONO, MASCULUM > MACHO (Cf. ARAUJO et al, 2007, p. 44) – e se mantêm até os dias atuais na linguagem popular. Bisol (2014, p. 140) afirma que “uma evidência do caráter não nativo destas palavras é o fato de que há uma tendência a regularizar o acento para a posição paroxítona, através do apagamento da penúltima sílaba.” Câmara Jr (1970, p. 65) afirma que “[...] a língua padrão do Brasil se diferencia da língua popular pela manutenção dos proparoxítonos, que esta tende a reduzir a paroxítonos pela supressão de um segmento postônico [...]”. Castro (2008, p. 114), em consonância com Câmara Jr, afirma que

o processo de redução de proparoxítonas verificado na história do português (e que foi a deriva natural da língua) continua, todavia, ativo na nossa linguagem popular, agindo sobre as proparoxítonas que entraram tardiamente em nosso léxico, como atestam diversos autores que se dedicaram ao estudo de variedades regionais do português popular

Silva Filho (2010, p.81) também segue essa tendência teórica: “Fenômeno lingüístico comum, desde a época latina, a síncope na sílaba postônica não-final de proparoxítonas estende-se até hoje.” Couto (2006, p.86) acrescenta que há realizações reduzidas de proparoxítonas em algumas variedades rurais que reforçam a excepcionalidade – repugnância, em suas palavras –, como TÉ[n]CO e TE[nk] (TÉCNICO), HELICÓP[Ø] (HELICÓPTERO) e ANÁ[ps] (ANÁPOLIS). Segundo ele:

De modo aparentemente surpreendente, essas formas apresentam padrões silábicos mais complexos do que a forma não alterada, uma vez que contêm na coda consoantes oclusivas, e até grupos consonantais. Ao que tudo indica, a língua popular assumiu esse ônus a fim de evitar proparoxítonas.

Amaral (2002, p. 99) afirma que “das classes acentuais da língua portuguesa, as proparoxítonas constituem a menor e a mais especial. Na primeira edição do Dicionário Aurélio, entre 120.000 verbetes aproximadamente, apenas cerca de 8520 são proparoxítonas.”

Como se vê, a ideia de que a proparoxítona é excepcional é generalizada. Para os autores pró-excepcionalidade, soma-se à redução comum nas classes populares o fato de que essas reduções geram diminutivos de algumas palavras, como é o caso de ÓCULOS e XÍCARA, cujos diminutivos são, respectivamente, OCLINHOS e XICRINHA.

Para Araujo et al (2007), no entanto, a redução não excepcionaliza as proparoxítonas no PB. Eles afirmam, primeiramente, que a redução só é realmente possível em vocábulos com estruturas silábicas flexíveis, onde existe possibilidade de ressilabificação de uma consoante. Vocábulos como MÉDICO, BÊBADO, RÁPIDO, PÊNALTI ou ÉPOCA (que não são passíveis de formar um novo encontro consonantal) não reduzem; alguns, inclusive, passam por um processo de síncope que acaba reconstituindo o formato proparoxítono, como LÂMPADA > *LÂMPDA > LÂMPIDA, ou, também, BÊBADO > *BÊBDO > BÊBIDO – o asterisco (*) representa uma forma hipotética. Além disso, o fenômeno inverso também ocorre: alguns vocábulos originalmente paroxítonos podem se tornar proparoxítonos, como é o caso de RIT[i]MO, ABRUP[i]TO, PA[ki]TO.

Quanto à formação de diminutivos, Araújo et al. contra-argumentam afirmando que alguns vocábulos proparoxítonos não formam diminutivos por redução: PÊSSEGO e MÚSICA, segundo os autores, não possuem as formas diminutivas *PESGUINHO e *MUSGUINHA.

Em relação à linguagem popular, Araújo et al. contra-argumentam as palavras de Filomena Sândalo, que afirma que as proparoxítonas só se mantêm no português por pressão da gramática normativa:

De fato, a gramática normativa, como qualquer outro instrumento lingüístico, exerce pressão sobre a língua. No entanto, pessoas com baixa escolarização ou mesmo sem escolarização alguma também produzem palavras proparoxítonas. Além disso, o letramento, a universalização e a democratização do acesso à escola tenderiam, portanto, a aumentar a influência da gramática normativa e, por conseguinte, aumentar a ocorrência de proparoxítonas em muitas variantes. Possivelmente, os dois fatos (influência da gramática normativa e produção de proparoxítonas) não sustentam uma relação de causa e consequência. (ARAÚJO et al, 2007, p. 48)

b) Sobre a entrada tardia

Um constante argumento para a excepcionalidade das proparoxítonas é o lugar delas na constituição histórica do português. Segundo alguns autores pró-excepcionalidade, todos os vocábulos de padrão proparoxítono entraram no português tardiamente, já após sua constituição histórica. Castro (2008, p.114), por exemplo, afirma que “[...] o processo de redução de proparoxítonas verificado na história do português [...] continua, todavia, ativo na nossa linguagem popular, agindo sobre as proparoxítonas que entraram tardiamente em nosso léxico.” Bisol (2014) também se vale desse viés histórico:

O grupo das proparoxítonas é o menor em português. Este grupo é constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego, os quais entraram na língua a partir da Renascença, com o ressurgimento do interesse, por parte dos escritores, artistas e estudiosos em geral pelo período clássico. (BISOL, 2014, p. 143)

A esse respeito, Araújo et al. (2007) dizem que não há evidências reais de que as proparoxítonas tenham surgido depois das paroxítonas e oxítonas. Eles começam afirmando:

Se a hipótese da entrada na língua no século XVI justifica a excepcionalidade das proparoxítonas (posteriores às mudanças fonológicas que alteram a posição do acento na palavra), dois fatos estatísticos são esperados: primeiro, a data média da primeira documentação na língua para palavras proparoxítonas deverá ser maior do que para palavras não-proparoxítonas; e, em segundo lugar, a distribuição empírica das palavras com acento na antepenúltima deverá apresentar uma transição evidente ou um pico no século XVI, que corresponde à data da suposta introdução da maioria dessas palavras. (ARAÚJO et. al., 2007, p. 51)

Para verificar essas postulações, eles estudam verbetes presentes no Dicionário Houaiss, com entrada na língua datadas dos séculos IX a XX. Eles constataram que tanto as proparoxítonas quanto as oxítonas e paroxítonas entraram de forma regular em todos os séculos e que a entrada de proparoxítonas manteve uma trajetória crescente.

c) Sobre a frequência de uso

Uma questão sobre a excepcionalidade analisada por Araújo et al. é que os vocábulos de padrão proparoxítono são pouco utilizados, o que se denomina frequência de uso – ou

frequência de ocorrência – que, em linhas gerais, significa que, na produção textual de algum falante, o número de vezes em que ele fala ou escreve uma palavra proparoxítona será inferior ao número de ocorrências de paroxítonas ou oxítonas.

Buscando investigar essa frequência de ocorrência, Araújo et al. (2007) fizeram uma pesquisa no Google utilizando uma quantidade equilibrada de palavras entre quatro tipos prosódicos: oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas e vocábulos monossilábicos. Segundo essa pesquisa, a frequência de ocorrência de proparoxítonas é, de fato, inferior, mas eles explicam isso com o fato de que a extensão da maior parte dos não propiciam o acento proparoxítono, visto que, para que haja um acento proparoxítono, a forma lexical deve ter mais de duas sílabas.

d) Conclusões

Araújo et al. (2007, p. 59) concluem que a desqualificação das proparoxítonas para o sistema acentual do português é um equívoco teórico e que, portanto, “as análises deveriam considerá-las como parte do sistema”.

1.1.2 As proparoxítonas nos modelos fonológicos não lineares

1.1.2.1 A sílaba extramétrica

Para Araújo et al. (2007), a extrametricalidade “tem a função de tornar elementos (em geral, sílabas ou codas) invisíveis à aplicação da regra”. Silva (2011, p. 106), define extrametricalidade – ou extrametricidade – como “propriedade de um segmento ou de uma sílaba ser invisível à organização fonológica”.

A noção de um elemento que é extramétrico tem sua origem na Fonologia Métrica e se desdobrou com modelos fonológicos posteriores, como a Fonologia Prosódica e a Fonologia Lexical. Algumas estruturas fonológicas não são contempladas pelas regras fonológicas desses modelos teóricos; entre elas, estão as formas proparoxítonas; essas estruturas são chamadas de extramétricas.

No caso das proparoxítonas, a regra não se aplica graças à dinâmica teórica de divisão em um binário de sílabas. De acordo com esses modelos teóricos, uma cadeia de fala ou uma palavra pode ser dividida em fragmentos de duas sílabas, sendo uma fraca e a outra forte. A esse elemento binário denomina-se pé métrico (ou pé linguístico). Quando a primeira sílaba do pé é a mais forte, o pé é denominado troqueu. Quando a segunda sílaba é a mais forte, o pé é denominado iambo. As proparoxítonas são um caso à parte, pois a regra não prevê uma sílaba forte seguida de duas sílabas fracas; sendo esse o caso, as formas proparoxítonas são classificadas troqueus e a última sílaba é descartada das análises, recebendo, assim, a designação de sílaba extramétrica. (Cf. BISOL, 2005, p.154-156; CAGLIARI, 2002, p.118-123). Nas palavras de Silva (2011, p. 106):

Em português, a maioria das palavras é paroxítona, formando um pé métrico do tipo forte-fraco (s w). Já as palavras proparoxítonas representam um problema para a análise métrica do português, por apresentarem uma sílaba forte seguida de duas sílabas fracas: (s w w). Contudo, se assumirmos que em palavras proparoxítonas a sílaba final é extramétrica, ou seja, invisível ao algoritmo de atribuição acentual, teremos uma sequência acentual do tipo (s w), que é equivalente para as palavras paroxítonas. Assim, numa palavra como *cálice*, a sílaba final *ce* é invisível à atribuição do acento, i.e., *ce* é extramétrica, e as sílabas (*cá li*) tem atribuição de acento como (s w) [...]

1.1.2.2 O acento marcado

A ideia de um elemento marcado na língua teve sua origem na Fonologia Gerativa e teve continuidade nos modelos não lineares. O elemento marcado é aquele que, na teorização da estrutura linguística, se apresenta como uma exceção à regra ou como uma raridade (Cf. SILVA, 2011, p. 148).

Para os modelos teóricos não lineares, o acento proparoxítono é sempre um acento marcado. Essas teorias, em especial a Teoria da Otimalidade, defendem a existência de regras de localização do acento nos vocábulos. No português, a regra será acento primário na penúltima sílaba, ou na última, se nesta houver coda, ditongo ou nasalidade. Assim, os vocábulos em português serão oxítonos se terminarem em sílaba pesada ou paroxítonos se terminarem em sílaba leve. Qualquer acento primário que burle essa regra é denominado acento marcado. (Cf. LEE, 1994; FERREIRA-GONÇALVES, 2010).

Um argumento comumente utilizado em favor da fatidicidade do acento marcado (Cf. FERREIRA-GONÇALVES, 2010) é que ele sempre encontra correspondência nas regras ortográficas:

- Sofá, abará, bebê (oxítonas cuja sílaba final é leve)
- Mártir, vírus, fácil (paroxítonas com sílaba final pesada)
- Título, próstata, tentáculo (proparoxítonas)

Alguns autores, como Lee (1994) apontam que as regras de acentuação são distintas para verbos e não verbos, como, por exemplo, que o domínio do não verbo para aplicação do acento é o morfema enquanto o do verbo é a palavra. De qualquer forma, mesmo nesses casos, o acento proparoxítono continua sendo marcado; Lee (1994) chega a explicitar a extrametricalidade como um ponto de marcação do acento.

1.1.3 Trabalhos sociolinguísticos: as proparoxítonas na fala adulta

Ao longo dos últimos quinze anos, alguns trabalhos desenvolvidos na Sociolinguística confirmam a redução de proparoxítonas como um marco do português popular, tanto nas áreas urbanas, como nas áreas rurais. Abaixo, um quadro que demonstra estudos específicos sobre as proparoxítonas em diferentes regiões do Brasil:

Trabalho	Localidade estudada
Aragão (2000)	Fortaleza (CE)
Amaral (2001; 2002)	São José do Norte (RS)
Silva (2006)	Sapé (PB)
Ribeiro (2007)	Belo Horizonte (MG)
Castro (2008)	PN (Atlas Linguístico)
Lima (2008)	Rio Verde (GO) e Santa Helena (GO)
França (2009)	Jauru (RO)
Silva Filho (2010)	Jaboatão (PE)
Carvalho (2010)	Dourados (MS)
Guimarães e Araújo (2012)	PB (Atlas Linguístico)
Santana e Bezerra (2013)	MA (Atlas Linguístico)
Araújo e Almeida (2014)	PB (Atlas Linguístico)

Quadro 1: Trabalhos sociolinguísticos sobre proparoxítonas

A constatação geral desses trabalhos é que a produção paroxítona de proparoxítonas é inversamente proporcional ao grau de escolaridade dos falantes; ou seja, quanto menos escolarizado é o falante, mais ele tende à redução de proparoxítonas. Além do fator escolaridade, outros dois fatores foram constantemente abordados nesses trabalhos:

- Idade: quanto mais velho o falante, maior a tendência para a redução.
- Sexo (ou Gênero): homens tendem a reduzir mais do que mulheres.

O fator sexo (ou gênero) se mostrou muito pouco influente em comparação com idade e escolaridade. O fator idade se mostrou relativamente influente, em especial no trabalho de Amaral (2001). Porém, o fator mais preponderante e que influencia de maneira mais decisiva é o grau de escolaridade, estando os outros dois, geralmente, subordinados a este.

Além dos fatores sociais (ou extralinguísticos, termo utilizado em geral na Sociolinguística), alguns fatores linguísticos também são abordados:

- Contexto fonológico precedente (antes da vogal postônica não final): consoantes oclusivas ou fricativas labiodentais. Ex: ÁRVORE > ARVRE.
- Contexto fonológico seguinte (após a vogal postônica não final): consoantes líquidas. Ex: ABÓBORA > ABOBRA.

Amaral (2002) leva em conta, também, a possibilidade de ressilabificação de consoantes fricativas, como em CÓCEGAS > COÇCA. Nesses casos, para Amaral, também é acrescentada a fricativa no contexto fonológico precedente e a oclusiva no contexto fonológico seguinte.

Embora esses trabalhos abordem os contextos fonológicos precedente e seguinte separadamente, apenas catalogando as consoantes encontradas em cada um deles, na verdade, o que propicia a redução é uma combinação desses dois contextos. A redução não se mostra mais ou menos produtiva devido apenas a um desses dois contextos, mas à integração deles; em LÂMPADA, por exemplo, a redução não é produtiva nos trabalhos, caso em que o contexto precedente, uma oclusiva, propiciaria a redução, mas o contexto seguinte não. Em suma, o que propicia a redução é a possibilidade de uma reestruturação

silábica do vocábulo que esteja em acordo com a fonotática da língua. É o caso de ÁRVORE > ARVRE, em que há formação de um encontro consonantal, ou o caso de CÓCEGAS > COSCA, em que uma sibilante passa de cabeça a coda.

Esses trabalhos têm uma importância especial, aqui, por demonstrarem como as proparoxítonas se comportam na fala adulta. O fato de adultos não escolarizados tenderem para a redução, como tem sido demonstrado nas pesquisas sociolinguísticas, foi um fato decisivo para a escolha das crianças a serem estudadas na pesquisa que culminou nesta dissertação. Tratarei disso no Capítulo 2.

1.2 A AQUISIÇÃO DOS PADRÕES ACENTUAIS NO PB

Como as crianças se saem aprendendo o sistema acentual de sua língua? Essa é a pergunta feita por Helen Goodluck (1992, p. 31), e cuja resposta ela mesma fornece:

É notável que, mesmo numa língua como o inglês, com um sistema acentual complexo, as crianças não parecem incorrer em erros de acento na fala espontânea. Muitos estudos defendem a ideia de que os sistemas acentuais são facilmente dominados.³

Para ela, é mais provável que as alterações nos formatos acentuais encontradas durante o processo de aquisição da linguagem pelas crianças se devam mais às estruturas silábicas do que ao acento em si. Essa postulação é corroborada em trabalhos sobre aquisição do acento em PB, como mostrarei aqui.

É inegável que o interesse dos pesquisadores pela aquisição do acento cresceu com o advento dos modelos fonológicos não lineares, especialmente a partir de Allen e Hawking (1978 apud VIHMAN, 1996) e Nespor e Vogel (1986 apud VIHMAN, 1996). Allen e Hawking foram os primeiros a levantarem uma hipótese sobre a aquisição do acento: segundo eles, o formato prosódico natural das crianças é o troqueu (dissílabo paroxítono); eles desencadearam diversas pesquisas nessa direção.

Antes desses modelos, o estudo sobre a aquisição fonológica foi tradicionalmente farto em tentar explicar a estrutura segmental, como nas teorias estruturalista,

³ Trecho original: *It is notable that even in a language such as English, which has a complex stress system, children do not seem to make many errors in stress in their spontaneous speech. Several studies support the idea that stress systems are quite easily mastered.*

molde/conteúdo ou auto-organizacional, e, mais recentemente nos modelos biológicos e cognitivos. (Cf. TEIXEIRA, 2012b). O estudo do acento, no entanto, foi deixado à margem pelos modelos tradicionais, e só veio à tona a partir das tendências teóricas pós-gerativistas, como as teorias métricas e as teorias otimalistas. Talvez por isso, a maioria dos trabalhos que se desenvolvem sobre aquisição de prosódia se baseiam nessas novas tendências.

Segundo alguns autores, ainda há muitos desafios nos estudos sobre aquisição do acento. Para Vihman (1996, p. 199):

Uma dificuldade específica dos estudos sobre a aquisição do acento pelas crianças é a interação entre a variabilidade de produção da criança e a falta de controle sobre os vários parâmetros fonéticos que se combinam para fornecer a percepção da “sílabas tônica” de um lado, e, de outro, a relativa confiabilidade do pesquisador em tentar transcrever o acento na fala infantil ⁴

O primeiro trabalho que abordou os padrões acentuais na aquisição do PB foi o de Carola Rapp (1994), uma dissertação de mestrado sobre a elisão de sílabas fracas nos estágios iniciais de aquisição, com base na Fonologia Natural. Rapp (1994) estudou 8 (oito) crianças da cidade de Salvador, com idades de 1;6 (um ano e seis meses) a 2;0 (dois anos). Ela inseriu novos dados com novas perspectivas para a Fonologia Natural, e inseriu, pela primeira vez, a diferença entre a coalescência intersilábica e a coalescência intrasilábica.

No trabalho de Rapp (1994), 49 (quarenta e nove) vocábulos foram eliciados, classificados pela extensão silábica – monossílabos, dissílabos, trissílabos, tetrassílabos, pentassílabos, hexassílabos – e pelo padrão acentual – oxítonos, paroxítonos, proparoxítonos. Ela detectou que 54,7% das realizações foram dissílabas, e 54,7% das realizações foram paroxítonas, constatando, assim:

o padrão prosódico-lexical preferencial, na faixa etária investigada, é o dissilábico paroxítono, impulsionando, desta forma, nesta direção, as simplificações de ordem prosódico-lexical encontradas nos enunciados infantis investigados, ainda que para isto seja necessária a complexificação da estrutura silábica [...] (RAPP, 1994, p. 162)

⁴ Trecho original: *One of the specific difficulties associated with the study of children's acquisition of stress is the interaction between child variability and lack of control over the several phonetic parameters which combine to give the percept "stressed syllable", one the one hand, and the relative (um)reliability of investigator attempts to transcribe the stress in child words, on the other.*

Em seguida, veio o estudo de Raquel Santos (2001), um trabalho de doutorado sobre a aquisição do acento primário no PB, com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros e na Fonologia Não Linear. Santos (2001) estudou dois sujeitos, a quem identifica como R. e T., nas idades de 0;11 (onze meses) a 3;0 (três anos) e de 1;2 (um ano e dois meses) a 3;4 (três anos e quatro meses), respectivamente.

Para Santos (2001, p. 273), os dados de R. e T. confirmam a “quase inexistência de erros de acentuação”. Erro de acentuação, nesse caso, refere-se a deslocamento do acento para uma outra vogal – o que chamarei, no Capítulo 3, de reacentuação; ou seja, para que a criança modifique o formato acentual, ela precisa empreender processos sobre a estrutura segmental dos vocábulos. Ela também conclui que o peso das sílabas não interfere nos processos de formato acentual e que regras da formação de padrões acentuais no português – sensibilidade ao peso silábico, borda à esquerda, constituintes binários, influência morfológica para os verbos – se aplicam cedo às crianças estudadas – a menor idade encontrada pela autora para aplicação dessas regras foi 1;4 (um ano e quatro meses).

Após o trabalho de Raquel Santos, Giovana Ferreira-Gonçalves Bonilha⁵ (2005), em uma tese de doutorado, lança mão de uma proposta teórica que integra a Teoria da Otimalidade com o Conexionismo. Em suas palavras:

O modelo conexionista pode ser aplicado para explicar o funcionamento de qualquer desempenho humano, pois está calcado na neurociência. A Teoria da Otimalidade é uma teoria de análise lingüística, não apenas de análise fonológica, pois está calcada no conexionismo. Não vem substituí-lo, não vem contribuir diretamente para o seu desenvolvimento, mas beneficia-se de seus avanços para propor uma teoria gramatical que seja, cada vez mais, capaz de dar conta da análise e descrição dos dados lingüísticos. (BONILHA, 2005, p. 56-57)

Bonilha assume que a entrada fonológica (input) aciona conexões neuronais e que essas conexões são formalizadas por meio de restrições. Através dessa Teoria da Otimalidade Conexionista, ela estuda a aquisição de vogais, consoantes, sílabas e do acento por um sujeito a quem identifica por G. Em relação ao acento, na análise da autora, os dados de G. confirmam algumas postulações:

- O acento não marcado surge primeiro e é menos dado a alterações – que a autora chama de truncamentos.

⁵ Segundo informação do currículo da autora na Plataforma Lattes, ela era referida como Giovana Bonilha até o final de 2007, passando a ser referida, a partir de então, como Giovana Ferreira-Gonçalves.

- Processos fonológicos relacionados à estrutura acentual são típicos do acento marcado.
- Iambos e troqueus surgem muito cedo na linguagem da criança.

Ela ainda afirma: “A análise dos dados de G. parece confirmar a não marcação das paroxítonas e oxítonas com sílaba final leve, e das oxítonas com sílaba final pesada. Já as proparoxítonas e paroxítonas pesadas são consideradas marcadas.” (BONILHA, 2005, p. 365).

Retomando o trabalho de Carola Rapp, Maria de Fátima Baia (2008a; 2008b; 2010), com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros, desenvolveu alguns estudos buscando um padrão universal de formato prosódico binário (iambo ou troqueu). Ela diz que na literatura sobre o formato prosódico inicial nas línguas germânicas e, também, sobre o formato prosódico preferencial na fala adulta do PB, há uma tendência ao troqueu. Para ela, porém, isso leva ao engano, pois os pesquisadores podem deduzir que a paroxítona é o padrão prosódico preferencial também na aquisição do PB. Segundo ela, as pesquisas não apontam essa tendência e

Ademais, curiosamente, o PB além de apresentar resultados que não vão bem ao encontro dos estudos realizados em outras línguas, apresenta uma discrepância interna nos estudos que adotam diferentes metodologias: enquanto o experimental afirma uma tendência prosódica, o observacional defende outra. (BAIA, 2008, p.8)

Para a autora, a tendência ao dissílabo paroxítono demonstrada no estudo de Carola Rapp se deve ao fato de que não haviam sido considerados verbos e o que chama de vocábulos do léxico particular – produções da criança que a autora interpreta como itens lexicais criados pela criança para nomear algo – e, também, por não haver um equilíbrio entre os vocábulos de formatos prosódicos diferentes, ou seja, o número de dissílabos paroxítonos foi maior porque havia um número maior de vocábulos com esse padrão.

Baia (2008a; 2008b) investigou a respeito de 3 (três) hipóteses em relação à tendência para o dissílabo paroxítono: exclusão do léxico particular, exclusão de verbos e método transversal e experimental de estudo. Em 2008a, considerando exclusivamente uma única coleta realizada, ela conclui que “os resultados não apontam uma tendência ou existência de um modelo prosódico default” (BAIA, 2008a, p.34). Em 2008b, considerando outras duas coletas, ela conclui que “os iambos diminuem se o léxico

particular e os verbos forem excluídos dos dados” e que há uma tendência geral para um formato iâmbico inicial, que não é forte (Cf. BAIA, 2008b, p.24).

Em sua dissertação de mestrado, Baia (2010) levanta a hipótese de que a metodologia da coleta de dados influencia no resultado: enquanto os estudos experimentais resultarão em uma tendência trocaica, estudos naturalísticos resultarão em uma tendência iâmbica. Como ela parte de um aporte teórico inatista, para ela, deve haver um formato prosódico inicial – que será um iambo ou um troqueu – que é universal.

Para investigar sua hipótese sobre a influência do método, Baia (2010) investiga crianças de 1;5 (um ano e cinco meses) a 3;0 (três anos). Ela desenvolve uma coleta de dados com a mesma metodologia de Rapp (1994) – com 42 (quarenta e duas) crianças – e compara com dados naturalísticos e longitudinais de uma criança, anteriormente coletados pelo projeto “A aquisição do ritmo em português brasileiro: processos de ancoragem”, da Universidade de São Paulo. Ela conclui que a metodologia exerce influência nos resultados de uma pesquisa sobre o formato prosódico infantil inicial, e sugere que a aquisição de outras línguas – inglês, holandês, alemão, sesoto, quiche, hebraico, francês, espanhol, catalão e português europeu – que também tiveram o troqueu como resultado foram afetadas por essa influência.

Santos (2007), também em busca de um padrão prosódico inicial, buscou identificar a existência ou não de um padrão universal para a aquisição do acento, comparando os dados de sua pesquisa anterior (SANTOS, 2001) com dados de aquisição da língua holandesa. Ela detecta que, enquanto, no holandês, há uma tendência ao dissílabo paroxítono (troqueu), no PB, há uma tendência ao dissílabo oxítono (iambo). Assim, Santos (2007, p. 57) conclui que “os dados apresentam que uma teoria que assuma o pé iâmbico dá mais conta dos dados de aquisição [do PB]”, e que

a proposta de universalidade de um arcabouço trocaico também não se sustenta. Embora sirva para explicar os dados de línguas germânicas, é desconfirmada quando se olha para os dados do português brasileiro. Propomos, alternativamente, que não haja uma marcação inicial (trocaica ou iâmbica). Esta marcação é feita bem inicialmente pelas crianças, quando expostas à língua que estão adquirindo.

Esses trabalhos têm achados bem diferentes sobre qual seria o primeiro formato acentual que surge na linguagem da criança que adquire o PB como língua materna: Rapp (1994) aponta para o paroxítono, Baia (2010) e Santos (2007) para o oxítono – de forma

que, para Baía, há um padrão universal enquanto Santos não sustenta essa hipótese – e Bonilha (2005) para ambos. Com base nesses trabalhos, é inegável que a proparoxítona, na linguagem da criança, é posterior às oxítonas e às paroxítonas, restando identificar quando o formato padrão proparoxítono surge na linguagem da criança, quando é mais produtivo e o que ocorre com as palavras proparoxítonas antes desse momento. Achar essas respostas requer uma investigação específica. Como esses trabalhos abordam o acento de uma forma geral, não estudaram mais detidamente as proparoxítonas de modo a encontrar essas respostas.

1.2.1 Aquisição de proparoxítonas

O primeiro trabalho a discorrer sobre a aquisição de proparoxítonas foi o de Ferreira-Gonçalves⁶ (2010) e, em seguida, o da minha pesquisa na graduação, culminada em Vargens (2012). Antes desses dois trabalhos, como mencionei anteriormente, alguns trabalhos sobre a aquisição do acento em língua portuguesa foram desenvolvidos, com algumas conclusões a respeito das proparoxítonas, mas sem se debruçar detidamente sobre esse tema.

Em Rapp (1994), as proparoxítonas foram o alvo mais afetado pela elisão e, mais precisamente, pela coalescência intersilábica (abordarei esses fenômenos na seção 1.3), tornando-se, em geral, paroxítonas. Em suas palavras:

O padrão paroxítono alvo [...] foi o padrão que permitiu a ocorrência do maior número de enunciados dentro do padrão prosódico-lexical alvo e o padrão proparoxítono alvo, o menor. (RAPP, 1994, p. 160, grifo meu)

Curiosamente, o padrão proparoxítono alvo, em relação ao oxítono alvo, provocou menos enunciados com ET [Elisão Total], principalmente, quando se observam os enunciados do GL [Grupo Lexical] dos trissílabos, mas suscitou um elevado número de enunciados com EP [Elisão Parcial], surgindo, assim, o fenômeno característico desse padrão prosódico, a coalescência intersilábica, podendo ele também ocorrer em enunciados referentes aos outros dois padrões prosódicos, porém, em menor escala. (RAPP, 1994, p. 161)

Rapp (1994) estudou 10 (dez) vocábulos de padrão proparoxítono, a saber: ABÓBORA, ÁRVORE, HELICÓPTERO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÉDICO, ÓCULOS, ÔNIBUS, PRÍNCIPE e

⁶ Segundo informação do currículo da autora na Plataforma Lattes, ela era referida como Giovana Bonilha até o final de 2007, passando a ser referida, a partir de então, como Giovana Ferreira-Gonçalves.

VELOCÍPEDE. Do total de produções de 9 (nove)⁷ desses vocábulos, estimo que 19,48% foram dentro do padrão acentual; ou seja, acento proparoxítono foi rejeitado, de fato, pelas crianças na faixa etária estudada – 1;6 (um ano e seis meses) a 2;0 (dois anos).

Santos (2001) afirma que as proparoxítonas, sendo pouco frequentes mesmo na fala adulta, não têm uso produtivo na fala infantil. Ela detectou essas formas em 2;2 (dois anos e dois meses) e 2;3 (dois anos e três meses) nas respectivas produções dos dois sujeitos analisados. Como o trabalho da autora é de metodologia naturalística, de fato, as proparoxítonas foram pouco produtivas. Ainda assim, ela consegue descrever a redução de alguns vocábulos e detecta que

T. ainda reduz essas palavras para formas paroxítonas ou oxítonas até o final do período analisado [aos 3;0]. R. reduz menos as palavras proparoxítonas, mas essa estratégia pode ser encontrada até 2;6 em seus enunciados. A partir de então, essa estratégia de redução desaparece. (SANTOS, 2001, p. 185-187)

Santos (2001) chega a mencionar os mesmos processos e estratégias que abordarei no Capítulo 3; porém, o trabalho dela não poderá ser retomado aqui. Isso porque, como houve poucas ocorrências de proparoxítonas no seu estudo e, ademais, como não foi seu objetivo estudar os processos fonológicos em AL, não houve aprofundamento dessa questão.

Baia (2010), na coleta de dados de natureza experimental e transversal – 1;5 a 3;0 – estuda 6 (seis) vocábulos de padrão proparoxítono, a saber: ÁRVORE, FÓSFORO, LÂMPADA, MÁGICO, ÓCULOS e ÔNIBUS. Ela detecta a predominância de redução para a forma paroxítona (SWW > SW⁸) como um fenômeno predominante nas mudanças desses vocábulos. Como seu objetivo é estabelecer a influência da metodologia no resultado obtido quanto ao formato prosódico inicial, ela não se aprofunda muito na questão do padrão proparoxítono.

Ferreira-Gonçalves (2010) aborda a aquisição do acento marcado, tomando como suporte a Teoria da Otimalidade Conexionista. Ela utiliza os dados do mesmo sujeito por ela estudado anteriormente (BONILHA, 2005), cuja fala foi registrada de 1;7 (um ano e sete meses) a 3;9 (três anos e nove meses). Desse sujeito, longitudinalmente estudado, ela obteve o registro de 15 (quinze) vocábulos de padrão proparoxítono, a saber: ABÓBORA,

⁷ Pelas razões explicitadas na seção 1.1, a respeito do acento preproparoxítono, excluí dessa análise o vocábulo HELICÓPTERO (ver página 17).

⁸ Essa simbologia é originária dos termos em inglês: S (Strong = forte) e W (Weak = fraco). Assim, o S representa a sílaba tônica e cada W representa uma sílaba átona.

ÁRVORE, ESPETÁCULO, LÂMPADA, MÁQUINA, MÉDICO, MÚSICA, ÓCULOS, PÁGINA, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE, RÁPIDO e XÍCARA. Como se tratou de um estudo da fala espontânea, nem sempre esses vocábulos tiveram uma quantidade representativa de produções, alguns tendo sido evocados apenas uma vez em todo o período de coleta.

Ferreira-Gonçalves afirma que, enquanto o acento não marcado ocorre precocemente na fala da criança, o acento marcado é bem posterior. O acento proparoxítono surge na linguagem do sujeito pesquisado aos 2;10 (dois anos e dez meses). Ela explica esse fato da seguinte maneira: “A aquisição tardia do acento proparoxítono pode ser explicitada pelo fato de a criança ainda não aplicar à extrametricidade, incorrendo no apagamento da sílaba final com a manutenção do pé troqueu” (FERREIRA-GONÇALVES, 2010, p. 8;10). A partir dessa idade, “a variação é constatada em palavras que sofrem truncamento na fala do adulto como abóbora e xícara, o que é facilmente explicado pelas diferenças acerca dos inputs recebidos e, conseqüentemente, das formas alvo a serem atingidas” (FERREIRA-GONÇALVES, 2010, p.11).

Porém, algumas questões precisam ser levantadas a respeito dessas conclusões. Primeiramente, há apenas 1 (uma) produção em que se pode afirmar que ocorreu apagamento da sílaba final, no vocábulo PLÁSTICO, aos 2;8 (dois anos e oito meses) – transcrição disponível: [ˈplasçi] (Cf. FERREIRA-GONÇALVES, 2010, p. 10); os outros casos referem-se a XÍCARA, em que a forma final XICA é mais provavelmente a junção das duas últimas sílabas – coalescência intersilábica, do que tratarei na próxima seção –, interpretada pela autora como apagamento da sílaba final devido à similaridade articulatória entre as vogais postônicas. Em relação à produção posterior da criança, os dados sobre a aquisição das proparoxítonas são muito escassos. Dos vocábulos evocados pelo sujeito estudado, apenas para ABÓBORA encontra-se uma larga escala de produções ao longo das faixas etárias. Os demais vocábulos ou se concentraram em um grupo de idades ou aparecem esporadicamente. Assim, é precoce definir, com base nesses dados, que a aquisição de proparoxítonas se dá, de fato, aos 2;10 (dois anos e dez meses).

Em Vargens (2012), foram estudados 6 (seis) vocábulos, a saber: ÁRVORE, FÓSFORO, MÁQUINA, ÓCULOS, ÔNIBUS e XÍCARA. O corpus foi retirado dos dados do Programa de Estudos sobre Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna – PROAEP, coletados na aplicação do Exame Fonético-Fonológico ERT, pela Universidade Federal da

Bahia. Desses dados, foram analisadas as produções de crianças da Classe A – filhos de pai e/ou mãe com nível superior de escolaridade – e da Classe C – filhos de pai e/ou mãe com, no máximo, nível fundamental. Foram, ao todo, 144 (cento e quarenta e quatro) crianças de 2;1 (dois anos e um mês) a 9;0 (nove anos), distribuídas em 9 (nove) faixas etárias, de acordo com o próprio PROAEP.

A análise dos dados em Vargens (2012) demonstrou que, enquanto na classe A, o padrão proparoxítono era paulatinamente adquirido, demonstrando um aumento no número de produções padrão, na classe C, as produções padrão e não padrão coexistiram equilibradamente ao longo das faixas etárias. No caso da classe C, trata-se de um resultado que não é aquisicional, mas sociolinguístico, ou seja, com base nos dados que os trabalhos sociolinguísticos apresentaram (e confirmados, aqui, na seção 1.1.3), foi possível postular que o modelo adulto que as crianças da classe C recebiam não era proparoxítono, mas paroxítono. Através de um quadro comparativo (Cf. VARGENS, 2012, p. 52), foi possível confirmar essa postulação, visto que os fenômenos ocorrentes na aquisição da linguagem eram similares aos ocorridos na fala de adultos não escolarizados ou com nível fundamental.

Um ponto importante detectado nesse trabalho foi que a produção não padrão – geralmente paroxítona – das proparoxítonas teve uma taxa de ocorrência e seu papel na AL de maneira diferente para os vocábulos MÁQUINA e ÔNIBUS em relação aos demais. O que esses dois vocábulos têm em comum é a impossibilidade de formação de um encontro consonantal a partir das consoantes que os compõem. Esse fator, que chamarei, aqui, de estrutura consonantal, pareceu ser decisivo para a aquisição mais precoce ou mais tardia do padrão acentual do vocábulo.

Como o corpus de Vargens (2012) foi bastante reduzido, pois o exame ERT não tinha por objetivo estudar os padrões acentuais, não foi possível tirar conclusões abrangentes. Aqui, me proponho a dar continuidade a esse trabalho, com novos dados, um número maior de vocábulos com contextos fonológicos mais diversificados, e comparando com dados disponíveis em outros trabalhos: Rapp (1994), Baia (2010) e Ferreira-Gonçalves (2010); com todas as ressalvas já feitas para esse último, ele será um somatório aos demais dados, de forma que permita não conclusões abrangentes isoladamente, mas em confluência com o que for analisado nos demais. Como não tive acesso aos dados de

pesquisa de Santos (2001), não poderei trazer esses dados para contraste aqui; é importante, no entanto, ressaltar sua relevância como o primeiro trabalho sobre, especificamente, aquisição do acento no PB.

1.3 OS PROCESSOS FONOLÓGICOS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Em AL, entende-se como processo fonológico um conjunto de simplificações de elementos da fonologia – tipos de vogal, tipos de consoante, estruturas silábicas, e, nesta dissertação, o padrão acentual – encontrados na fala infantil. Os processos são identificados por meio de um contraste entre o que a criança tem como modelo adulto, ou seja, o que ela ouve, e o que essa mesma criança acaba evocando foneticamente. A partir desse contraste, é possível estabelecer quais elementos fonológicos são mais complexos e costumam ser simplificados.

Mas a noção de processos fonológicos não é exclusiva dos estudos em AL. Ela é comum a todo o campo de Fonética e Fonologia, sendo abordada por vários autores e parte de conteúdos didáticos em alguns cursos de Letras. Trata-se de um conceito presente em estudos de diversos tipos: sociolinguísticos, históricos, aquisicionais. Processos fonológicos são identificados a partir do contraste de uma forma fonológica padrão para uma realização concreta; por exemplo, da forma padrão VIDRO para a realização VRIDO, presente na linguagem popular do PB (Cf. TEIXEIRA, 2010, p. 44) ocorre o processo de migração. Outros processos comuns na fala adulta podem ser observados da forma padrão MUÇULMANO para MULÇUMANO, em que ocorre metátese, ou PARALEPÍPEDO para PARALELEPÍPEDO, por exemplo, em que ocorre síncope uma sílaba, ou da forma padrão MENDIGO para a variante MENDINGO, em que ocorre assimilação progressiva (Cf. CAVALIEERE, 2005, p. 58-59).

Na fala adulta, os processos fonológicos são intrínsecos ao sistema, algo que, para Ricardo Cavaliere (2005, p. 55), “é essencial para a sobrevivência da língua”. Luiz Carlos Cagliari (2002, p. 99) menciona os processos como alterações sonoras, fazendo uma correspondência entre fonologia e morfologia: “As alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”. Já Cavaliere (2005, p. 56) ressalta a

relevância do conceito de processos fonológicos para estudos sociolinguísticos e geolinguísticos. Segundo ele, “o estudo dos processos fonológicos auxilia o pesquisador a entender como se comporta a mudança da língua, mediante verificação dos fatos ocorridos no passado que se mantêm no presente, bem como os que não mais se manifestam nos usos hodiernos”. Para Cavaliere (2005), a situação fônica é responsável por muitos processos, havendo alguns casos em que é provável que o processo se dê por acomodação fônica, como o exemplo de MUÇULMANO, no parágrafo anterior; alguns, as mudanças condicionadas, estão diretamente relacionadas ao contexto fonológico; outros, os processos independentes, segundo Cavaliere, são dificilmente exemplificáveis e, para o autor, têm motivações ainda não conhecidas.

No contexto da AL, o estudo dos processos fonológicos tem suas raízes na Fonologia, Natural, que foi preconizada por David Stampe (1969 apud DZIUBALSKA-KOŁACZYK, 2004; MAYOUF, 2012; TEIXEIRA, 2012b) e desenvolvida em parceria com Patricia Donegan. Sua proposta, fundamentalmente inatista, era a de que as crianças valem-se dos processos para firmar o sistema fonético-fonológico da sua língua materna. Para eles, os processos fonológicos são respostas naturais dos sistemas vocal e perceptual humanos para dificuldades encontradas na produção e na percepção da fala; em outras palavras, é mais difícil produzir um som sonoro do que um surdo, um som velar do que um alveolar, dentre outros. Assim, em AL, os processos são de **simplificação fonológica**.

A proposta de David Stampe e Patricia Donegan é a de que os processos fonológicos são universais, ou seja, comuns a todas as línguas. Em suas palavras: “Visto que os processos são os mesmos para todos os indivíduos e todas as línguas, a fonologia do falante de uma dada língua é composta pelas mesmas inibições [linguísticas, fonológicas]. Os processos são universais.” (DONEGAN; STAMPE, 2009, p. 2)⁹ Eles ainda dizem:

A Fonologia Natural sustenta que todas as crianças, descobrindo, através da vocalização e do balbucio, suas capacidades orgânicas e seus sentidos, e ouvindo a fala ao seu redor, chegam a uma relação universal dos movimentos articulatorios com os seus resultados perceptuais (características) [...] (DONEGAN; STAMPE, 2009, p. 25)¹⁰

⁹ Trecho original: *Since all languages and individuals have the same processes, the phonology of a speaker of a particular language consists entirely of these inhibitions. The processes are universal.*

¹⁰ Trecho original: *Natural Phonology holds that all infants, discovering the capacities of their bodies and their senses through vocalization and babbling, and listening to the stream of actual speech around them, arrive at a universal theory of the relationship between articulatory actions and their perceptual results (features) [...]*

Para David Stampe e Patricia Donegan, os processos possuem realidade psicológica, ou seja, cada um dos processos existe na mente da criança em fase de aquisição, na forma como foram descritos. Em suas palavras: “Os processos fonológicos operam numa representação mental em tempo real das características do enunciado intencionado e a sua realização (output), embora possa variar consideravelmente em termos de conteúdo.” (DONEGAN; STAMPE, 2009, p. 2)¹¹

Dando continuidade à teoria, David Ingram e Pamela Grunwell estudaram os processos fonológicos, mas numa perspectiva que não era mais necessariamente inatista. Enquanto Stampe e Donegan defendem uma universalidade e generalidade dos processos fonológicos, para Ingram e para Grunwell, a criança desempenha papel fundamental na aquisição da linguagem e na aplicação dos processos, bem como a interação com o adulto e o ambiente exercem importante influência. (Cf. PEPE, 1993). David Ingram também leva em consideração a fala individual da criança, diferenciando-a do que se estabelece como padrão de fala:

As pesquisas já realizadas sobre a aquisição fonológica pelas crianças fornecem base para a análise individual da fala das crianças. Podemos determinar o estágio geral de desenvolvimento para uma criança e, em seguida, com o conhecimento desse estágio, olhar para as características específicas. [...] Enquanto a pesquisa já realizada é base para a análise da fala de uma criança, a análise da fala real pode ser outro assunto. Uma coisa é saber algo sobre os padrões gerais de fala, outra é tentar examinar uma amostra real de fala com o propósito de preparar uma análise (INGRAM, 1989, p. 51)¹²

Posteriormente, Elizabeth Teixeira (1986; 1988; 1990; 1991; 1996; 2012a) deu início ao estudo dos processos fonológicos na aquisição do PB. Ela, no entanto, diferencia-se da Fonologia Natural tradicional preconizada por David Stampe por não atribuir realidade psicológica aos processos. Segundo ela:

eles [os processos fonológicos] devem ser encarados como meros dispositivos descritivos que representam as estratégias transitórias de formulação de hipóteses

¹¹ Trecho original: *Phonological processes operate on a real-time mental prosodic representation of the features of the intended utterance, and their output, though it may differ considerably in content, is of the same kind: a real-time prosodic mental representation of the features of the actual utterance.*

¹² Trecho original: *The survey just given of phonological acquisition in children provides the basis for the analysis of the speech of individual children. We can determine the general stage of development for a child, and then, within that stage look at the specific characteristics. [...] While a survey of the sort just provided is the basis for analysing a child's speech, the actual analysis can be quite another matter. It is one thing to know something about some general patterns of speech and quite another to attempt to examine an actual speech sample with the purpose of preparing the analysis.*

utilizadas pelas crianças, i.e. interpretações linguísticas com as quais o analista tenta capturar o processamento que subjaz à fala da criança. (TEIXEIRA, 1988, p. 54)

Teixeira (2012a) identifica 17 (dezesete) processos fonológicos na aquisição do PB, introduzindo o conceito de **estratégia** de aplicação desses processos. As estratégias, segundo Teixeira (2012a, p. 3) são “os diferentes padrões realizacionais utilizados pela criança ao implementar cada processo”, enquanto os processos são “os princípios mais gerais de organização do material fonético-fonológico que a criança percebe e processa a partir da fala adulta”. Ela ainda afirma:

Os processos são, de fato, dispositivos notacionais formais para detalhar os “erros” de pronúncia da criança. Eles têm, contudo, uma importante vantagem sobre a classificação tradicional de erros, como “substituições, distorções e omissões”, à medida que a presença de outros fatores (como, por exemplo, os sons adjacentes) possa ser levada em conta, i.e., sua aplicação pode estar sujeita às pressões do contexto linguístico mais imediato. Eles se tornam, assim, capazes de ressaltar o fato de que o desenvolvimento fonológico leva à expansão das possibilidades estruturais dos padrões de fala da criança e à criação e ao estabelecimento de um sistema de contrastes. (TEIXEIRAa, 2012, p. 2)

Em outras palavras, os processos dizem respeito ao elemento que está sendo adquirido, que é simplificado durante a AL, e as estratégias são as mudanças a que se recorre para simplificar esse elemento.

Teixeira (2012a) agrupa os processos em três tipos: processos de substituição, processos modificadores estruturais e processos sensíveis ao contexto. Abaixo, reproduzo 3 (três) quadros disponíveis em Teixeira (2012a) que resumem e exemplificam os processos e as estratégias. Como a confusão das vogais médias e a supernalização não foram classificadas em nenhum dos três tipos de processo, os três quadros a seguir constam, ao todo, de 15 (quinze) processos.

a) Processos de substituição:

PROCESSO/ESTRATÉGIA		ITEM	FORMA INFANTIL	TROCA	ITEM	FORMA INFANTIL	TROCA
OCLUSIVIZAÇÃO		ELEFANTE	'pɛ̃fɨ	f→p	SOFÁ	to'pa	s→t f→p
GLOTALIZAÇÃO		QUERO	'kɛ̃ʔu	k→ʔ	BOCA	'boʔɛ	k→ʔ
ENSURDECIMENTO		GALINHA	ka'liɲɛ	g→k	CASA	'kasɐ	z→s
ANTERIORIZAÇÃO		CASTELO	paʃ'tɛlu	k→p	IGREJA	'tɛzɐ	g→t
SIMPLIFICAÇÃO DO /r/	ELISÃO	BARRIGA	bi'riɣɛ	r→∅	GARRAFA	ga'aʃɛ	r→∅
	SEMIVOCALIZAÇÃO	BURRO	'buwɐ	r→w	CARRO	'kawɐ	r→w
	LATERALIZAÇÃO	GARRAFA	ga'laʃɛ	r→l	CARRETA	ka'leʃɛ	r→l
	METÁTESE	RATO	'axtu	r↔a	RALO	'axlu	r↔a
CONFUSÃO DAS LATERAIS	ALVEOLARIZAÇÃO	PALHAÇO	pa'lasɐ	ʎ→l	MILHO	'milu	ʎ→l
	PALATALIZAÇÃO	COLO	'kɔlu	l→ʎ	BOLO	'boʎu	l→ʎ
CONFUSÃO DAS FRICATIVAS	PALATALIZAÇÃO	SAI	'ʃaj	ʃ→s	VOCE	vo'ʃɛ	ʃ→s
	DESPALATALIZAÇÃO	IGREJA	'gɛzɐ	ʒ→z	JACARÉ	zaka'le	ʒ→z
CONFUSÃO DAS LÍQUIDAS	ELISÃO	QUERO	'keu	r→∅	AMARELO	ma'ɛlu	r→∅
	SEMIVOCALIZAÇÃO	QUERO	'keyu	r→y	TIRA	'tʃyɛ	r→y
	LATERALIZAÇÃO	NARIZ	na'liʃ	r→l	BARATA	ba'latɐ	r→l

Quadro 2: Processos fonológicos em AL de substituição

Fonte: TEIXEIRA, 2012a, p. 6

b) Processos modificadores estruturais:

PROCESSOS/ESTRATÉGIAS		ITEM	FORMA INFANTIL	TROCA	ITEM	FORMA INFANTIL	TROCA
SIMPLIFICAÇÃO DA SEMIVOGAL DO DITONGO CRESCENTE	ELISÃO	GUARDA-CHUVA	'gade'suve	w→∅	ÁGUA	'age	w→∅
	SILABIFICAÇÃO	LÍNGUA	'figule	w→u ∅→l	RÉGUA	'regule	w→u ∅→l
	MIGRAÇÃO	ÁGUA	'awge	g↔w	TÁBUA	'tawbe	b↔w
SIMPLIFICAÇÃO DA CONSOANTE FINAL	ELISÃO	PORTA	'pote	R→∅	MOSCA,	'moke	S→∅
	CONFUSÃO	MOSCA,	'moxke	S→R	PORTA	'powte	R→L
	METÁTESE	IRMÃ	'ximẽ	R↔i	ESCOLA	si'kolɛ	S↔i
	MIGRAÇÃO	ÓCULOS	'ɔʃku	↔S	ÔNIBUS	'õsbu	↔S
COALESCÊNCIA	PASTA	'pase	S→s t→∅	FESTA	'fɛsɛ	S→s t→∅	
SIMPLIFICAÇÃO DOS ENCONTROS CONSONANTAIS	ELISÃO	FRALDA	'pade	r→∅	BLUSA	'buzɐ	l→∅
	SILABIFICAÇÃO	PREGO	pe'regu	∅→ɛ	PEDRA	pe'redɐ	∅→ɛ
	SEMIVOCALIZAÇÃO	PRAIA	'pyayɛ	r→y	FLOR	fyo	l→y
	CONFUSÃO DAS LÍQUIDAS	BRINCAR	bli'ka	r→l	FLOR	fro	l→r
	METÁTESE	PRECISA	pex'size	r↔ɛ	PRATINHO	pax'tʃiɲu	r↔a
	MIGRAÇÃO	DEGRAU	dre'gaw	↔r	DOBRAR	dro'ba	↔r
PERMUTAÇÃO	CONSONANTAL	CAPACETE	ka'sa'petʃi	p↔s	REVÓLVER	ve'xovɛx	x↔v
	VOCÁLICA	POLENGUINHOS	pe'lo'ɲiɲu	o↔ɛ	PIRULITO	'puri'litu	i→u
SIMPLIFICAÇÃO DAS SÍLABAS FRACAS	PRÉ-TÔNICA	PIRULITO	pi'litu	ru→∅	TELEVISÃO	teli'zɛw	vi→∅
	PÓS-TÔNICA	FESTA	pe	S→∅ tɐ→∅	BORBOLETA	bobo'le	tɐ→∅

Quadro 3: Processos fonológicos em AL modificadores estruturais

Fonte: TEIXEIRA, 2012a, p. 10

c) *Processos sensíveis ao contexto:*

	ITEM	FORMA INFANTIL	TROCA
ASSIMILAÇÃO	COPO	'pɔpu	k → p
	BICO	'kiku	b → k
	BANANA	mẽ 'nẽne	b → m
REDUPLICAÇÃO	GELÉIA	le'le	ʒe → le
	PATO	pa'patu	sa → pa
	NARIZ	na'liʒi	S → ʒi
	OLHO	'loʎu	o → lo
	ESTÁTUA	iftwatwe	ta → twa
	CADERNO	kay'deynu	ka → kay
BIBLIOTECA	bliblioteke	bi → bli	

Quadro 4: Processos fonológicos em AL sensíveis ao contexto
 Fonte: TEIXEIRA, 2012a, p. 12

Será importante, para este trabalho, especialmente, além da noção de processo e estratégia, a **coalescência** e a **elisão**, duas estratégias postuladas em Teixeira (2012a). A elisão, como pode ser observado nos quadros 2 e 3 é um apagamento de elementos dos vocábulos. A coalescência, como pode ser observado no Quadro 3, é a aglutinação de dois elementos segmentais do vocábulo. Rapp (1994) subclassifica a coalescência em intrassilábica ou intersilábica, e a elisão de sílabas em total ou parcial.

A elisão total é o apagamento de toda a sílaba, sem nenhum elemento remanescente. Teixeira (1988) e Rapp (1994) referem a elisão total como uma estratégia comum na AL, que recai geralmente sobre as sílabas fracas, tanto pretônicas quanto postônicas. No trabalho de Rapp (1994), existem alguns casos de elisão de sílaba tônica, mas tratam-se de casos raros.

A elisão parcial é o apagamento de partes da sílaba, com manutenção de um ou mais fonemas. A elisão parcial é mais comum nas margens da sílaba, embora possa ocorrer também no núcleo – como nos casos de coalescência, que explicarei a seguir.

A coalescência intrassilábica é uma “fusão de traços” (RAPP, 1994, p. 35), que ocorre quando, numa mesma sílaba, dois fonemas se aglutinam numa realização

articulatoriamente híbrida. Rapp (1994, p. 35) explica que, para que a coalescência intrassilábica ocorra, “é necessário que pelo menos dois segmentos se dispam de pelo menos um traço, assimilando um ou mais traços do outro segmento.”

A coalescência intersilábica é a aglutinação de duas sílabas. Ocorre concomitantemente a uma ou duas elisões parciais. A depender de que elementos sejam elididos, a coalescência intersilábica pode: a) manter uma estrutura já existente (CV ou CVC), b) formar um novo encontro consonantal, ou c) formar uma nova coda.

Em um esquema, temos o seguinte:

Elisão	Total	CHINELO > NELO (Cf. RAPP, 1994, p. 68)	Apagamento da primeira sílaba
	Parcial	GIRAF <u>A</u> > GIAFA (Cf. RAPP, 1994, p. 68)	Apagamento da cabeça da segunda sílaba
Coalescência	Intrassilábica	BALDE > BODE (Cf. RAPP, 1994, p. 35)	Fusão dos traços do núcleo e da margem final da primeira sílaba
	Intersilábica	MÉDICO > MÉDO (Cf. RAPP, 1994, p. 35)	Fusão das duas últimas sílabas, ocorrendo elisão do núcleo da penúltima e da cabeça da última, com a manutenção da estrutura CV.
		ÁRVORE > AVRE (Cf. Apêndice, p. 126)	Fusão das duas últimas sílabas, ocorrendo elisão do núcleo da penúltima e da C1 da última sílaba, formando um novo encontro consonantal, com estrutura CCV.
		PÊSSEGO > PESCO (Cf. Apêndice, p. 126)	Fusão das duas primeiras sílabas, ocorrendo, na segunda sílaba, elisão do núcleo e ressilabificação da cabeça, que passa à posição de coda na primeira sílaba.

Quadro 5: Subclassificações de coalescência e elisão de sílabas

Como explicarei no Capítulo 3, para os limites deste trabalho, apenas a elisão total de sílaba interessa, assim como apenas a coalescência intersilábica. A coalescência intrassilábica não será analisada porque não interfere em nada na estrutura acentual; a elisão parcial não será considerada porque, quando interfere, é apenas um mecanismo de coalescência intersilábica.

Teixeira (2012a) também estabelece períodos normais e máximos para a ocorrência de cada um dos processos. Abaixo, um gráfico disponível em Teixeira (2012a, p. 12) com uma listagem de todos os processos e a atribuição desses períodos:

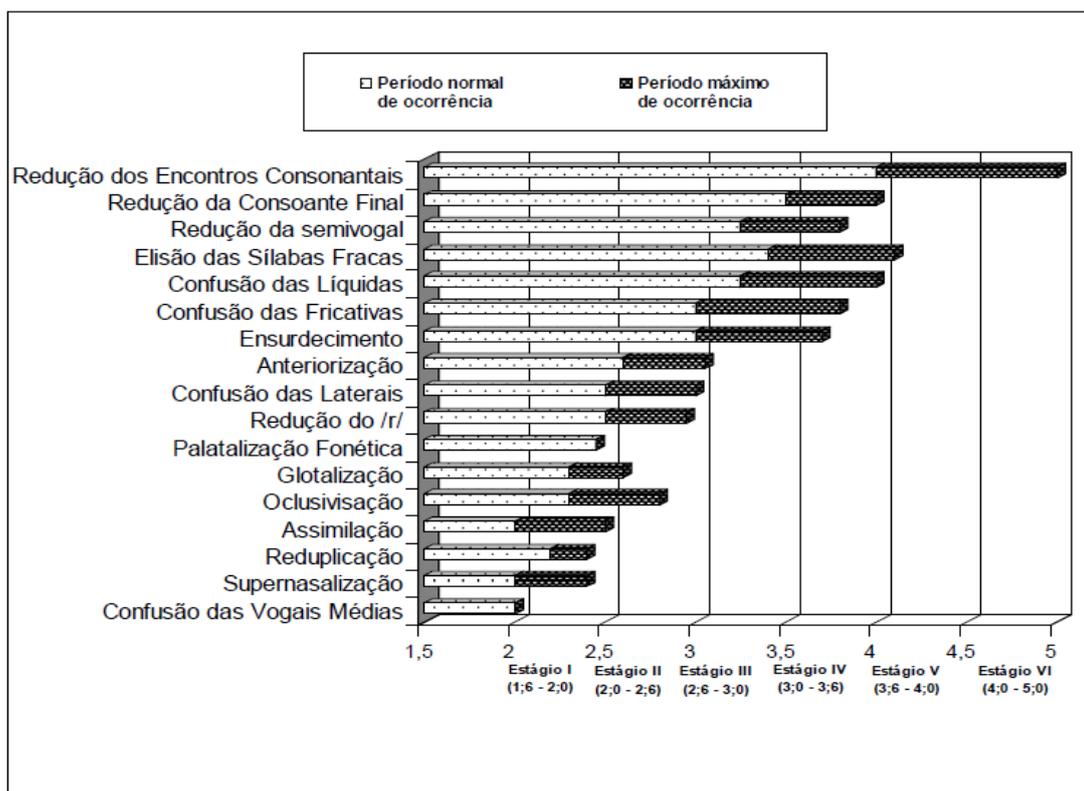


Gráfico 1: Períodos normal e máximo de ocorrência dos processos fonológicos
Fonte: TEIXEIRAA, 2012a p. 12

O período normal de ocorrência compreende as idades em que o processo é produtivo. O período máximo compreende as idades em que o processo é minoritário, às vezes raro, mas foi encontrado na fala de algumas crianças. De maneira sintética, o gráfico apresenta o seguinte:

- 12 (doze) processos encerram o período normal de ocorrência antes de 3;0 (três anos).
- 4 (quatro) processos encerram o período normal de ocorrência antes de 3;6 (três anos e seis meses).

- 1 (um) processo ultrapassa os demais, encerrando o período normal de ocorrência entre 3;6 (três anos e seis meses) e 4;0 (quatro anos).

O estabelecimento desses períodos será retomado no Capítulo 3, para uma análise do ritmo aquisicional.

Curiosamente, os padrões acentuais não têm despertado o olhar da Fonologia Natural, de forma que nenhum processo fonológico específico de um padrão acentual foi, até agora, definido. Há, sim, os processos prosódicos (Cf. DZIUBALSKA-KOŁACZYK, 2004, p. 5), relacionados a ritmo e entonação, originados do estudo dos enunciados, mas não algo que se volte ao acento de palavra. Assim, para o estudo das proparoxítonas, será necessário estabelecer uma simplificação fonológica específica, que ocorre na estrutura suprasegmental. No Capítulo 3, demonstrarei que essa simplificação ocorre e afeta também a estrutura segmental para se concretizar.

Tratarei, a partir de agora, da pesquisa realizada para compor o corpus desta dissertação. No próximo capítulo, abordarei o passo a passo da coleta dos dados e da escolha do corpus.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

Neste capítulo, tratarei mais detalhadamente sobre a coleta de dados realizada. Início classificando a pesquisa dentro de um trabalho em AL, discuto brevemente sobre o método empregado para a coleta, apresento os vocábulos escolhidos e os critérios de escolha desses vocábulos, além do instrumento de coleta utilizado e, em seguida, exponho como foi a coleta realizada.

2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

No bojo de classificações das pesquisas em AL (Cf. SCARPPA, 2007), a coleta de dados realizada na Creche da UFBA foi uma coleta **transversal**, ou seja, para análise de crianças diferentes, delimitando-se as faixas etárias, o que difere da pesquisa longitudinal, em que ocorre acompanhamento e registro do desenvolvimento linguístico da criança ao longo do seu crescimento.

A pesquisa transversal sempre pressupõe mais de um sujeito a ser estudado; esses sujeitos podem ser de uma mesma faixa etária, quando o pesquisador busca um padrão de produção para essa faixa etária, ou de faixas etárias diferentes, quando o pesquisador vai em busca de estágios ou de alguma progressão aparente. Para o estudo transversal, o estudo de um único momento de cada criança estudada pode ser suficiente. Já para o estudo longitudinal, é possível que um único sujeito seja o suficiente para os propósitos da pesquisa, mas, por outro lado, pressupõe que cada sujeito seja estudado em diversos momentos do seu desenvolvimento.

A coleta realizada na Creche da UFBA também foi um estudo **experimental**, através da eliciação da fala espontânea controlada ou da fala não espontânea (Cf. TEIXEIRA, 1998), em que os dados são extraídos da criança através da apresentação de um estímulo; no estudo experimental, o objeto de estudo é escolhido previamente e o método é desenvolvido para estimular a criança a produzir os dados que façam parte do objeto escolhido. Esse tipo de estudo se diferencia do estudo naturalístico, em que os dados são produzidos pela criança naturalmente, ou seja, sem um estímulo direcionado a um objeto de estudo; nesse outro tipo, o objeto de estudo é escolhido a partir dos dados disponíveis.

Dos trabalhos citados no Capítulo 2, Santos (2001) e Ferreira-Gonçalves (2010) são oriundos de pesquisas longitudinais e naturalísticas. Já Rapp (1994) e Vargens (2012) são oriundos de pesquisas transversais e experimentais. O trabalho de Baia (2010) se localiza em todos os tipos de método, simultaneamente. Isso porque seu propósito foi investigar a hipótese de diferentes resultados para diferentes métodos, que, no caso, foram o experimental e o naturalístico. Assim, ela analisou dados de pesquisa distintos para cada uma desses métodos, sendo que os dados de pesquisa experimental foram oriundos de uma pesquisa transversal, enquanto os dados de pesquisa naturalísticos foram oriundos de uma pesquisa longitudinal.

2.2 DESENVOLVENDO UM MÉTODO DE ELICIAÇÃO DE DADOS

A metodologia empregada para a coleta de dados foi uma adaptação da metodologia empregada no exame Fonético-Fonológico ERT (Cf. TEIXEIRA, 1986; 1988; 1990; 1991; 1996). Esse exame constou de coleta de dados a partir de estímulos visuais: a criança vê uma figura e diz o que aquela figura é. Na aplicação do ERT, a nomeação da figura podia se dar de três maneiras: inicialmente, tentava-se a nomeação espontânea (a criança vê a imagem e diz o vocábulo alvo); não havendo resultado, parte-se para o fornecimento de pistas; essas duas tentativas se enquadram no que Teixeira (1998) classifica como eliciação da fala espontânea controlada. Não havendo resultados, então, parte-se para a repetição indireta, em que há sempre um turno de fala entre a palavra ouvida pela criança e a sua reprodução; esta é a eliciação da fala não espontânea, utilizada quando outros métodos falham.

Na coleta realizada na creche, houve uma adaptação dessa metodologia por dois motivos. O primeiro é que o objeto de pesquisa – as proparoxítonas – não costuma integrar, de maneira numerosa, o léxico inicial da criança; por isso, a tendência é que o vocábulo não foi produzido por nomeação espontânea, especialmente nas crianças com menos de dois anos de idade. O segundo motivo é que, na prática, a segunda tentativa foi ineficiente; o fornecimento de pistas só resultou na repetição da pista pela criança; por exemplo: quando mostrava a figura do príncipe e a criança não reconhecia, eu acrescentava que aquele se tratava do namorado da princesa, e perguntava: “você sabe como se chama o

namorado da princesa?” E a criança respondia: “o namorado da princesa”. Houve, então, um rearranjo dessa metodologia, que culminou nas seguintes tentativas:

- Primeira tentativa: A criança vê a figura, diz espontaneamente o que é, ou lhe é solicitado que diga. Em alguns casos, há elementos auxiliares no instrumento, como explicarei mais adiante.
- Segunda tentativa: Caso a criança não reconheça a palavra em perspectiva, ela é reproduzida de forma a tentar ensinar à criança o que aquela figura é. A forma padrão que utilizei foi dizer o seguinte à criança: “Eu acho que isso é um/uma _____. E você, acha o quê?”. É um caso de repetição indireta.
- Terceira tentativa: Se após a segunda tentativa, a criança não evocar o vocábulo alvo, encerra-se a amostragem do caderno e passa-se a um jogo de repetir palavras, também no formato de repetição indireta. Em geral, eu dizia: “E _____, você sabe falar? Fala aí.”

É importante frisar que o turno de fala entre a palavra e a oportunidade de a criança repetir na segunda e na terceira tentativa não é à toa. Como mencionei anteriormente, faz parte da metodologia que a criança não repita a palavra imediatamente, mas que haja tempo para um processamento antes da evocação.

Para que o processo não se tornasse oneroso para a criança, as figuras foram ordenadas de forma que os alvos familiares às crianças (como ÓCULOS e ÁRVORE, por exemplo) se revezassem com os não tão familiares (como BINÓCULO e PÊSSEGO). Acrescentei, aos cadernos, figuras que não fazem parte do corpus, como uma figura da Galinha Pintadinha, para que o caderno de figuras despertasse mais o interesse da criança. Para reforçar a ideia ou o conceito do vocábulo alvo, foi usada, para alguns vocábulos, mais de uma figura, como mostrarei mais adiante.

2.3 OS VOCÁBULOS ESTUDADOS

Foram selecionados, para a coleta na Creche, 23 (vinte e três) vocábulos de padrão proparoxítono. Os critérios para a escolha desses vocábulos foram dois. Escolhi vocábulos

que tinham feito parte de dados anteriores – Rapp (1994), Baia (2010), Ferreira-Gonçalves (2010) e Vargens (2012) – e acrescentei alguns para que houvesse uma variabilidade de determinados contextos fonológicos. Levei em consideração os seguintes contextos:

- Peso da sílaba tônica: se leve – rima simples – ou pesada – rima ramificada.
- Extensão do vocábulo: se trissílabo ou polissílabo.
- Estrutura consonantal: se a redução pode formar um encontro consonantal com a coalescência entre as postônicas (explicarei melhor no Capítulo 3)

A seguir, exponho, em um quadro, todos os vocábulo escolhidos para a coleta na Creche, informando de que dados anteriores cada um faz parte e qual o seu contexto fonológico. No quadro, os vocábulo desconsiderados quanto ao peso da sílaba tônica são aqueles que têm sílaba leve fonologicamente, mas, devido à nasalidade da consoante seguinte, podem se tornar pesadas foneticamente. Devido a isso, esses vocábulo podem interferir nos resultados de forma não controlada e, na análise de dados, o peso da sílaba tônica deles não foi levado em conta.

	Dados anteriores				Contexto fonológico		
	Rapp (1994)	Baia (2010)	F-Gonç. (2010)	Vargens (2012)	Vocábulo	Sílaba tônica	Redução
ABÓBORA	x		x		() triss. (x) poliss.	(x) leve () pesada	(x) forma EC () não forma EC
ÁRVORE	x	x	x	x	(x) triss. () poliss.	() leve (x) pesada	(x) forma EC () não forma EC
BINÓCULO					() triss. (x) poliss.	(x) leve () pesada	(x) forma EC () não forma EC
CÂMERA					(x) triss. () poliss.	desconsiderado	() forma EC (x) não forma EC
EXÉRCITO					() triss. (x) poliss.	() leve (x) pesada	() forma EC (x) não forma EC
FÓSFORO		x		x	(x) triss. () poliss.	() leve (x) pesada	(x) forma EC () não forma EC
HIPOPÓTAMO	x				() triss. (x) poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC

LÂMPADA	x	x	x		(x) triss. () poliss.	() leve (x) pesada	() forma EC (x) não forma EC
MÁGICO		x			(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC
MÁQUINA			x	x	(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC
MÉDICO	x		x		(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC
MÔNICA					(x) triss. () poliss.	<i>desconsiderado</i>	() forma EC (x) não forma EC
MÚSICA			x		(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC
NÚMERO					() triss. (x) poliss.	<i>desconsiderado</i>	() forma EC (x) não forma EC
ÓCULOS	x	x	x	x	(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	(x) forma EC () não forma EC
ÔNIBUS	x	x	x	x	(x) triss. () poliss.	<i>desconsiderado</i>	() forma EC (x) não forma EC
PÁSSARO					(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC
PÊSSEGO			x		(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC
PLÁSTICO			x		(x) triss. () poliss.	() leve (x) pesada	() forma EC (x) não forma EC
PRÍNCIPE	x		x		(x) triss. () poliss.	() leve (x) pesada	() forma EC (x) não forma EC
TRIÂNGULO					() triss. (x) poliss.	() leve (x) pesada	(x) forma EC () não forma EC
VELOCÍPEDE	x				() triss. (x) poliss.	(x) leve () pesada	() forma EC (x) não forma EC
XÍCARA			x	x	(x) triss. () poliss.	(x) leve () pesada	(x) forma EC () não forma EC

EC: encontro consonantal

Quadro 6: vocábulos estudados

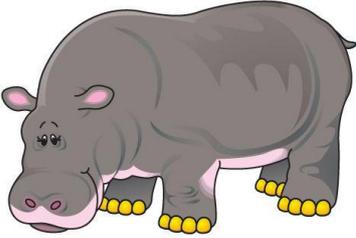
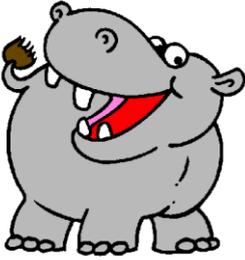
Os vocábulos BINÓCULO, EXÉRCITO e TRIÂNGULO foram incluídos para equilibrarem o número de vocábulos polissílabos com e sem formação de encontros consonantais, visto

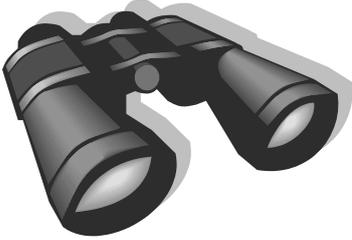
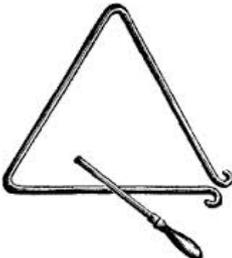
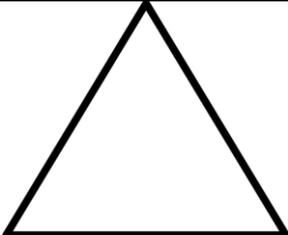
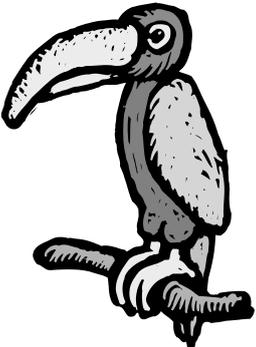
que os únicos polissílabos em dados anteriores são ABÓBORA, HIPOPÓTAMO e VELOCÍPEDE, sendo que apenas ABÓBORA é passível de formar encontros consonantais. Os vocábulos CÂMERA, PÁSSARO e MÚSICA foram incluídos por terem sido validados em uma tentativa de pesquisa anterior. O vocábulo MÔNICA foi incluído porque, inicialmente, havia a intenção de se estudar antropônimos, caso houvesse, na Creche, pessoas com nomes como Ânderson, Álisson, Jéferson, etc; nesse caso, seria um grupo específico ao qual MÔNICA seria incluído. Não havendo esses antropônimos, mas percebendo que era um vocábulo produtivo em evocação espontânea, decidi mantê-lo.

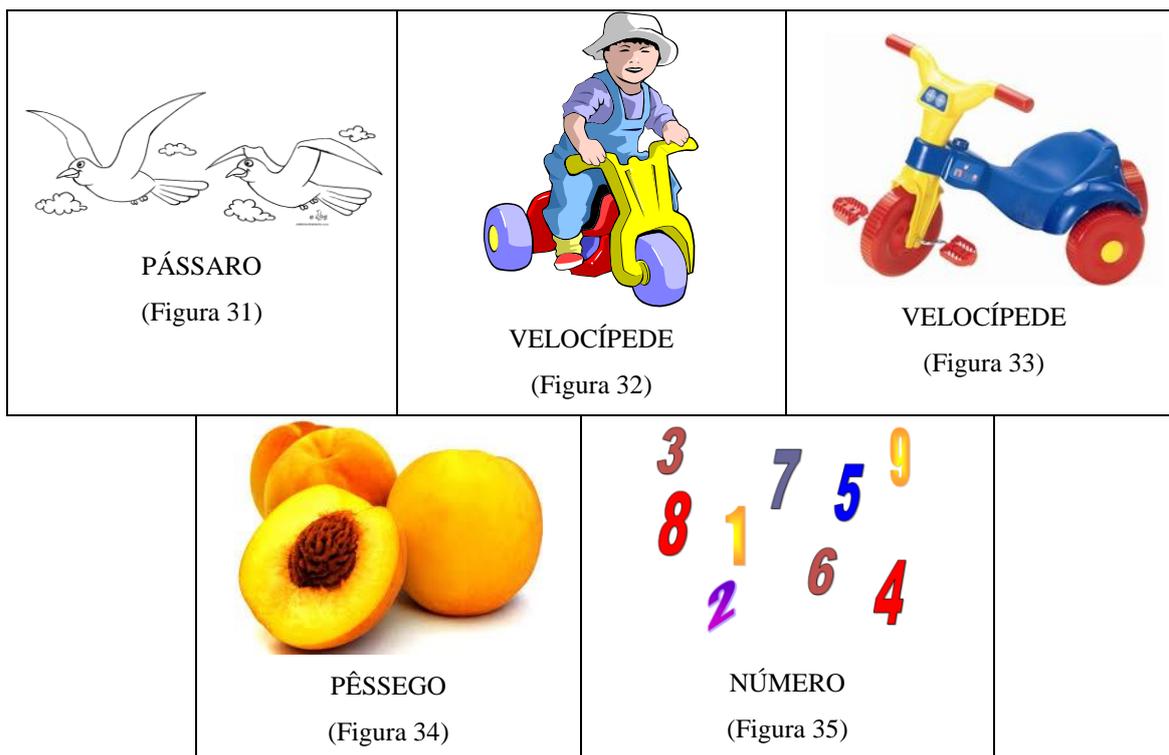
2.4 O INSTRUMENTO DE COLETA

Foram testadas, ao todo, 35 (trinta e cinco) figuras, para representar os 23 (vinte e três) vocábulos, conforme o quadro a seguir.

 <p>ÁRVORE (Figura 1)</p>	 <p>MÚSICA (Figura 2)</p>	 <p>MÚSICA (Figura 3)</p>
 <p>MÉDICO (Figura 4)</p>	 <p>MÉDICO (Figura 5)</p>	 <p>MÔNICA (Figura 6)</p>

 <p>HIPOPÓTAMO (Figura 7)</p>	 <p>HIPOPÓTAMO (Figura 8)</p>	 <p>HIPOPÓTAMO (Figura 9)</p>
 <p>ABÓBORA (Figura 10)</p>	 <p>ABÓBORA (Figura 11)</p>	 <p>LÂMPADA (Figura 12)</p>
 <p>MÁQUINA (Figura 13)</p>	 <p>MÁQUINA (Figura 14)</p>	 <p>MÁQUINA (Figura 15)</p>
 <p>PLÁSTICO (Figura 16)</p>	 <p>ÓCULOS (Figura 17)</p>	 <p>BINÓCULO (Figura 18)</p>

 <p>BINÓCULO (Figura 19)</p>	 <p>CÂMERA (Figura 20)</p>	 <p>CÂMERA (Figura 21)</p>
 <p>EXÉRCITO (Figura 22)</p>	 <p>TRIÂNGULO (Figura 23)</p>	 <p>TRIÂNGULO (Figura 24)</p>
 <p>MÁGICO (Figura 25)</p>	 <p>PRÍNCIPE (Figura 26)</p>	 <p>XÍCARA (Figura 27)</p>
 <p>ÔNIBUS (Figura 28)</p>	 <p>FÓSFORO (Figura 29)</p>	 <p>PÁSSARO (Figura 30)</p>



Quadro 7: Instrumento de coleta de dados

As figuras foram impressas e encadernadas em dois blocos: no primeiro, constam as figuras 1 a 16; no segundo constam as demais. Acrescentei outras figuras sem valor de dado para a pesquisa, mas que serviram para distrair a criança e tornar a atividade menos onerosa, mais interessante, ou para servir de apoio às figuras do corpus, como a Figura 6, por exemplo, que foi acompanhada de figuras dos personagens infantis Magali, Cebolinha e Cascão – que fazem parte da Turma da Mônica.

As figuras 1, 10, 12, 17, 18, 19, 20, 25, 27, 28, 30 e 32 foram extraídas do arquivo público do Microsoft Office, a partir do programa Microsoft Power Point. Esse mesmo programa foi utilizado para construir as figuras 24 e 35. As demais estavam disponíveis na rede, em endereços diversos, extraídas a partir do buscador Google Imagens (<http://images.google.com>).

Algumas dessas figuras exigiram um formato diferente de eliciação de dados:

- Figuras 2 e 3: como MÚSICA é um conceito ainda abstrato para a criança, em geral, essas figuras foram eliciadas com a pergunta: “O que ele está ouvindo?” (Fig. 2) e “O que ele está cantando?” (Fig. 3).

- Figura 16: esperando que a criança dissesse PLÁSTICO, essa figura é composta por uma imagem de um copo de vidro e outra de um copo de plástico similar ao que as crianças usavam na creche para beber água. A pergunta feita a cada criança foi a seguinte: “Esse copo [apontando a imagem à esquerda] é de vidro. E esse outro [apontando a imagem à direita] é de quê?”

Antes de aplicar o instrumento, ele foi validado em dois momentos. O primeiro momento foi em um centro municipal de educação infantil de Salvador, com crianças de 2;0 (dois anos) a 3;0 (três anos), quando foram validadas as figuras 1, 2, 10, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 32 e 35. As demais foram validadas com duas crianças, uma com 1;6 (um ano e seis meses) e a outra com 2;0 (dois anos), em seus contextos familiares, dias antes da coleta se iniciar. Na primeira validação, todas as figuras suscitaram evocações espontâneas, com exceção da Figura 10, que se manteve no corpus como um elemento de apoio à Figura 11. Na coleta, no entanto, não houve tanta responsividade como na validação, sendo diversas dessas figuras evocadas majoritariamente na segunda ou na terceira tentativa. Na segunda validação, como de esperado, as crianças não conheciam a maioria dos vocábulos e, nesse caso, ela serviu para validar apenas a clareza da figura e a metodologia.

Em geral, especialmente com as crianças dos grupos 1 e 2 (grupos de divisão na creche, Cf. seções 2.5 e 2.6.1), a maioria dos vocábulos foram evocados por repetição, na segunda tentativa. Os vocábulos ÁRVORE (Fig. 1), MÔNICA (Fig. 6), HIPOPÓTAMO (Fig. 7, 8, 9) e ÓCULOS (Fig. 17) foram os mais produtivos na primeira tentativa. Houve 5 (cinco) vocábulos que não foram realizados na primeira tentativa por nenhuma das crianças:

- EXÉRCITO: A figura utilizada foi reconhecida por alguns, mas o vocábulo evocado, nesses casos, foi POLÍCIA ou POLICIAIS.
- FÓSFORO: aqui, houve uma severa divergência entre a validação do instrumento e a coleta de dados; na validação, a figura utilizada foi amplamente reconhecida, às vezes com outros substantivos semanticamente próximos como FOGO ou ISQUEIRO. Na coleta, nenhuma criança reconheceu a figura.

- PÁSSARO: a figura utilizada foi reconhecida, mas o vocábulo evocado foi PASSARINHO em todos os casos.
- PÊSSEGO: aparentemente, as crianças não conhecem essa palavra. A figura, por vezes, suscitou MAÇÃ e MAMÃO, o que demonstra o reconhecimento do campo semântico (a criança chega a reconhecer que o desenho representa uma fruta), mas não do conceito específico. Possivelmente, isso se explica por pêssago não ser uma fruta de amplo consumo local.
- VELOCÍPEDE: esse vocábulo se mostrou muito difícil para as crianças durante a coleta, mesmo nos casos de repetição indireta. Por isso, obteve poucas realizações. As figuras utilizadas suscitaram VELOTROL, que é uma variante lexical.

Os demais vocábulos ocorreram mais na segunda tentativa do que na primeira. Houve pouca necessidade de se recorrer à terceira tentativa. Como exporei na seção 2.6.1, a evocação na primeira tentativa (espontânea ou com demonstração de conhecimento do vocábulo alvo), ou segunda ou terceira tentativas (por repetição indireta), está relacionada à idade: quanto mais velha a criança, maior foi a evocação na primeira tentativa.

2.5 A INSTITUIÇÃO

A Creche da UFBA – Universidade Federal da Bahia está vinculada à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil e Ações Afirmativas, um órgão da universidade que lida com alunos de diversas realidades: alunos com necessidades educacionais específicas, negros, indígenas, alunos oriundos de comunidades populares, entre outros. A função dessa pró-reitoria é mobilizar políticas que garantam a permanência desses alunos na universidade, preservando a qualidade no desenvolvimento dos seus estudos. A creche, como parte desse órgão, abriga crianças que, em sua maioria, são filhos de estudantes da universidade; há também os que são filhos de servidores (no período da coleta, havia apenas duas).

Escolhi a Creche da UFBA por dois motivos: pela praticidade do vínculo institucional e, também, considerando que as crianças – filhas de pai e/ou mãe que está na universidade – fazem parte de um estrato sociolinguístico que não tende à redução de

proparoxítonas, conforme nos dizem as próprias pesquisas anteriores em Sociolinguística (Cf. Capítulo 1, seção 1.1.3). Em 2012, no meu TCC (VARGENS, 2012), investiguei esse mesmo tema a partir dos dados disponíveis no PROAEP, coletados na aplicação do Exame Fonético-Fonológico ERT. Analisei tanto os dados da classe A (filhos de pais com nível superior) quanto os dados da classe C (filhos de pais com nível escolar primário ou sem escolarização) e os resultados me impulsionaram para essa escolha no mestrado: a classe C não demonstrou nenhuma tendência em relação às proparoxítonas, pois os gráficos mostravam movimentos ascendentes e descendentes, sem nenhuma interferência de faixa etária. Como já dito aqui, isso se explica pelo que consta nas pesquisas sociolinguísticas: o meio social em que essas crianças vivem tende à paroxitonização – do que podemos depreender que essas crianças não constroem um padrão proparoxítono nos seus estágios iniciais, o que compromete, severamente, a construção de uma ontogênese em relação a esse padrão. Nesse contexto, a Creche da UFBA mostrou-se mais que apropriada aos propósitos deste trabalho.

A coleta de dados foi feita no período de outubro a dezembro de 2014. Nesse período, a creche contou com 19 (dezenove) crianças entre 1;9 (um ano e nove meses) e 4;2 (quatro anos e dois meses), havendo um caso excepcional, de uma criança com 5;0 (cinco anos). A creche, na época da coleta, dividia suas crianças em dois grupos: o Grupo 1 (que, à época da coleta de dados, abrigava crianças de 1;2 a 2;2), o Grupo 2 (de 2;5 a 3;2) e o Grupo 3 (3;2 a 5;0).

2.6 A COLETA

Coletar dados linguísticos de crianças em fase de aquisição é uma situação extremamente complexa. Exige, além de uma relativa vocação do pesquisador para lidar com as crianças, relações necessárias que se estabeleçam entre ele, o alvo da pesquisa e a instituição. Para realizar essa pesquisa, houve, em cada grupo, um momento inicial de participação nas atividades da creche, dentro do planejamento.

O primeiro passo foi a chegada à instituição, que requereu autorização da coordenadora geral, algumas conversas com uma das professoras e, também, autorização dos pais. A instituição foi bastante receptiva à atividade de pesquisa e a professora com

quem conversei, e que me forneceu as informações necessárias sobre os melhores horários e sobre algumas crianças, colaborou bastante para o desenvolvimento da coleta.

Tive um momento de convivência com as crianças, cuja duração variou a depender do grupo e da timidez que as crianças porventura apresentavam. Após esse momento, iniciei a testagem. O ideal é que a testagem ocorra individualmente, sem a presença de outras crianças, e em um ambiente silencioso, mas nem sempre isso foi possível; tanto pelas dinâmicas da própria creche como, e principalmente, pela timidez da criança. Houve uma criança, por exemplo, que a professora informou ser bastante comunicativa e que, no momento da coleta, estando a sós comigo e com a professora do grupo, intimidou-se de tal maneira que a testagem não foi feita naquele momento. A partir dessas alteridades, tive de buscar situações alternativas de fazer algumas testagens:

- Testagem dentro da sala. Houve três crianças testadas nessa situação. Nesse caso, há dois problemas a serem resolvidos : a) as outras crianças também se interessam e podem atrapalhar porque também querem ver as figuras e gravar; b) a gravação fica ruidosa, o que dificulta o reconhecimento dos segmentos na hora de fazer a transcrição, mas não o reconhecimento das sílabas e do acento, o que interessa para este trabalho.
- Testagem com duas crianças ao mesmo tempo. Houve duas tentativas, das quais apenas uma se concretizou. Essa metodologia pode trazer duas problemáticas que venham a interferir na pesquisa: a) confusão no reconhecimento da voz de cada criança; b) a produção da primeira criança que evoca pode influenciar a produção da segunda. Para evitar a primeira problemática, escolhi, com ajuda da professora, duas crianças que tinham vozes bem distintas, sendo uma tímida e outra extrovertida, sendo que à mais extrovertida coube a primeira evocação de todos os vocábulos. Quanto à segunda problemática, é importante que as crianças possam dizer as palavras duas vezes, embora nem sempre isso seja possível: uma vez, as duas juntas; no segundo momento, uma de cada vez. Após a primeira falar, se houver redução do vocábulo, o pesquisador repete a palavra dentro do padrão adulto e, em seguida, disponibiliza o gravador para que a segunda criança evoque.

Iniciei as atividades de pesquisa no grupo 3. Assisti a algumas das aulas, participei de algumas brincadeiras e, assim, aos poucos, fui conquistando a confiança das crianças. Algumas crianças se dispuseram a participar prontamente. No grupo 3, bastava dizer que era um jogo de adivinhações em que a criança deveria acertar os nomes das figuras e, ao final, dizer a ela: “Parabéns! Você acertou tudo. Vai lá e conta pra sua professora e seus colegas”. Isso estimulou que as outras crianças também quisessem participar. Mas mesmo no grupo 3, houve aquelas demasiadamente tímidas; duas recusaram-se a participar e uma só pôde participar mediante presença de uma das auxiliares da sala.

Findas as atividades do grupo 3, dirigi-me ao grupo 2. No grupo 2, a relação com as crianças foi bem mais rápida; elas se apegaram e desenvolveram confiança em mim mais precocemente; porém, mostraram-se menos propensas a colaborar com a testagem. Antes de iniciar, mostrei os dois cadernos de figuras às crianças, deixei que elas os manuseassem, fazendo com que elas se interessassem pelas figuras; por vezes, perguntava o que era cada figura, ainda sem gravar e sem pensar na resposta como uma testagem ou coleta de dados. Também coloquei as crianças em contato com o gravador, estimulando-as a dizer algo no microfone para ouvir sua própria voz em seguida. Tudo isso foi importante para que as crianças não estranhassem os instrumentos e os procedimentos da pesquisa, para sentirem-se mais familiarizadas com esses instrumentos.

No grupo 1, as atividades demoraram menos. Houve uma única criança que se dispôs à testagem de início. A participação no grupo envolvia momentos da brinquedoteca – uma sala onde havia diversos brinquedos à disposição das crianças –, em que tentei abrir o contato com as crianças através de algumas brincadeiras. Também nesse momento, coloquei, antes das testagens, as crianças em contato com os cadernos e com o gravador. Mas a rejeição à testagem foi geral. O instrumento despertou interesse em poucas crianças e, dessas poucas, apenas quatro se dispuseram a fazer a testagem.

2.6.1 A coleta com cada criança

Foram testadas, ao todo, 19 (dezenove) crianças, das quais os dados de 1 (uma) foi retirada do corpus posteriormente, porque apresentou diversas formas idiossincráticas (Cf. Anexo, p. 142), somadas ao fato de que a nunca falava espontaneamente, restando, assim,

dados de 18 (dezoito) crianças. O critério de seleção dessas crianças foi participação voluntária e não ter nenhum distúrbio de linguagem diagnosticado.

A seguir, informo, de maneira resumida, as condições da coleta e o perfil individual de cada uma das crianças estudadas: o gênero (*f* e *m*, para feminino e masculino, respectivamente) e a idade no momento da coleta. Enumerei as crianças sob os seguintes critérios e na seguinte ordem de prioridades:

1. Grupo do qual faz parte na Creche
2. Idade
3. Ordem alfabética

a) Crianças do Grupo 1

Criança 01 (f): Idade: 1;9 (um ano e nove meses). A testagem ocorreu em local reservado, havendo apenas deslocamento de uma sala para outra em dois momentos. A criança colaborou com a testagem com bastante timidez, mas se prontificou desde o início porque se apegou muito ao caderno de figuras, desde a convivência no grupo.

- N° de vocábulos evocados: 21
 - Na primeira tentativa: 1
 - Na segunda tentativa: 10
 - Na terceira tentativa: 10

Criança 02 (m): Idade: 1;9 (um ano e nove meses). A testagem ocorreu no saguão da creche, tendo sido interrompida, em alguns momentos, pela presença de outras crianças ou mesmo de adultos.

- N° de vocábulos evocados: 20
 - Na primeira tentativa: 6
 - Na segunda tentativa: 13
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 03 (f): Idade: 1;10 (um ano e dez meses). A testagem foi feita na sala do grupo em um momento em que o restante do grupo estava no saguão da creche.

- N° de vocábulos evocados: 19
 - Na primeira tentativa: 2
 - Na segunda tentativa: 8
 - Na terceira tentativa: 9

Criança 04 (f): Idade: 2;2 (dois anos e dois meses). A criança só esteve disposta a colaborar com a testagem no início, estando posteriormente interessada em se desviar da atividade da testagem para fazer outras coisas ou por interesse exclusivo em determinadas figuras do caderno. A testagem ocorreu em dois ambientes diferentes: no início, no saguão, com muita interferência de outras crianças; depois, em uma sala vazia. Foi interrompida três vezes.

- N° de vocábulos evocados: 10
 - Na primeira tentativa: 5
 - Na segunda tentativa: 4
 - Na terceira tentativa: 1

b) Crianças do Grupo 2

Criança 05 (m): Idade: 2;5 (dois anos e cinco meses).

A testagem foi feita juntamente com a Criança 08. A criança colaborou para a testagem com facilidade. A testagem ocorreu na sala do grupo, num momento em que as outras crianças desenvolviam outras atividades em outra sala, e contou com a colaboração da professora do grupo.

- N° de vocábulos evocados: 21
 - Na primeira tentativa: 0
 - Na segunda tentativa: 20
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 06 (m): Idade: 2;5 (dois anos e cinco meses). A testagem foi feita dentro da sala com todo o grupo presente e, por vezes, foi obstruída pelas demais crianças, que desejavam participar.

- N° de vocábulos evocados: 7

- Na primeira tentativa: 4
- Na segunda tentativa: 3
- Na terceira tentativa: 0

Criança 07 (m): Idade: 2;8 (dois anos e oito meses). A criança esteve pouco disposta a colaborar com a testagem, mas respondeu às figuras sem dificuldades. A testagem foi feita na sala do grupo num momento em que as demais crianças estavam em outra sala, desenvolvendo outras atividades.

- N° de vocábulos evocados: 23
 - Na primeira tentativa: 10
 - Na segunda tentativa: 12
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 08 (f): Idade 2;9 (dois anos e nove meses). Em um primeiro momento, tentei testar essa criança em um ambiente isolado, com a colaboração da professora do grupo, que esteve em contato mais direto com a criança o tempo todo; nesse primeiro momento, porém, a criança se intimidou de tal forma que ficou inteiramente calada. Em um segundo momento, fiz a testagem com ela e com a Criança 05 juntas. Essa testagem ocorreu na sala do grupo, num momento em que as outras crianças desenvolviam outras atividades em outra sala, e contou com a colaboração da professora do grupo.

- N° de vocábulos evocados: 22
 - Na primeira tentativa: 13
 - Na segunda tentativa: 9
 - Na terceira tentativa: 0

Criança 09 (f): Idade: 2;10 (dois anos e dez meses). A testagem foi realizada no saguão da creche e contou com a colaboração da professora do grupo. No início, houve a presença de outra criança, que se retirou no início e não respondeu a nenhuma das figuras.

- N° de vocábulos evocados: 19
 - Na primeira tentativa: 8
 - Na segunda tentativa: 10
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 10 (f): Idade: 3;1 (três anos e um mês). A testagem ocorreu na sala do grupo, concorrendo com as atividades regulares, mas, curiosamente, não foi interrompida pelas demais crianças. A testagem contou com a colaboração ativa da professora.

- N° de vocábulos evocados: 21
 - Na primeira tentativa: 12
 - Na segunda tentativa: 8
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 11 (m): Idade: 3;2 (três anos e dois meses). A criança colaborou com a testagem sem dificuldades. A testagem ocorreu na sala do grupo, concorrendo com as atividades regulares, mas, curiosamente, não foi interrompida pelas demais crianças. A testagem contou com a colaboração ativa da professora.

- N° de vocábulos evocados: 20
 - Na primeira tentativa: 7
 - Na segunda tentativa: 13
 - Na terceira tentativa: 0

c) Crianças do Grupo 3

(todas as testagens desse grupo ocorreram em separado do restante da turma, ora com a presença de uma auxiliar, ora apenas com a criança).

Criança 12 (f): Idade: 3;2 (três anos e dois meses). É irmã da Criança 18. Fez a testagem demonstrando pouco entusiasmo, delongando-se em algumas respostas. Mas não apresentou dificuldades.

- N° de vocábulos evocados: 20
 - Na primeira tentativa: 7
 - Na segunda tentativa: 12
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 13 (f): Idade: 3;6 (três anos e seis meses). Para que a criança colaborasse com a pesquisa, foi necessária a presença de uma das auxiliares do grupo. A todo momento, a criança queria ver a figura da Magali (elemento auxiliar ao vocábulo alvo MÔNICA).

- N° de vocábulos evocados: 17
 - Na primeira tentativa: 8
 - Na segunda tentativa: 8
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 14 (f): Idade: 3;7 (três anos e sete meses). A criança sentiu-se muito intimidada para fazer a testagem, embora não tenha recusado; respondeu com bastante desânimo.

- N° de vocábulos evocados: 20
 - Na primeira tentativa: 11
 - Na segunda tentativa: 9
 - Na terceira tentativa: 0

Criança 15 (f): Idade: 4;1 (quatro anos e um mês). A criança fez a testagem espontaneamente, não sendo necessário fazer perguntas. Olhava cada figura e se impressionava, evocando imediatamente os vocábulos. Teceu comentários como “meu avô usa isso” diante da Figura 29 e “tem que pintar” diante das figuras 2 e 31. Teve a peculiaridade de evocar um vocábulo não esperado: RELÂMPAGO, diante da Figura 27; provavelmente reconhecendo esse conceito nas três formas geométricas pretas da figura.

- N° de vocábulos evocados: 21
 - Na primeira tentativa: 19
 - Na segunda tentativa: 5
 - Na terceira tentativa: 0

Criança 16 (m): Idade: 4;1 (quatro anos e um mês). Colaborou com a pesquisa com tranquilidade, mas sem muito ânimo.

- N° de vocábulos evocados: 23
 - Na primeira tentativa: 15
 - Na segunda tentativa: 6
 - Na terceira tentativa: 2

Criança 17 (m): Grupo 3. Idade: 4;2 (quatro anos e dois meses). Colaborou com a testagem com disposição, chegando a se divertir com algumas figuras. Assim como as crianças 15 e 16, evocou todos os alvos.

- N° de vocábulos evocados: 22
 - Na primeira tentativa: 8
 - Na segunda tentativa: 13
 - Na terceira tentativa: 1

Criança 18 (f): Grupo 3. Idade 5;0 (cinco anos). É irmã da criança 12. Colaborou com a pesquisa sem entusiasmo, evocando devagar, mas sem dificuldades de fala ou reconhecimento da figura.

- N° de vocábulos evocados: 22
 - Na primeira tentativa: 15
 - Na segunda tentativa: 5
 - Na terceira tentativa: 2

Explicarei sobre a separação de faixas etárias no Capítulo 3; isso porque ela foi feita com base nos resultados, uma vez que outros critérios de separação não mostraram resultados relevantes.

2.7 DISPONIBILIZAÇÃO DOS DADOS

O áudio das evocações das crianças está salvo em CDs e compõem o corpus do PROAEP – Programa de Estudos sobre a Aquisição e o Ensino do Português como Língua Materna.

As evocações dos 23 (vinte e três) vocábulos estudados foram transcritas por mim; para isso, utilizei-me dos símbolos do IPA – Alfabeto Fonético Internacional, através da fonte IPA Kiel, no programa Microsoft Word; como o que interessa a esta pesquisa é o estudo da prosódia, há duas peculiaridades nas transcrições: a quantidade vocálica e o vozeamento ou desvozeamento das vogais não estão representados; por isso, não fiz uso

dos símbolos [ʊ] e [ɪ], que podem ser usados para representar menor quantidade vocálica nas vogais altas, e nem do diacrítico [◌̆], que representa desvozeamento de vogal, embora esse desvozeamento ocorra em algumas situações e possa ser constatado no áudio.

As transcrições constam no Apêndice desta dissertação. Junto a cada transcrição, consta o tipo acentual da forma evocada e, ao lado, o fenômeno que levou à mudança do tipo acentual padrão para um não padrão; explanarei melhor sobre cada um desses fenômenos – que, aqui, chamarei de estratégias e recursos – no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE DADOS E PROPOSIÇÕES

Neste capítulo, tratarei dos dados coletados, com uma análise que seguirá em direção a duas proposições: simplificação fonológica e ontogênese. Os dados coletados serão analisados e seus resultados serão, em seguida, confrontados com dados anteriores sobre proparoxítonas, disponíveis em Rapp (1994), Baia (2010), Ferreira-Gonçalves (2010) e Vargens (2012) – sem levar em consideração todos os dados desses dois últimos. Em Vargens (2012), considero apenas os dados da classe A, visto que a classe C mostrou-se ineficaz para que se trace uma proposição de ontogênese, como farei mais adiante. Em Baia (2010), considero apenas DEX (dados de pesquisa experimental, conforme a própria autora), pois os demais obtiveram um número reduzido de apenas 3 (três) alvos proparoxítonos.

Para cada análise, os gráficos grandes representam o corpus desta dissertação, ou seja, os dados coletados na Creche da UFBA e os gráficos menores representam os dados de outros trabalhos.

A análise de dados se divide em duas partes, que representam as proposições. A primeira é uma proposição de inserir a simplificação de proparoxítonas – desproparoxitonização – no panteão de processos fonológicos de AL, com base em Teixeira (2012a). A segunda é uma proposição de ontogênese de proparoxítonas durante a aquisição da linguagem. Ao final do capítulo, algumas conclusões.

3.1 A DESPROPAROXITONIZAÇÃO

A desproparoxitonização se dá por mudanças no formato prosódico dos vocábulos de padrão proparoxítono, geralmente tornando-os paroxítonos, mas havendo casos de formação de oxítonos e até preproparoxítonos. Nos limites deste trabalho, a desproparoxitonização é um processo de simplificação fonológica (Cf. TEIXEIRA, 2012a) inerente à aquisição do português como língua materna, através do qual a criança simplifica a estrutura prosódica.

O termo *desproparoxitonização* não é inédito. Embora não seja amplamente utilizado na literatura e não tenha sido, até aqui, utilizado em AL, foi mencionado em alguns

trabalhos como classificação de um fenômeno específico das proparoxítonas, numa perspectiva sociolinguística sincrônica ou numa perspectiva histórica, diacrônica. Cruz (2008), por exemplo, lança mão desse termo para caracterizar o processo em uma análise fonêmica da obra *Serra dos pilões-jagunços e tropeiros*, do escritor Moura Lima. Um outro bom exemplo é Tomanin (2003), que descreve e exemplifica os mecanismos pelo qual a desproparoxitonização ocorre no PB; mais tarde um orientando lançou mão do termo já no título do trabalho: “Estratégias de desproparoxitonização no PB” (Cf. SOUZA, 2011). Silva (2012) também utiliza esse termo nas considerações finais de sua tese sobre o Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar, como um tipo específico de vocalismo: a síncope da postônica não final. Em todos esses trabalhos, o grande meio de ocorrência da desproparoxitonização é a síncope seguida de ressilabificação – o que, em AL, se caracteriza como coalescência intersilábica –, seja na história da língua, seja na variação diastrática.

Na aquisição do PB como língua materna, também é a coalescência intersilábica o que há de mais produtivo, como veremos mais adiante, e as formas fonéticas que resultam num e noutro campo de estudo se correspondem. Assim, não crio um neologismo, mas adapto para os estudos em AL um termo já utilizado, com a diferença de que, em AL, a desproparoxitonização não será apenas por coalescência (embora na maior parte das vezes o seja, como mostrarei mais adiante) e não resultará apenas em proparoxítonos (embora na maior parte das vezes resulte, como mostrarei mais adiante).

A ideia de um processo específico de simplificação prosódica também não é inédita. Rapp (1994) já sinalizava essa simplificação, referindo-se justamente às proparoxítonas:

Tem-se como resultado deste mecanismo [a coalescência intersilábica], em relação ao modelo adulto, [...], um enunciado com o número de sílabas reduzido e o **padrão prosódico simplificado**, ainda que a estrutura silábica seja complexificada. (RAPP, 1994, p. 74, grifo meu)

Isso porque proparoxítonas são dadas a alterações e a certos acontecimentos de maneira tão peculiarmente padronizada e diferente das demais, que é inevitável tratar a desproparoxitonização como um processo fonológico específico.

Rapp (1994) refere-se à redução de proparoxítonas por coalescência intersilábica, algo que parece não ser tão recorrente nos outros padrões prosódicos; para esclarecer

melhor, exponho, abaixo, um quadro que resume o percentual de ocorrências de coalescência intersilábica em todos os padrões acentuais no trabalho de Rapp (1994):

Padrão acentual	Extensão do vocábulo	Percentual C-Inter
Oxítonos	Dissílabos	-
	Trissílabos	4,5%
	Tetrassílabos	11,8%
	Hexassílabos	-
	Média	8,15%
Paroxítonos	Dissílabos	10,2%
	Trissílabos	5,3%
	Tetrassílabos	6,5%
	Pentassílabos	18,7%
	Média	10,18%
Proparoxítonos	Trissílabos	50%
	Tetrassílabos	62,5%
	Pentassílabos	24%
	Hexassílabos	24%
	Média	40,13%

C-Inter: Coalescência Intersilábica

Quadro 8: Coalescência Intersilábica nos padrões acentuais em Rapp (1994)

Essas porcentagens foram calculadas pela própria autora, com exceção das médias, que foram calculadas por mim, utilizando-me do comando “Soma” do programa Microsoft Excel.

O que é nítido nesse quadro é que a coalescência intersilábica afetou as proparoxítonas em um percentual consideravelmente maior do que em outros padrões acentuais, com diferença de 31,98% para as oxítonas e 29,95% para as paroxítonas, o que corrobora a ideia de que há algo peculiar às proparoxítonas em se tratando de simplificação fonológica. Rapp (1994, p. 74) também observa esse fato: “Esse fenômeno [coalescência intersilábica] parece ser intrínseco ao padrão prosódico proparoxítono”. Isso, somado a todas as discussões em torno do lugar das proparoxítonas no PB (Cf. Capítulo 1, seção 1.1.1) e ao fato de que, até a idade de 2;0, em média, a produção proparoxítona é rara na fala da criança – como veremos mais adiante –, é uma demonstração de que ocorrem mais do que simplificações fonológicas segmentais nas proparoxítonas, ocorre uma simplificação prosódica, que, aqui, chamo de desproparoxitonização.

Retomando a postulação de Teixeira (2012a), apresentada no Capítulo 1, seção 1.3, de que os processos se valem de estratégias, no caso da desproparoxitonização, existem dois tipos de estratégias: as segmentais e as suprasegmentais, prosódicas. As estratégias segmentais são as mesmas apontadas por Teixeira (2012a) para um leque de fenômenos

relacionados aos segmentos da língua; podem ser vistas, de maneira mais explícita, ao analisarmos o interior dos vocábulos. As estratégias suprasegmentais são alterações mais claramente explicitadas quando olhamos o resultado das estratégias segmentais, quando vemos o vocábulo como um todo. Podemos dizer que as estratégias prosódicas valem-se das estratégias segmentais para se concretizarem; assim, para a simplificação prosódica, temos o uso de estratégias vinculadas a outras estratégias.

Para fins didáticos, lanço mão de dois termos diferentes para caracterizar cada uma dessas estratégias. Chamarei de **estratégia** o que já é assim nomeado em Teixeira (2012a), ou seja, as estratégias segmentais. Chamarei de **recurso** as estratégias prosódicas. Essa separação dos termos tem como objetivo único evitar confusões entre o que escrevo e proponho aqui e o que já foi postulado anteriormente.

Para o processo de desproparoxitonização, ocorrem basicamente três recursos: ampliação do vocábulo, reacentuação do vocábulo e, o mais recorrente, redução do vocábulo. Esse último recorre a duas estratégias básicas: coalescência intersilábica ou elisão total de sílaba. Em outros contextos de aquisição, existem ainda a coalescência intrassilábica e a elisão parcial (Cf. Capítulo 1, seção 1.3); porém, para aquisição de proparoxítonas, não considerarei esses dois últimos; o primeiro porque não interfere em nada na estrutura prosódica, o segundo, porque quando interfere, é apenas um mecanismo de coalescência intersilábica, sendo de pouca valia como estratégia de desproparoxitonização. Dessa forma, daqui por diante, sempre que utilizar os termos **coalescência** e **elisão**, sem a especificação que seria necessária em trabalhos sobre aquisição de elementos segmentais, estarei me referindo exclusivamente a coalescência intersilábica e elisão total de sílaba.

No quadro abaixo, esclareço melhor o funcionamento da desproparoxitonização como um processo fonológico de AL:

Processo	Recurso	Estratégia
DESPROPAROXITONIZAÇÃO	Redução	Coalescência
		Elisão
	Reacentuação	
	Ampliação	Reduplicação de sílaba
Silabificação		

Quadro 9: Proposta de processo, recursos e estratégias de simplificação de proparoxítonas

Não exponho essa proposição sob o pressuposto da realidade psicológica, conforme a Fonologia Natural tradicional (ver Capítulo 1, seção 1.3). O que faço, a seguir, são conjecturas, interpretações de recursos e estratégias, a partir do contraste do modelo fonológico adulto do vocábulo com o que é efetivamente evocado pela criança. O que faço é propor interpretações com as quais, como diz Teixeira (1988, p. 58), tento recuperar o que subjaz à fala da criança.

Antes de dar sequência, exponho um quadro com o número de evocações que cada um dos vocábulos estudados obteve na creche; isso ajudará a entender as tendências de cada um deles posteriormente, que serão mostradas em porcentagens. O número de evocações não necessariamente coincide com o número de crianças de cada faixa; isso porque houve crianças que não evocaram determinados vocábulos, assim como houve vocábulos evocados mais de uma vez pela mesma criança.

	Fx1	Fx2	Fx3	Total
ABÓBORA	3	8	10	21
ÁRVORE	3	4	10	17
BINÓCULO	2	6	9	17
CÂMERA	3	6	8	17
EXÉRCITO	3	5	5	13
FÓSFORO	3	6	8	17
HIPOPÓTAMO	6	8	11	25
LÂMPADA	4	6	7	17
MÁGICO	3	4	6	13
MÁQUINA	3	7	9	19
MÉDICO	3	5	9	17
MÔNICA	3	8	9	20
MÚSICA	3	6	9	18
NÚMERO	3	7	8	18
ÓCULOS	3	7	9	19
ÔNIBUS	5	5	10	20
PÁSSARO	3	5	8	16
PÊSSEGO	3	5	8	16
PLÁSTICO	2	5	8	15

PRÍNCIPE	3	5	7	15
TRIÂNGULO	3	8	11	22
VELOCÍPEDE	1	2	6	9
XÍCARA	3	6	8	17
Total de realizações:				398

Fx1: até 2;0 – Fx2: de 2;1 a 3;0 – Fx3: a partir de 3;1

Quadro 10: Total de produções dos vocábulos por faixa etária

Explicarei, agora, mais detidamente, cada um dos recursos de desproporoxitonização.

3.1.1 Redução do vocábulo

Redução é quando o número de sílabas do vocábulo proparoxítono diminui em consequência de coalescência ou de elisão. É importante destacar que a redução, aqui, só é um recurso de desproporoxitonização quando as sílabas afetadas são as três últimas, visto que qualquer alteração silábica nas pretônicas não interfere no padrão proparoxítono.

3.1.1.1 Redução por coalescência

Como uma estratégia de desproporoxitonização, a coalescência pode ocorrer de diversas formas. Tratarei delas mais detidamente agora, valendo-me de exemplos – cada exemplo virá acompanhado da criança que o realizou, com a sigla **Cr** e um número identificador – e de uma esquematização, na qual **C** representa uma consoante, **V** representa uma vogal, **S** representa uma semivogal, o símbolo **Ø** representa um segmento que caiu no processo, o hífen (-) representa a fronteira entre uma sílaba e outra, e o travessão (–) representa a possibilidade de existência de outras sílabas, que podem ser anteriores ou posteriores a depender de onde o travessão se localiza. O asterisco (*) representa uma forma hipotética.

a) *Coalescência entre as postônicas, com a junção da cabeça da postônica não final com o núcleo da postônica final.*

Nesse tipo de coalescência, a vogal não final é sempre elidida. A consoante que encabeça a sílaba final pode também ser elidida, conforme esquematização e exemplos abaixo:

$$-C^1V-C^2V > -C^1\emptyset-\emptyset V > -CV$$

- ABÓBORA /a'bɔbora/ – [bɔbɐ] (Cr01)
- BINÓCULO /bi'nɔkulU/ – [bi'nɔku] (Cr08)
- CÂMERA /'kamera/ – [kɛmɐ] (Cr03)
- EXÉRCITO /E'zɛRsitU/ – [ɛ'zɛsu] (Cr01)
- HIPOPÓTAMO /ipO'pɔtamU/ – [ipɔtu] (Cr02); [ipɔ'pɔtu] (Cr03)
- LÂMPADA /'lãpada/ – [ɛpɐ] (Cr02)
- MÁGICO /'maʒikU/ – [pasu] (Cr01)
- MÁQUINA /'makina/ – [makɐ] (Cr18)
- MÉDICO /'medikU/ – [mɛtʲu] (Cr02)
- MÚSICA /'muzika/ – [butɐ] (Cr01)
- ÓCULOS /'ɔkulUS/ – [ɔtu] (Cr02); [ɔku] (Cr10)
- PÁSSARO /'pasarU/ – [patu] (Cr02)
- PÊSSEGO /'pesegU/ – [petu] (Cr01)
- PLÁSTICO /'plaStikU/ – [patu] (Cr02)
- TRIÂNGULO /tri'ãgulU/ – [ti'ɛgu] (Cr10)
- XÍCARA /'ʃikara/ – [sikɐ] (Cr14)

Houve um caso peculiar, para o vocábulo ÔNIBUS, com três evocações que, ao serem comparadas, demonstram também um caso de coalescência como nos exemplos acima:

- [ˈɛtʃiku]; [ˈɛtʃu]; [ˈɛʃu] (Cr01)

Nesse caso, as evocações são foneticamente muito divergentes da forma alvo (ÔNIBUS); logo, a coalescência é extraída a partir de uma forma proparoxítona que a criança evocou, em contraste com duas outras formas.

Caso a C² seja uma líquida, é passível de se manter e ser ressilabificada, formando uma cabeça complexa com a consoante anterior.

$$-C^1V-C^2V > -C^1\emptyset-C^2V > -CCV$$

- ÁRVORE /ˈaRvorɪ/ – [ˈavri] (Cr03)
- ÓCULOS /ˈɔkulUS/ – [ˈɔkrus] (Cr08)
- PÁSSARO /ˈpasarU/ – [ˈpasro] (Cr12); curiosamente, essa criança produziu uma forma em desacordo com a fonotática do português, ou seja, uma cabeça silábica complexa construída em que a C¹ é uma sibilante.

Nesse tipo específico de coalescência, a produção de alguns vocábulos pode ser interpretada também como elisão total de sílabas, quando as duas vogais postônicas são idênticas ou similares. É o caso de BINÓCULO, LÂMPADA, ÓCULOS, TRIÂNGULO e XÍCARA. Essa interpretação é comum a outros trabalhos, como Ferreira-Gonçalves (2010) e Baia (2010); talvez essas autoras atribuam a redução, nesses casos, à elisão da última sílaba por estarem embasadas em teorias não lineares, segundo as quais a última sílaba da proparoxítona é extramétrica. No entanto, embora esteja ciente dessa interpretação, não aderirei a ela aqui; em analogia ao que ocorre com os outros vocábulos, interpretarei esses casos sempre como coalescência.

b) *Coalescência entre as postônicas, com elisão parcial da sílaba final, mantendo-se um único segmento, que é encaixado no final da sílaba precedente como coda ou ditongo.*

Nesse caso, se o elemento remanescente é uma vogal, semivocaliza, como demonstro no esquema e nos exemplos abaixo:

$$-C^1V-C^2V- > -C^1V-\emptyset V- > -C^1V-\emptyset S- > -C^1VS$$

- BINÓCULO /bi'nɔkulU/ – [bi'nɔkiw] (Cr16)
- HIPOPÓTAMO /ipO'pɔtamU/ – [pɔ'pɔtow] (Cr03); [ipɔ'pɔtɛw] (Cr18)
- TRIÂNGULO /tri'ãgulU/ – [tri'ẽguw] (Cr15)

Se o elemento remanescente for uma consoante, ressilabifica; entre as crianças pesquisadas na creche, houve 1 (uma) ocorrência.

$$-C^1V-C^2V- > -C^1V-C^2\emptyset- > -C^1VC^2-$$

- PÊSSEGO /'peseɡU/ – ['pesebɫ] (Cr10)

Nesse caso, o segmento remanescente foi uma consoante oclusiva, que, tornando-se uma coda, manteve apenas o seu momento de oclusão, sem a plosão própria das oclusivas no PB.

c) *Coalescência entre a tônica e a postônica não final.*

Nesses casos, a cabeça da postônica não final cai e o núcleo semivocaliza, agregando-se à sílaba anterior como ditongo.

$$-C^1V-C^2V- > -C^1V-\emptyset V- > -C^1VV- > -C^1VS-$$

- MÁQUINA /'makina/ – ['pajtɐ] (Cr01)
- MÔNICA /'monika/ – ['mõjka] (Cr09)
- NÚMERO /'numerU/ – ['mujdu] (Cr01)
- ÓCULOS /'ɔkulUS/ – ['ɔjtu] (Cr01)
- PLÁSTICO /'plaStikU/ – ['pajtu] (Cr01)

Também pode ocorrer queda do núcleo com manutenção da cabeça, esta tornando-se coda da sílaba anterior. entre as crianças pesquisadas na creche, houve 1 (uma) ocorrência.

$$-C^1V-C^2V- > -C^1V-C^2\emptyset- > -C^1VC^2-$$

- PÊSSEGO /'pesegU/ – [peʃko] (Cr03)

Existem algumas formas peculiares de coalescência, que, embora eu trate, aqui, em destaque, se incluem numa das outras formas acima:

- TRIÂNGULO /tri'ãgulU/ – [tʃi'lẽgu] (Cr03): nesse caso, ocorre a coalescência mais tradicional e comum, que é entre as postônicas sem formação de nova coda ou novo ditongo (tipo a, na classificação acima); a diferença é que a cabeça da última sílaba não cai, mas migra para a sílaba tônica, que não possuía ataque. Para além disso, o encontro consonantal da primeira sílaba é simplificado.
- XÍCARA /'ʃikara/ – [iʃɐ] (Cr01): aqui, a coalescência se deu após uma permutação, com uma forma intermediária *[kiʃarɐ], vindo a consoante /k/ a cair e havendo, em seguida, coalescência entre as postônicas (tipo a, descrito acima).
- FÓSFORO /'fɔsforU/ – [fɔsu] (Cr15): à primeira vista, é visível uma possível ocorrência de elisão total da sílaba postônica não final, seguida de coalescência entre a tônica e a final. No entanto, uma análise mais cautelosa leva a um caso de duas coalescências sobrepostas, em que as duas postônicas se fundem, abrindo espaço para uma nova coalescência, em que a coda da sílaba tônica /S/ ressilabifica, encabeçando uma nova sílaba com o núcleo /U/. Em um esquema, temos o seguinte: *[fɔsforu] > *[fɔsfu] > [fɔsu].
- PLÁSTICO /'plaStikU/ – [pasu] (Cr04): aqui, dá-se algo similar ao que ocorreu no exemplo acima. Em um esquema, temos: *[plastiku] > *[pastiku] > *[pastu] > [pasu].

Esses dois exemplos sugerem que a possibilidade de coalescências sobrepostas pode estar relacionada à existência de uma coda na sílaba tônica.

A seguir, um quadro e um gráfico nos quais contabilizo o total de coalescências, pelos tipos que apresentei acima e ao longo das faixas etárias.

	Fx1				Fx2				Fx3				TOTAL			
	a	b	c	T	a	b	c	T	a	b	c	T	a	b	c	T
ABÓBORA	2	-	-	2	1	-	-	1	1	-	-	1	4	0	0	4/21
ÁRVORE	3	-	-	3	1	-	-	1	-	-	-	0	4	0	0	4/17
BINÓCULO	-	-	-	0	3	-	-	3	2	2		4	5	2	0	7/17
CÂMERA	1	-	-	1	1	-	-	1	-	-	-	0	2	0	0	2/17
EXÉRCITO	2	-	-	2	-	-	-	0	1	-	-	1	3	0	0	3/13
FÓSFORO	2	-	-	2	-	-	-	0	1	-	-	1	1	0	0	3/17
HIPOPÓTAMO	2	1	-	3	1	-	-	1	1	1	-	2	6	2	0	8/25
LÂMPADA	2	-	-	2	-	-	-	0	-	-	-	0	2	0	0	2/17
MÁGICO	1	-	-	1	-	-	-	0	-	-	-	0	1	0	0	1/13
MÁQUINA	-	-	1	1	-	-	-	0	1	-	-	1	1	0	1	2/19
MÉDICO	1	-	-	1	-	-	-	0	-	-	-	0	1	0	0	1/17
MÔNICA	-	-	2	2	-	-	-	0	-	-	-	0	0	0	2	2/20
MÚSICA	2	-	-	2	-	-	-	0	-	-	-	0	2	0	0	2/18
NÚMERO	-	-	1	1	-	-	-	0	-	-	-	0	0	0	1	1/18
ÓCULOS	2	-	-	2	3	-	-	3	3	-	-	3	8	0	0	8/19
ÔNIBUS	2	-	-	2	-	-	-	0	-	-	-	0	2	0	0	2/20
PÁSSARO	2	-	-	2	-	-	-	0	2	-	-	2	4	0	0	4/16
PÊSSEGO	2	-	1	2	-	1	-	1	-	-	-	0	2	1	1	4/16
PLÁSTICO	1	-	1	2	1	-	-	1	-	-	-	0	2	0	1	3/15
PRÍNCIPE	1	-	-	1	-	-	-	0	-	-	-	0	1	0	0	1/15
TRIÂNGULO	1	-	-	1	4	-	-	4	3	1		4	8	1	0	9/22
VELOCÍPEDE	-	-	-	0	-	-	-	0	1	-	-	1	1	0	0	1/9
XÍCARA	1	-	-	1	1	-	-	1	1	-	-	1	3	0	0	3/17
Total por Fx	30	1	6	36	1 5	1		16	1 6	4		20				
Total de ocorrências:													65	6	6	77/398

Fx1: até 2;0 – Fx2: de 2;1 a 3;0 – Fx3: a partir de 3;1

Quadro 11: Tipos de coalescência identificados

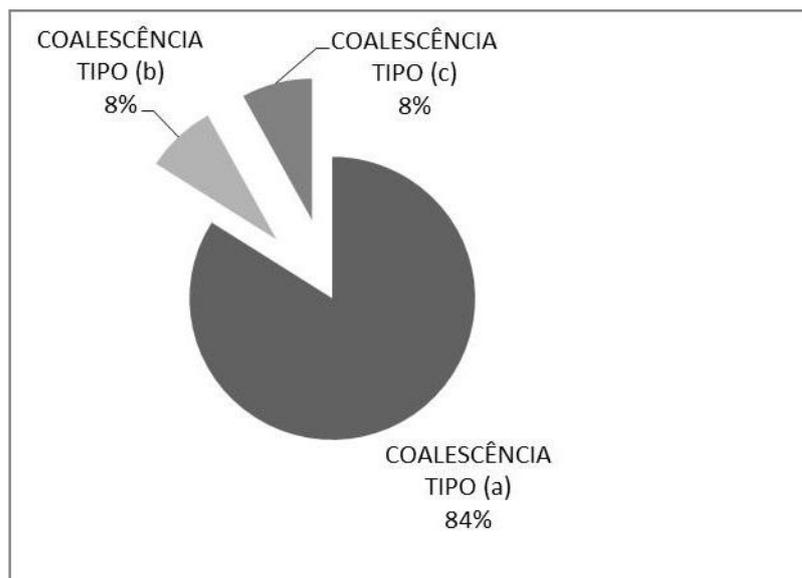


Gráfico 2: Porcentagem de ocorrência dos tipos de coalescência

Como podemos ver no Quadro 11 e no Gráfico 2, o tipo mais produtivo de coalescência foi o primeiro, que é entre as postônicas sem formação de novo ditongo ou nova coda; houve 63 (sessenta e três) casos – o que corresponde a 84% das coalescências – em detrimento dos outros dois tipos, em que ocorreram apenas 6 (seis) de cada – o que representa 8% das coalescências. A coalescência se distribui de maneira equilibrada entre as faixas etárias, ocorrendo apenas em mais vocábulos na Faixa 1, visto que é onde se encontra o primeiro estágio de aquisição do acento proparoxítono, como veremos na seção 3.2. Quanto à distribuição dos três tipos de coalescência nas faixas etárias, temos o seguinte:

- Tipo (a): presente e o de maior quantidade de casos nas três faixas
- Tipo (b): presente nas três faixas, mais casos na Faixa 3 que nas outras duas
- Tipo (c): presente e exclusivamente na Faixa 1, com mais casos que o tipo (b)

Com isso, temos o núcleo da sílaba postônica final e a cabeça da sílaba final como os elementos mais vulneráveis em casos de coalescência.

Antes de passar para a elisão de sílaba, chamo atenção para o fato de que, nos exemplos que forneci nas páginas acima, certamente, muitos segmentos diferiram dos que constam na forma alvo. Isso ocorreu porque a desproparoxitonização não anula outros

processos fonológicos concomitantes, como confusão das líquidas, oclusivização, anteriorização, entre outros, que com eles coocorrem.

3.1.1.2 Redução por elisão de sílaba

As reduções por elisão podem ocorrer na sílaba tônica ou em qualquer uma das postônicas. Abaixo, exponho os casos encontrados na creche, acompanhados de exemplos – cada exemplo virá acompanhado da criança que o realizou, com a sigla **Cr** e um número identificador – e de uma esquematização na qual **S** representa uma sílaba forte (tônica), **W** representa uma sílaba fraca (átona)¹³, o símbolo **Ø** representa uma sílaba integralmente elidida e o travessão (–) representa a possibilidade de outras sílabas anteriores. O asterisco (*) representa uma forma hipotética

a) *Elisão da sílaba final:*

–SWW > –SWØ > –SW

- BINÓCULO /bi'nɔkulU/ – [nɔki] (Cr18): aqui, ocorre elisão total da sílaba final e elisão parcial da sílaba postônica não final, mantendo-se a cabeça /k/, com adição de uma vogal paragógica [i], que pode ter surgido por assimilação à vogal da sílaba pretônica elidida /bi/.
- HIPOPÓTAMO /ipO'pɔtamU/ – [ikɔ'pɔtɐ] (Cr14)
- MÁGICO /'mazikU/ – [paʒi] (Cr01)
- MÉDICO /'medikU/ – [pɛdʒi] (Cr01)
- PÊSSEGO /'pesegU/ – [peʒi] (Cr09)
- PLÁSTICO /'plaStikU/ – [plafji] (Cr15)

¹³ Adotarei essa simbologia por ser didaticamente apropriada neste momento. Ela é originária dos termos em inglês: S (Strong = forte) e W (Weak = fraco) e amplamente adotada nos trabalhos fundamentados em modelos não lineares que estudam aspectos prosódicos; fartamente presente em Baia (2010), por exemplo.

- VELOCÍPEDE /vElO'sipedI/ – [velo'sipe:] (Cr17)

b) *Elisão da sílaba postônica não final:*

–SWW > –SØW > –SW

- BINÓCULO /bi'nɔkulU/ – [ˈtɔtu] (Cr02)
- EXÉRCITO /E'zeRsitU/ – [i'zekus] (Cr10)
- MÁQUINA /'makina/ – [ˈmatɐ] (Cr02)
- ÔNIBUS /'onibUS/ – [ˈõpu] (Cr08)
- PRÍNCIPE /'pɾĩsipI/ – [ˈbipi] (Cr02)
- TRIÂNGULO /tri'ãgulU/ – [ˈẽdu] (Cr02)
- VELOCÍPEDE /vElO'sipedI/ – [sɛlɔ'pitʃi] (Cr08); aqui, antes da coalescência, ocorre permutação e assimilação, formando uma forma intermediária *[sɛlɔ'pɪsidʒi]; seguida de ensurdecimento da C¹ da sílaba final (/dʒ/ > [tʃ]) e elisão da postônica não final.

c) *Elisão de todas as postônicas:*

–SWW > –SØØ > –S

No corpus coletado para esta dissertação, há apenas 1 (uma) ocorrência:

- HIPOPÓTAMO /ipO'pɔtamU/ – [pɔ'pɔ] (Cr01)

d) *Elisão da sílaba tônica:*

–SWW > –ØWW > –WW > –SW

- LÂMPADA /lãpada/ – [ˈpadʒi] (Cr01)

- NÚMERO /'numerU/ – ['molo] (Cr01); ['me:bru] (Cr03)

São raros os casos de elisão da sílaba tônica, que podem ser interpretados como lapsos. Em Rapp (1994), há 2 (dois) casos com o vocábulo PRÍNCIPE, os quais ela interpreta como uma influência conjunta da estrutura prosódica, da estrutura silábica e da nasalidade da vogal na sílaba tônica:

- PRÍNCIPE /'pɾĩsipI/ – [simi]; ['sipe] (Cf. RAPP, 1994, p. 73)

A seguir, exponho um quadro e um gráfico que contabilizam o número de realizações de elisão total de sílabas nos casos da Creche da UFBA:

	Fx1					Fx2					Fx3					TOTAL				
	a	b	c	d	T	a	b	c	d	T	a	b	c	d	T	a	b	c	d	Total
ABÓBORA	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
ÁRVORE	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
BINÓCULO	-	2	-	-	2	-	-	-	-	0	1	-	-	-	1	1	2	0	0	3/17
CÂMERA	-	-	-	1	1	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	1	1/17
EXÉRCITO	-	-	-	-	0	-	-	-	-	1	-	1	-	-	1	0	1	0	0	1/13
FÓSFORO	-	-	-	-	0	-	1	-	-	1	-	-	-	-	0	0	1	0	0	1/17
HIPOPÓTAMO	-	-	1	-	1	-	-	-	-	0	-	1	-	-	1	0	1	1	0	2/25
LÂMPADA	-	-	-	1	1	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	1	1/17
MÁGICO	1	-	-	-	1	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	1	0	0	0	1/13
MÁQUINA	-	2	-	-	2	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	2	0	0	2/19
MÉDICO	1	-	-	-	1	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	1	0	0	0	1/17
MÔNICA	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
MÚSICA	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
NÚMERO	-	-	-	2	2	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	2	2/18
ÓCULOS	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
ÔNIBUS	-	-	-	-	0	-	1	-	-	1	-	-	-	-	0	0	1	0	0	1/20
PÁSSARO	-	1	-	-	1	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	1	0	0	1/16
PÊSSEGO	-	-	-	-	0	1	-	-	-	1	-	-	-	-	0	1	0	0	0	1/16
PLÁSTICO	-	-	-	-	0	-	1	-	-	1	-	-	-	-	0	0	1	0	0	1/15
PRÍNCIPE	-	1	-	-	1	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	1	0	0	1/15
TRIÂNGULO	1	-	-	-	1	1	-	-	-	1	-	1	-	-	1	2	2	0	0	4/22
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	0	-	1	-	-	1	2	-	-	-	2	2	0	0	0	2/9
XÍCARA	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	-	-	-	-	0	0	0	0	0	0
Total por Fx	3	6	1	4	14	2	4	0	0	7	3	3	0	0	6					
Total de ocorrências:																8	13	1	4	26/398

Quadro 12: Tipos de elisão identificados

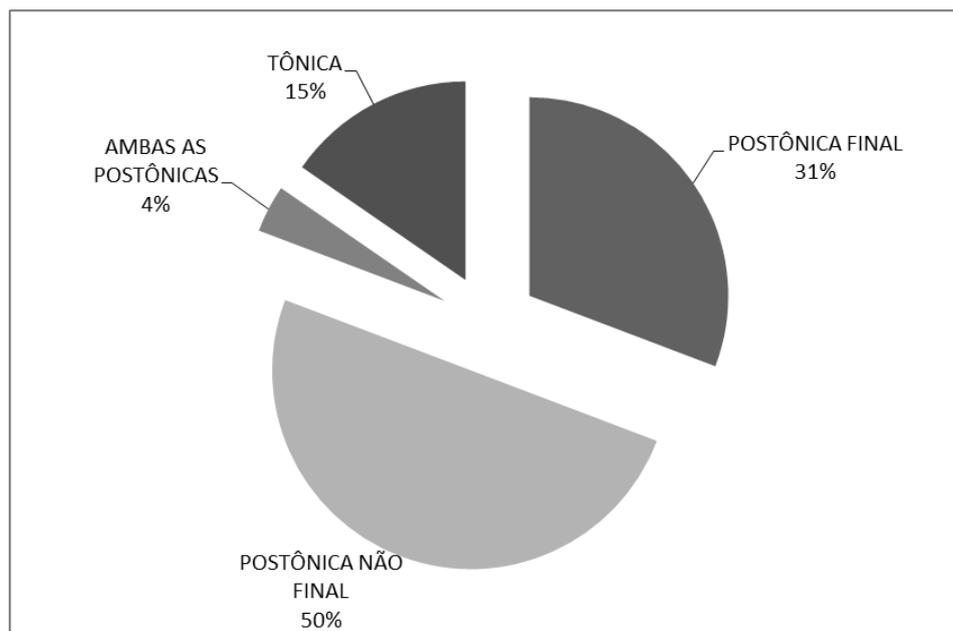


Gráfico 3: Sílabas afetadas pela elisão

Podemos observar, no Gráfico 3 e no Quadro 12, que a sílaba postônica não final foi a que mais tendeu à elisão total, havendo 13 (treze) casos – o que representa 50% das elisões – em que ela caiu isoladamente, e 1 (um) – o que representa 4% das elisões – em que ela caiu conjuntamente com a sílaba final. A sílaba que menos tendeu à elisão foi a tônica, havendo 4 (quatro) casos – o que representa 15% das elisões. Ainda assim, houve mais casos de elisão da sílaba tônica do que de ambas as postônicas, um indício de que, possivelmente, como estratégia de desproparoxitonização, a elisão de uma única sílaba parece ter preponderância sobre a elisão de mais de uma. Quanto à distribuição das elisões possíveis nas faixas etárias, temos o seguinte:

- Elisão da final (a): presente equilibradamente nas três faixas
- Elisão da postônica não final (b): presente nas três faixas; mais casos na Faixa 1 que nas outras duas
- Elisão de ambas as postônicas (c): presente exclusivamente na Faixa 1, com um único caso

- Elisão da tônica (d): presente exclusivamente na Faixa 1, com mais casos do que de elisão da sílaba final e mais casos do que elisão de ambas as postônicas.

Com isso, tem-se a sílaba postônica não final como a mais vulnerável para elisão.

3.1.2 Reacentuação do vocábulo

Reacentuação é quando o acento migra da sílaba original para uma sílaba posterior. Rapp (1994) chama esse recurso de prosódia afetada. Baia (2010), de erro de acento; segundo o seu trabalho, a reacentuação conduz à formação de um oxítono (iambos) nos momentos iniciais de aquisição. Como recurso de desproparoxitonização, a reacentuação é raríssima, não tendo se mostrado produtiva na aquisição de proparoxítonas, em nenhuma das proparoxítonas estudadas por Baia (2010) e Ferreira-Gonçalves (2008), e havendo um único caso em Rapp (1994, p. 106), no vocábulo ABÓBORA > [bɔ'bɔɾɐ]. Em Vargens (2012), esse recurso ocorre em FÓSFORO > [foj'faru] e na produção de formas que possivelmente referem-se a outro vocábulo que não o alvo, como [ʃi'kɾɛʃi] para XÍCARA e [fo] para ÁRVORE (Cf. VARGENS, 2012). Abaixo, o ocorrido na Creche da UFBA:

- MÚSICA /muzika/ – [se'a'kakɐ]; [tʃu'kakɐ] (Cr05)

Não há um conjunto de estratégias para reacentuação; ela é recurso e estratégia ao mesmo tempo.

Passarei, agora, para outro recurso: a ampliação do vocábulo.

3.1.3 Ampliação do vocábulo

Ampliação é quando o número de sílabas aumenta, formando, assim, um vocábulo de formato acentual preproparoxítono. Esse recurso também é raro. Como estratégia, pode se valer de reduplicação de sílaba ou de silabificação. A ampliação pode ser interpretada como uma tentativa exagerada de manutenção do padrão prosódico. Possivelmente, há alguma consciência de mais de uma sílaba postônica, o que a criança possivelmente tenta

preencher de maneira exagerada; como não pressuponho realidade psicológica, isso fica apenas como hipótese.

Houve2 (duas) ocorrências de ampliação do vocábulo nos dados coletado na Creche da UFBA, ambas pela Criança 05.

- HIPOPÓTAMO /ipO'pɔtamU/– [pɔrororo]
- XÍCARA /'jikara/– [jikaralɐ]

Nesses dois casos, parece ter havido reduplicação de sílaba, sendo que, em HIPOPÓTAMO, houve uma coalescência, formando uma forma intermediária por redução, havendo, também, assimilação progressiva da vogal média posterior, e, em seguida, duas reduplicações da sílaba formada. Em um esquema, temos o seguinte:

$$*[pɔ'pɔtɛ̃mu] > *[pɔtu] > *[pɔro] > [pɔrororo]$$

No caso de XÍCARA, temos uma reduplicação da última sílaba, sendo que a forma reduplicada vem acompanhada do processo segmental de confusão de líquidas. Em um esquema, temos o seguinte:

$$*[jikarɐ] > *[jikararɐ] > [jikaralɐ]$$

Em Vargens (2012), houve 1 (uma) ocorrência:

- FÓSFORO /fɔSfOrU/ – [fɔsiliku] (Cf. VARGENS, 2012); nesse caso, ocorreu silabificação, por meio de adição de uma vogal epentética entre a sílaba tônica e a postônica não final, ressilabificando a coda /S/, seguida de assimilação e permutação de alguns segmentos. Em formas intermediárias, teríamos o seguinte esquema:

$$*[fɔsforu] > *[fɔsifolu] > *[fɔsifilu] > *[fɔsilifu] > [fɔsiliku]$$

(Cf. VARGENS, 2012, p. 38)

3.1.4 Recurso mais produtivo

A seguir, exponho um quadro e um gráfico que contabilizam o total dos recursos ocorridos na creche. O denominador na penúltima coluna representa o número de evocações de cada vocábulo.

	Redução		Reac.	Amp.	Ind.	Total	
	El.	Coal.				N	%
ABÓBOBORA	0	4	0	0	0	4/21	19%
ÁRVORE	0	4	0	0	0	5/17	29,4%
BINÓCULO	3	7	0	0	0	9/17	52,9%
CÂMERA	1	2	0	0	0	3/17	17,6%
EXÉRCITO	1	3	0	0	0	4/13	30,8%
FÓSFORO	1	3	0	0	0	4/17	23,5%
HIPOPÓTAMO	2	8	0	1	0	11/25	44%
LÂMPADA	1	2	0	0	0	3/17	17,6%
MÁGICO	1	1	0	0	0	2/13	15,4%
MÁQUINA	2	2	0	0	0	4/19	21%
MÉDICO	1	1	0	0	1	3/17	17,6%
MÔNICA	0	2	0	0	0	2/20	10%
MÚSICA	0	2	2	0	0	4/18	22,2%
NÚMERO	2	1	0	0	0	3/18	16,7%
ÓCULOS	0	8	0	0	0	8/19	42,1%
ÔNIBUS	1	2	0	0	1	4/20	20%
PÁSSARO	1	4	0	0	0	5/16	31,2%
PÊSSEGO	1	4	0	0	0	5/15	33,3%
PLÁSTICO	1	3	0	0	0	5/14	35,7%
PRÍNCIPE	1	1	1	0	0	3/14	21,4%
TRIÂNGULO	4	9	0	0	1	12/21	57,1%
VELOCÍPEDE	2	1	0	0	0	4/9	44,4%
XÍCARA	0	3	0	1	0	4/16	25%
Total	26	77	3	2	3	110/398	27,6%

El: elisão *Coal:* Coalescência *Amp:* Ampliação *Ind:* Indeterminadas

Quadro 13: Totais de recursos por vocábulo

Chamo, aqui, de indeterminadas as estratégias – ou recursos – que não consegui identificar. São casos em que a forma evocada não é proparoxítona, o que caracteriza uma desproparoxitonização, mas sem uma estratégia claramente identificada, recuperável.

O conjunto de valores desse quadro pode ser melhor visualizado no seguinte gráfico:

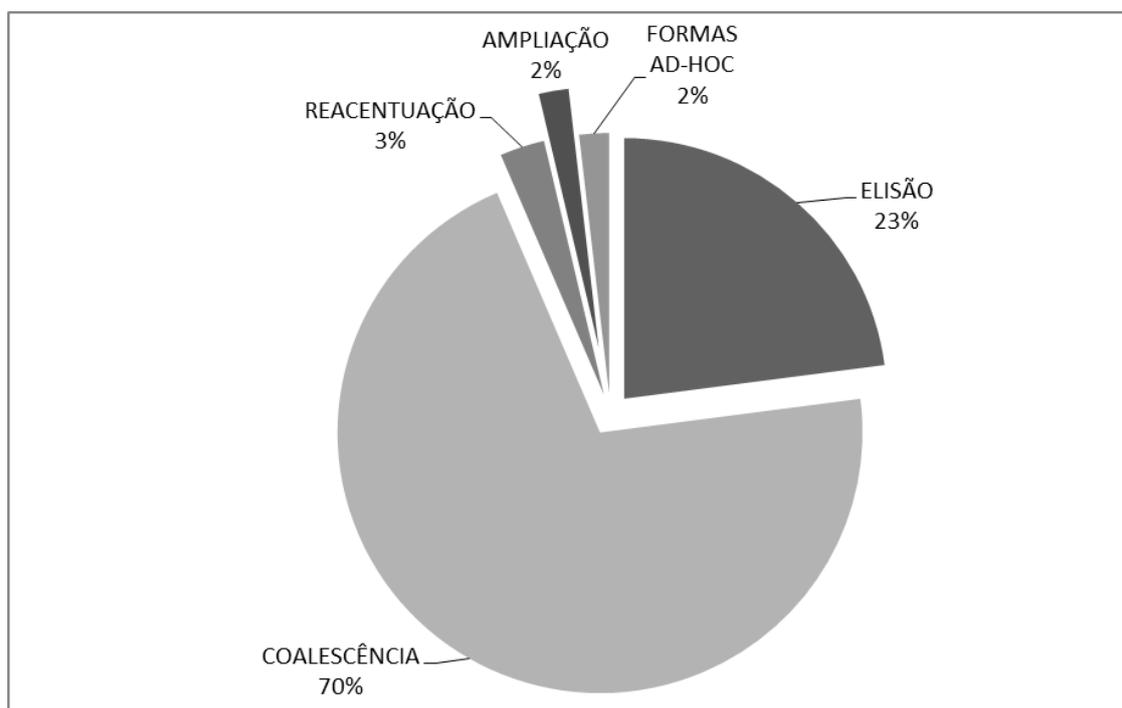


Gráfico 4: Porcentagens de recursos e estratégias

O que o gráfico e o quadro mostram é que a coalescência é a estratégia mais produtiva de desproparoxitonização, seguida da elisão de sílaba, tornando, assim, a redução o recurso mais produtivo, tendo sido responsável por 93% dos casos de desproparoxitonização.

3.1.5 Tendências

3.1.5.1 Contexto fonológico dos vocábulos

Como mencionei no Capítulo 2, a escolha pelos vocábulos estudados e eliciados para esta dissertação foi feita mediante dois critérios: a presença deles nas pesquisas anteriores e a variabilidade de contextos fonológicos a serem considerados. Em termos de padrão acentual, essa variabilidade de contextos diz respeito a três aspectos:

- Peso da sílaba tônica: se leve – terminada em vogal oral – ou pesada – terminada com nasalidade, ditongo ou coda.

- Extensão do vocábulo: se trissílabo ou polissílabo
- Estrutura consonantal: se permite a formação de um encontro consonantal (em acordo com a fonotática do PB) ou não com a redução, ainda que a redução não ocorra por coalescência e ainda que o encontro consonantal seja simplificado. Chama-se de estrutura consonantal devido aos tipos de consoante que compõem o vocábulo, uma vez que uma consoante oclusiva na cabeça da sílaba tônica e uma consoante líquida na cabeça da postônica não final favorecem a formação de um novo encontro consonantal.

a) *Peso da sílaba tônica*

O peso da sílaba tônica demonstrou não exercer influência nos casos de desproparoxitonização. Abaixo, um gráfico demonstrativo da diferença:

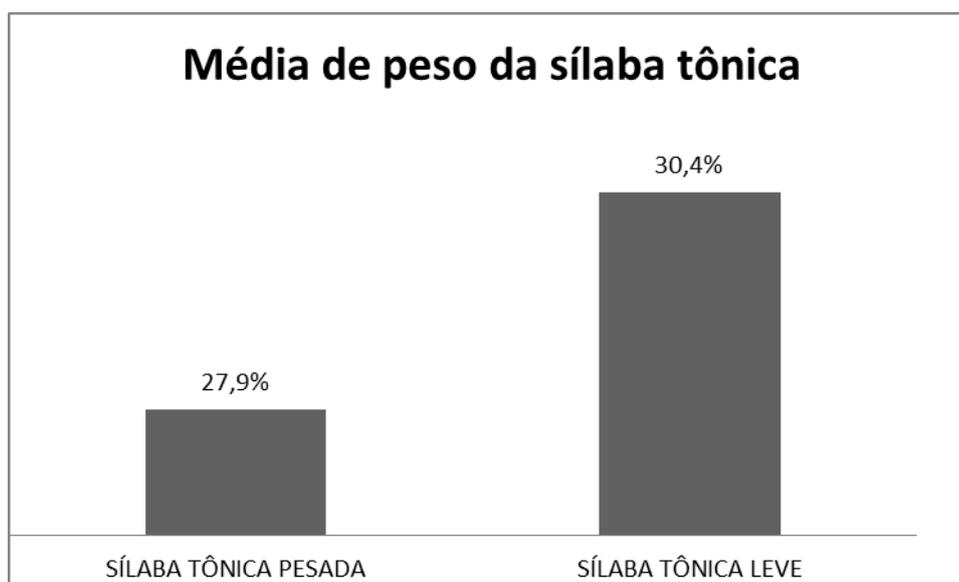


Gráfico 5: Média de peso da sílaba tônica

Os vocábulos com sílaba tônica pesada são ÁRVORE, EXÉRCITO, FÓSFORO, LÂMPADA, PLÁSTICO, PRÍNCIPE e TRIÂNGULO. Os com sílaba tônica leve são HIPOPÓTAMO, MÁGICO, MÁQUINA, MÉDICO, MÚSICA, ÓCULOS, PÁSSARO, PÊSSEGO, VELOCÍPEDE e XÍCARA. Como expliquei no Capítulo 2, para a análise do peso da sílaba tônica, excluí os vocábulos CÂMERA, MÔNICA, NÚMERO e ÔNIBUS, pois esses vocábulos apresentam sílaba tônica leve

fonologicamente, mas podem se realizar pesadas foneticamente, graças à nasalidade da consoante seguinte, que pode influenciar a vogal tônica.

O que o Gráfico 5 mostra é que a diferença entre um e outro contexto é insignificante, havendo mais desproporoxitonizações em vocábulos de sílaba tônica leve dos que nos de sílaba tônica pesada, com diferença de 1,23%. A não influência desse contexto pode ser confirmada em dados de pesquisas anteriores, como demonstro no quadro e nos gráficos abaixo:

	Sílaba tônica leve	Sílaba tônica pesada	Diferença
Creche da UFBA	33,71%	32,48%	1,23%
Rapp (1994)	86,70%	70,24%	16,46%
Baia (2010)	59%	65,70%	6,7%
Ferreira-Gonçalves (2010)	22,94%	33%	10,06%

Quadro 14: Média de peso da sílaba tônica nos diversos trabalhos

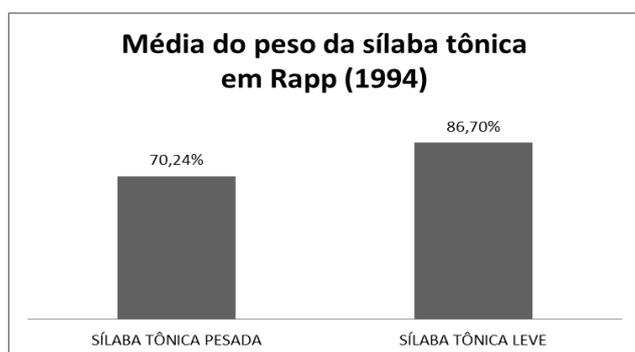


Gráfico 6

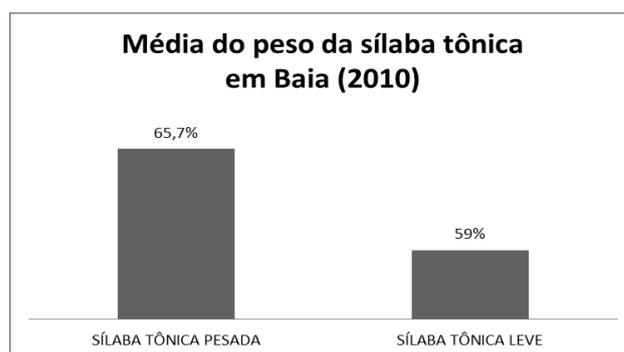


Gráfico 7

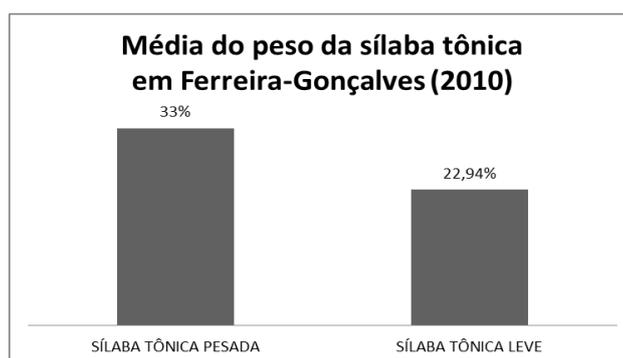


Gráfico 8

Embora a diferença nos outros dados seja maior, o que vemos são resultados díspares. Enquanto nos dados da Creche da UFBA e em Rapp (1994), temos uma porcentagem maior de desproporoxitonização entre os vocábulos de sílaba tônica leve, nos

dados de Baia (2010) e Ferreira-Gonçalves (2010) dá-se o contrário: a porcentagem é maior entre os vocábulos de sílaba tônica pesada.

Até então, não há nada que explique essa diferença, que parece ser, de fato, aleatória. Ela apenas leva a crer que o peso da sílaba tônica não exerce influência sobre a desproparoxitonização. No Capítulo 1, seção 1.2, chego a mencionar que Santos (2001) obtém um resultado similar, ou seja, que o peso da sílaba não exerce influência em qualquer alteração na estrutura acentual durante a aquisição; e, no trabalho dela, essa não influência é detectada em todos os acentos e todas as sílabas.

b) *Extensão do vocábulo*

A extensão do vocábulo demonstrou exercer influência sobre a possibilidade de desproparoxitonização. Vocábulos polissílabos tendem à desproparoxitonização mais do que vocábulos trissílabos, como podemos observar no gráfico:

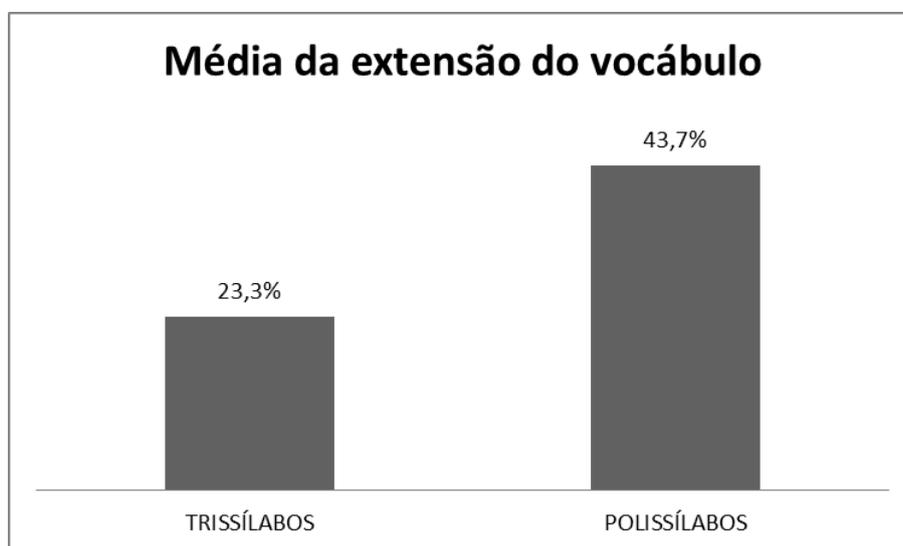


Gráfico 9: Média de extensão do vocábulo

Entre os trissílabos constam ÁRVORE, CÂMERA, FÓSFORO, LÂMPADA, MÁGICO, MÁQUINA, MÉDICO, MÔNICA, MÚSICA, NÚMERO, ÓCULOS, ÔNIBUS, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE

e XÍCARA. Entre os polissílabos constam BINÓCULO, EXÉRCITO, HIPOPÓTAMO, TRIÂNGULO e VELOCÍPEDE.

A tendência maior à desproporoxitonização pelos polissílabos do que por trissílabos é confirmada nos dados de Rapp (1994), conforme o gráfico a seguir:

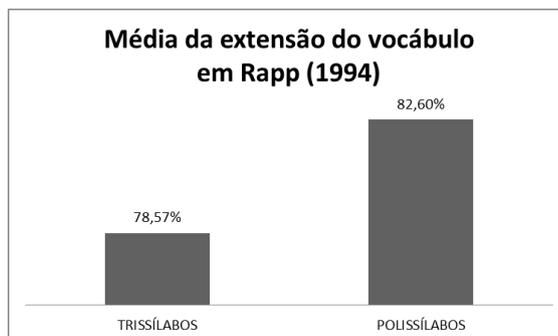


Gráfico 10

Nos outros trabalhos, não é possível aferir essa diferença. Baia (2010) e Vargens (2012) só estudam trissílabos. Ferreira-Gonçalves (2010) estuda dois polissílabos, sendo que um deles, ESPETÁCULO, obteve uma única evocação. Em um quadro, temos o seguinte:

Creche da UFBA	16,19%
Rapp (1994)	4,03%
Baia (2010)	-
Ferreira-Gonçalves (2010)	-
Vargens (2012)	-
Média aritmética:	10,11%

Quadro 15: Média de extensão do vocábulo nos diversos trabalhos

Aliando os dois conjuntos de dados de pesquisa, vocábulos polissílabos tendem à desproporoxitonização em 10,11%, em média, a mais do que os trissílabos.

c) *Estrutura consonantal*

Como expliquei anteriormente, chamo, aqui, de estrutura consonantal o conjunto dos tipos de consoante que compõem o vocábulo, em especial aquelas que, no modelo padrão, encontram-se como cabeça simples; em função dos tipos de consoante que compõem o vocábulo, uma redução pode gerar ou não formação de encontro consonantal, uma vez que uma consoante oclusiva (cabeça simples da sílaba tônica) e uma consoante líquida (cabeça simples da postônica não final) podem formar uma cabeça complexa.

A estrutura consonantal também demonstrou exercer influência sobre a desproparoxitonização; sendo que os vocábulos que possuem consoante oclusiva ou fricativa labiodental na sílaba postônica não final juntamente com uma consoante líquida na sílaba final – são aqueles em que, através da coalescência, formam um encontro consonantal entre esses dois tipos de consoantes – tenderam mais à desproparoxitonização. Vejamos:

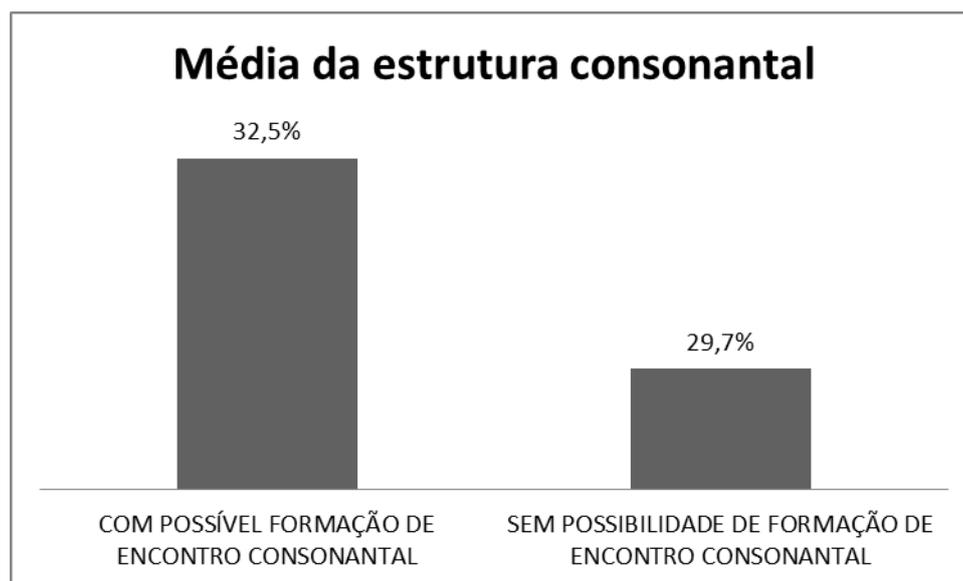


Gráfico 11: Média da estrutura consonantal

Entre os vocábulos passíveis de formar um encontro consonantal com a redução estão ÁRVORE, BINÓCULO, FÓSFORO, ÓCULOS, TRIÂNGULO e XÍCARA. Entre os vocábulos que não podem formar um encontro consonantal com a redução estão CÂMERA, EXÉRCITO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÁGICO, MÁQUINA, MÉDICO, MÔNICA, MÚSICA, NÚMERO, ÔNIBUS, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE e VELOCÍPEDE.

Essa tendência pode ser conferida também nos dados anteriores:

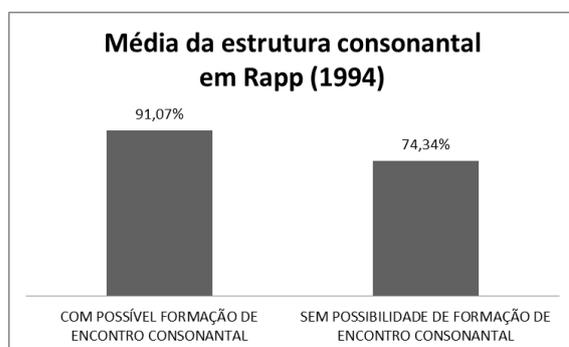


Gráfico 12

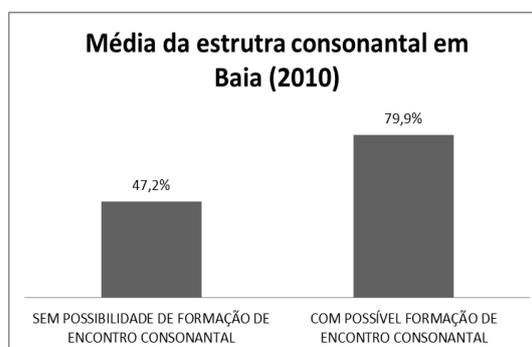


Gráfico 13

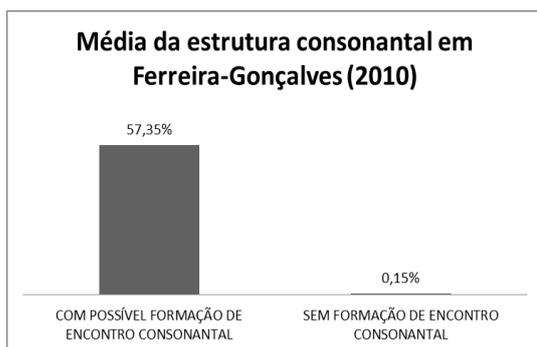


Gráfico 14

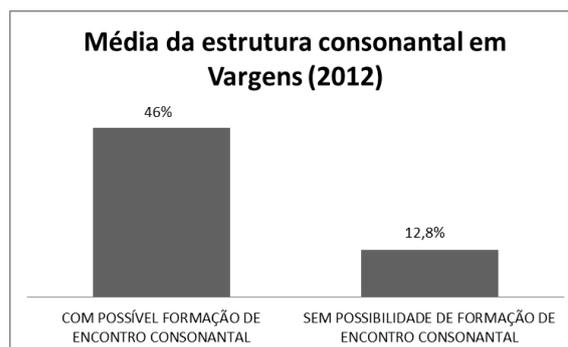


Gráfico 15

Estrutura consonantal	
Creche da UFBA	8,68%
Rapp (1994)	16,73%
Baia (2010)	32,70%
Ferreira-Gonçalves (2010)	57,20%
Vargens (2012)	19,07%
Média aritmética:	26,9%

Quadro 17: Média da estrutura consonantal nos diversos trabalhos

d) *Confluência entre extensão do vocábulo e estrutura consonantal*

Curiosamente, os vocábulos passíveis de redução com formação de encontro consonantal polissílabos não foram os que mais desproporoxitonizaram entre os coletados na Creche da UFBA, conforme gráfico a seguir:

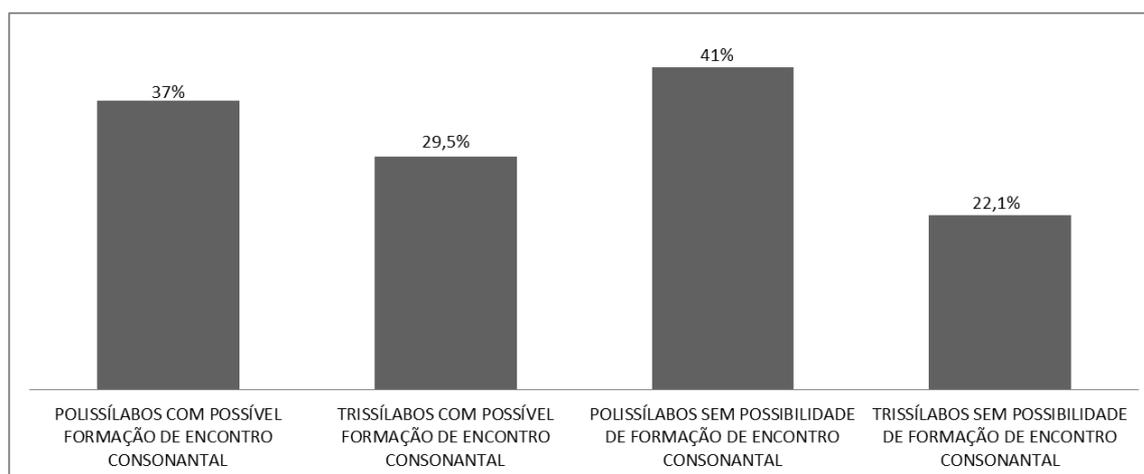


Gráfico 16: Confluência entre extensão do vocábulo e estrutura consonantal

Na confluência dos dois tipos, o que teve maior taxa de desproporoxitonização foram os polissílabos sem formação de encontro consonantal. Talvez isso seja um indício de que

a extensão do vocábulo é um fator mais decisivo do que a estrutura consonantal. Ou talvez a dificuldade com certos vocábulos, como VELOCÍPEDE, ou a recorrência grande de desproparoxitonização em HIPOPÓTAMO estejam interferindo nesse resultado. Mas não é possível tirar conclusões a esse respeito, pois não há como confirmar nos outros dados; nenhum deles formam um corpus representativo dessa confluência. Mesmo assim, é importante observar que, apesar do que mostra esse gráfico, o vocábulo com maior índice de desproparoxitonização foi TRIÂNGULO, com 52,3%, (Cf. Quadro 13) um polissílabo passível de formação de encontro consonantal.

3.1.5.2 Tipos prosódicos resultantes

Entre os possíveis tipos prosódicos que resultam da desproparoxitonização, temos:

- *Paroxítonos*: formados por qualquer recurso, exceto ampliação.
- *Oxítonos*: formados pela redução, por elisão total das sílabas postônicas. Incluo, aqui, também, a formação de monossílabos, visto que também são resultantes da elisão total das postônicas.
- *Preproparoxítonos*: formados pela ampliação do vocábulo
- *Uma única vogal*: nesse caso, ocorre o apagamento de quase todo o vocábulo, restando apenas a vogal tônica. Foi mais recorrente em Baia (2010), havendo 1 (uma) ocorrência em Rapp (1994). Não há recorrência nos coletados na Creche da UFBA nem em Ferreira-Gonçalves (2010). Não o considerarei junto aos demais oxítonos por demonstrarem um outro tipo de processamento, em que há, possivelmente, uma recepção do vocábulo exclusivamente através de sua vogal tônica.

Abaixo, exponho um gráfico que contabiliza os tipos prosódicos que resultaram das desproparoxitonizações nos dados coletados na Creche da UFBA:



Gráfico 17: Porcentagens dos tipos prosódicos resultantes

O que o gráfico revela é que as evocações paroxítonas foram as mais produtivas. Essa tendência também se encontra nos demais trabalhos:



Gráfico 18



Gráfico 19



Gráfico 20

Em um quadro comparativo, temos o seguinte:

	Paroxítono	Outros tipos prosódicos			
		Oxítono	Uma única vogal	Preparoxítono	Total
Creche da UFBA	97%	1%	0	2%	3%
Rapp (1994)	87%	11%	2%	0	13%
Baia (2010)	90%	4%	6%	0	10%
Ferreira-Gonçalves (2010)	100%	-	-	-	0%
Vargens (2012)	99%	-	-	-	1%
<i>Média aritmética</i>	<i>94,6%</i>	-	-	-	<i>5,4%</i>

Quadro 18: Tipos prosódicos resultantes nos diversos trabalhos

Entre os outros tipos prosódicos encontrados em Vargens (2012), constam 1 (um) preparoxítono e 2 (dois) monossílabos. Podemos dizer, assim, que o tipo prosódico resultante da desparoxitização mais comum durante a aquisição da linguagem é o paroxítono, ocorrendo em 94,6%, em média, dos casos.

Até aqui, descrevi e exemplifiquei o processo de desparoxitização e seus efeitos nas palavras. Na próxima sessão, abordarei como esse processo compete com a realização prosódica do padrão da paroxítona, durante a aquisição da linguagem pela criança.

3.2 A ONTOGÊNESE DO PADRÃO PROPÁROXÍTONO

O termo *ontogênese* está presente em diversas áreas do conhecimento. Numa definição dicionarizada (Cf. PRIBERAM, 2015; MICHAELIS, 2015), ontogênese diz respeito a nascimento e desenvolvimento, crescimento, maturação. Academicamente, pode ser o desenvolvimento de psicomotricidade (Cf. FONSECA, 1988), de nectários (Cf. PAIVA; MACHADO, 2006), de valores sociais (Cf. BRANCO, 2006), bem como de gêneros discursivos durante a alfabetização (Cf. GIOVANI, 2010). É um conceito de entrada ampla, podendo se aplicar a um sem-número de objetos de pesquisa distintos e sem correlação. No entanto, é comum a todos esses usos a noção básica de algo que nasce – ou surge – e terá uma certa teleologia de desenvolvimento.

Em AL, o conceito de ontogênese pode se referir tanto ao crescimento de uma criança e as relações desse crescimento com as maturações cognitivas e o desenvolvimento da linguagem (Cf. MOURA, 1988), quanto ao desenvolvimento de aspectos específicos da linguagem (Cf. INGRAM, 1989). Nos limites deste trabalho, a ontogênese diz respeito a

um processo em que o padrão proparoxítono é adquirido em estágios, que começam com uma parca produção padrão e terminam com uma produção padrão maioritária.

Reconhecer uma ontogênese do padrão proparoxítono durante a AL pressupõe a estipulação de estágios que explicitem, de maneira didática, uma gradação da produção não proparoxítona à produção proparoxítona. Com base nos trabalhos já desenvolvidos, com dados anteriores aos coletados para esta dissertação, três estágios podem ser estipulados:

1. Até 2;0 (dois anos), as produções proparoxítonas são raras e a desproparoxitonização é dominante.
2. De 2;1 (dois anos e um mês) a 3;0 (três anos), as produções proparoxítonas e a desproparoxitonização se equilibram; o contexto fonológico dos vocábulos exerce influência fundamental nesse equilíbrio.
3. A partir de 3;1 (três anos e um mês), a desproparoxitonização se torna minoritária e o padrão prosódico adulto alvo vai se estabilizando.

Os dados coletados na Creche da UFBA se enquadram e confirmam essa postulação de estágios em uma análise geral de todas as produções, como demonstro no gráfico abaixo:

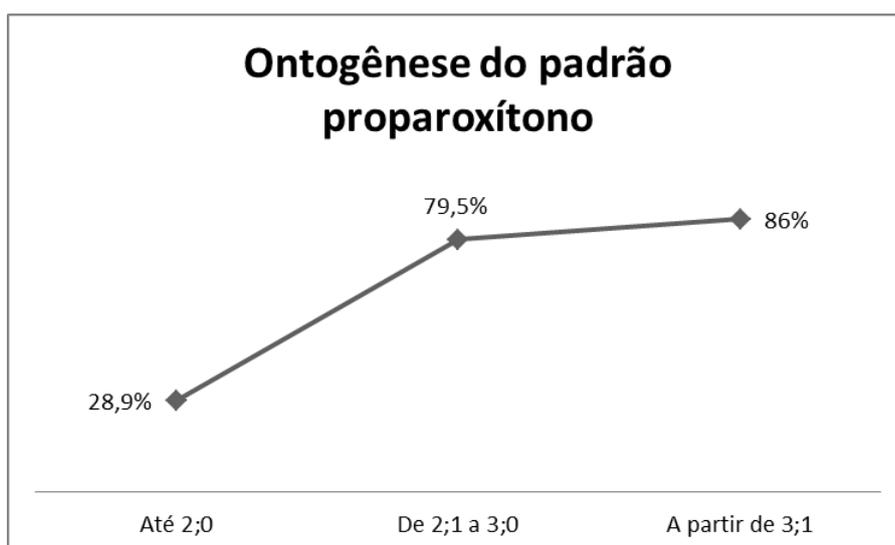


Gráfico 21: Ontogênese do padrão proparoxítono nos dados obtidos na Creche da UFBA

Em algumas tentativas de agrupar as crianças em faixas etárias, apenas o agrupamento por esses três estágios se mostrou efetivo. Investi diversas tentativas de

agrupamento: pela proximidade das idades, pelos três grupos de convivência na creche, por faixas etárias dentro de cada grupo de convivência. Nenhuma dessas formas mostrou uma tendência ontogênica clara, especialmente porque há muitos casos em que crianças com a mesma idade ou com idades muito próximas apresentaram resultados muito díspares. O agrupamento pelas três faixas dentro desse estágio, no entanto, demonstrou uma tendência ontogenética clara, como pode ser observado no gráfico, que apresenta porcentagens maiores entre um estágio e outro. Do primeiro para o segundo estágio, a diferença foi maior, de 50,6%. Do segundo para o terceiro, a diferença foi menor, de 6,5%.

Os três estágios estão presentes e podem ser conferidos também nos trabalhos anteriores. Abaixo, exponho gráficos que demonstram essas tendências em cada um deles:

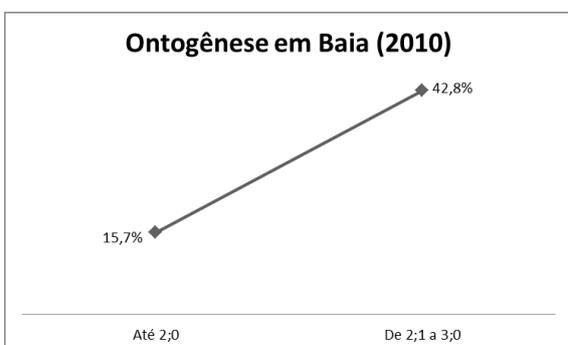


Gráfico 22

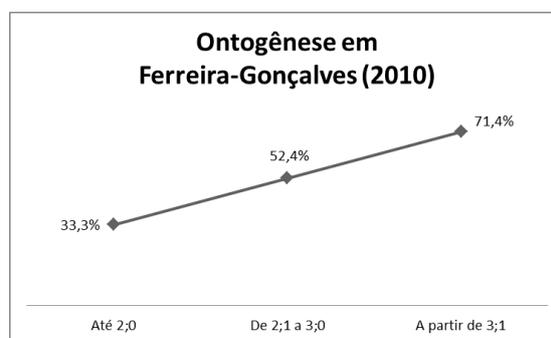


Gráfico 23

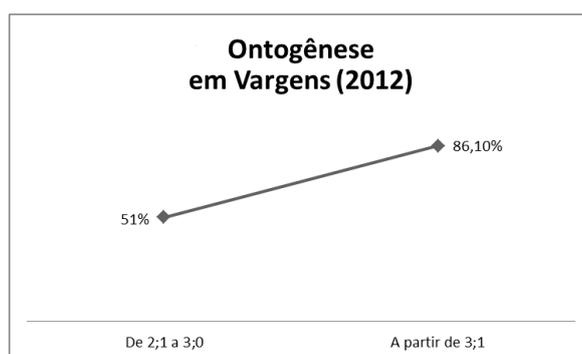


Gráfico 24

A análise que resultou nessas porcentagens em todos os trabalhos é minha, feita através do cálculo do número de realizações proparoxítonas com o número total de evocações. Em Rapp (1994), o percentual de produções proparoxítonas em vocábulos de padrão proparoxítono foi de 19,5%; como ela só estudou crianças no primeiro estágio, não é necessário expor um gráfico de desenvolvimento ontogênico.

Abaixo, exponho um quadro dos diversos trabalhos, para um contraste:

	<u>Até 2;0</u>	<u>De 2;1 a 3;0</u>	<u>A partir de 3;1</u>
Creche da UFBA	28,9%	79,5%	86%
Rapp (1994)	19,5%	-	-
Baia (2010)	15,7%	42,8%	-
Ferreira-Gonçalves (2010)	33,3%	52,4%	71,4%
Vargens (2012)	-	51%	86,1%
<i>Média aritmética</i>	24,3%	56,4%	81%

Quadro 19: Taxa de ocorrência de produções proparoxítonas nos diferentes trabalhos

É difícil discernir, com esses dados, quando as produções proparoxítonas chegam a 100%, se chegam. Em Vargens (2012), essa porcentagem é alcançada na última faixa etária entre as estipuladas para aquele trabalho, de 8;1 a 9;0. Em Ferreira-Gonçalves (2010), não há nenhuma desproparoxitonização registrada aos 3;8, mas, aos 3;9, há 1 (uma): [ˈmɛdʒku]. Os dados estudados em Vargens (2012) deixam indícios de que existe um quarto estágio, no qual o padrão proparoxítono se estabiliza completamente, mas que só pode ser confirmado em uma pesquisa futura, realizada com crianças mais velhas que as estudadas aqui.

Analisando o quadro, é notável que as porcentagens no segundo estágio nos dados coletados na Creche da UFBA destoam levemente das constatadas nos dados de trabalhos anteriores; isso ocorre porque, nos dados coletados na Creche, a) há influência do contexto fonológico, mais diversificado nestes dados do que nos anteriores; e b) houve um número considerável de crianças que, individualmente, não corresponderam ao estágio postulado, aqui, para a sua idade; trata-se do ritmo aquisicional de cada criança. Tratarei desses dois temas a seguir.

3.2.1 Ontogênese e contexto fonológico

Como já mencionei anteriormente, três contextos fonológicos nortearam a escolha dos vocábulos: o peso da sílaba tônica, a extensão do vocábulo e a estrutura consonantal. Na seção 3.2 deste capítulo, tratei dos resultados dessa variação de contextos em termos de como elas influenciam na desproparoxitonização, sem distinção de faixas etárias. Agora, tratarei de como o contexto fonológico influencia em uma aquisição do padrão proparoxítono mais precoce ou mais tardia. Como o peso da sílaba tônica não demonstrou nenhuma influência, tratarei, aqui, apenas da estrutura consonantal e da extensão do vocábulo.

a) *Estrutura consonantal*

Lembro, aqui, que chamo de estrutura consonantal o conjunto de consoantes que compõem as cabeças das sílabas do vocábulo, atento ao fato de que esse conjunto pode propiciar ou não a formação de um novo encontro consonantal em acordo com a fonotática do PB. Denomino estrutura consonantal porque essa propiciação depende dos tipos de consoante que compõem o vocábulo: uma consoante oclusiva na cabeça da sílaba tônica e uma consoante líquida na cabeça da postônica não final, por exemplo, são passíveis de se juntarem formando um novo encontro consonantal, enquanto uma oclusiva em cada uma dessas cabeças, por exemplo, não são passíveis para tal.

Abaixo, exponho um gráfico demonstrativo de como foi a ontogênese entre os vocábulos passíveis de formação de encontro consonantal e os que não são passíveis:

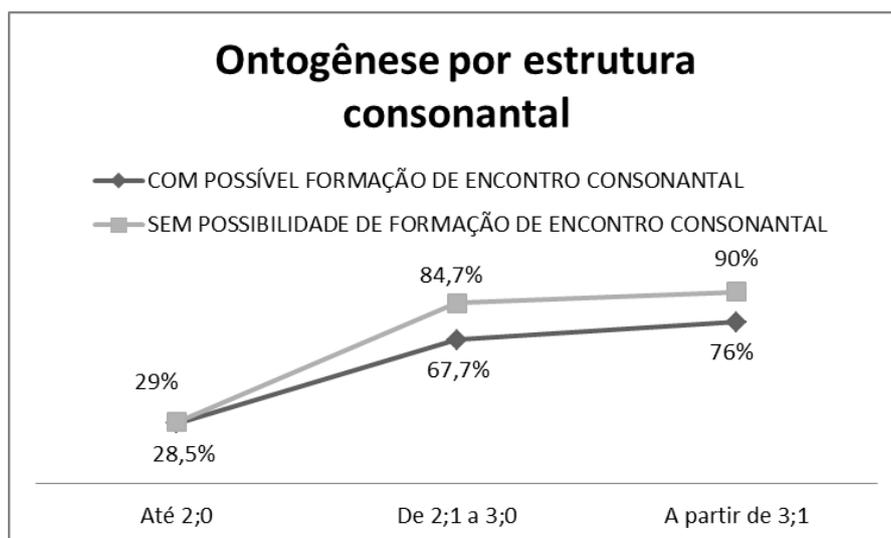


Gráfico 25: Ontogênese por estrutura consonantal

Como é visível no gráfico, os vocábulos em que não pode ocorrer formação de encontro consonantal, tiveram, de fato, porcentagens de produção proparoxítona consideravelmente maiores no segundo e no terceiro estágio, com diferença de 17% no segundo estágio e de 14% no terceiro. Mas os demais trabalhos demonstram uma diferença ainda maior:

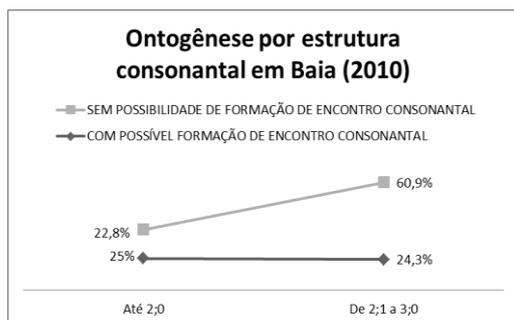


Gráfico 26

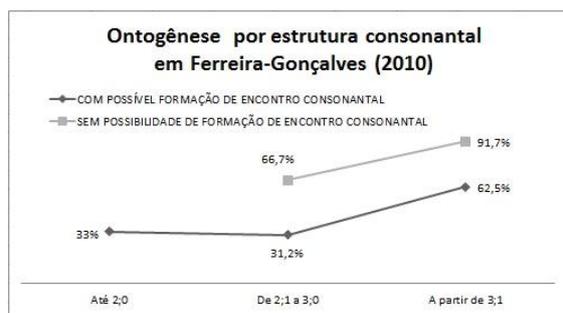


Gráfico 27

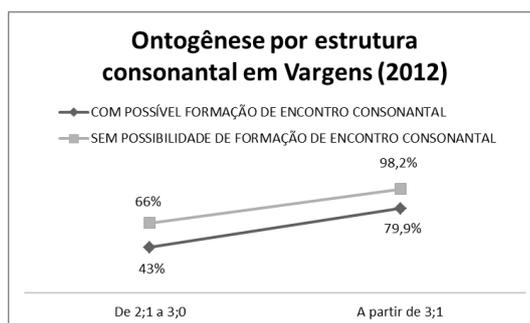


Gráfico 28

No Gráfico 27, uma linha se inicia no primeiro estágio estipulado e outra se inicia no segundo. Essa diferença se dá porque nos dados de Ferreira-Gonçalves (2010) – que são naturalísticos – nenhum vocábulo sem possibilidade de formação de encontro consonantal foi evocado até 2;0.

Separando, em cada um desses trabalhos, os vocábulos pela estrutura consonantal, temos, em vocábulos com estrutura consonantal mais rígida, uma estabilização mais precoce que as demais. Em Baía (2010), temos o seguinte:

Vocábulo estudado	Menor idade com produção proparoxítona	Idade a partir da qual as produções proparoxítonas são majoritárias	Início da estabilização do padrão proparoxítono
ÁRVORE	2;6	2;8	Não se estabiliza
FÓSFORO	2;0	Não há	Não se estabiliza
ÓCULOS	1;8	2;10	Não se estabiliza
LÂMPADA	1;8	2;0	2;8
MÁGICO	1;11	2;2	2;3
ÔNIBUS	2;0	2;6	Não se estabiliza

Quadro 20: Ontogênese pela estrutura consonantal em Baía (2010)

O padrão proparoxítono está estabilizado quando não há mais desproparoxitonização. O início da estabilização é quando a produção proparoxítona excede 90% e a desproparoxitonização ocorre apenas em possíveis lapsos. Como o tema da aquisição de proparoxítonas ainda é novo, essa linha de corte foi estabelecida por mim, para atender exclusivamente aos objetivos deste trabalho e com base em uma fala adulta padrão, que, uma vez servindo de modelo para a criança, será atingida futuramente.

A seguir, um quadro demonstrativo dessa diferença de estabilização em Vargens (2012):

Vocábulo estudado	Menor grupo etário com produção proparoxítona	Menor grupo etário com produções proparoxítonas majoritárias	Início da estabilização do padrão proparoxítono
ÁRVORE	2;1 – 2;6	2;1 – 2;6	6;1 – 7;0
FÓSFORO	2;1 – 2;6	3;1 – 3;6	8;1 – 9;0
ÓCULOS	2;1 – 2;6	3;1 – 3;6	8;1 – 9;0
XÍCARA	2;1 – 2;6	2;1 – 2;6	7;1 – 8;0
MÁQUINA	2;1 – 2;6	2;1 – 2;6	3;1 – 3;6
ÔNIBUS	2;1 – 2;6	2;1 – 2;6	3;7 – 4;0 ¹⁴

Quadro 21: Ontogênese pela estrutura consonantal em Vargens (2012)

Assim, os estágios de aquisição do padrão proparoxítono ocorreram, no corpus coletado para esta dissertação e nos outros dois trabalhos mencionados acima, mais precocemente em vocábulos sem possibilidade de formação de encontro consonantal, havendo apenas alguma divergência em ÔNIBUS e, no caso de Baía (2010), em ÓCULOS.

b) Extensão do vocábulo

A seguir, exponho um gráfico de como foi a ontogênese entre os vocábulos trissílabos e os vocábulos polissílabos:

¹⁴ Pode-se dizer que quase se estabiliza a partir do Grupo 4 (3;7-4;0), havendo uma desproparoxitonização no Grupo 6 (5;1-6;0), e estabilizando-se de vez no Grupo 7 (6;1-7;0)

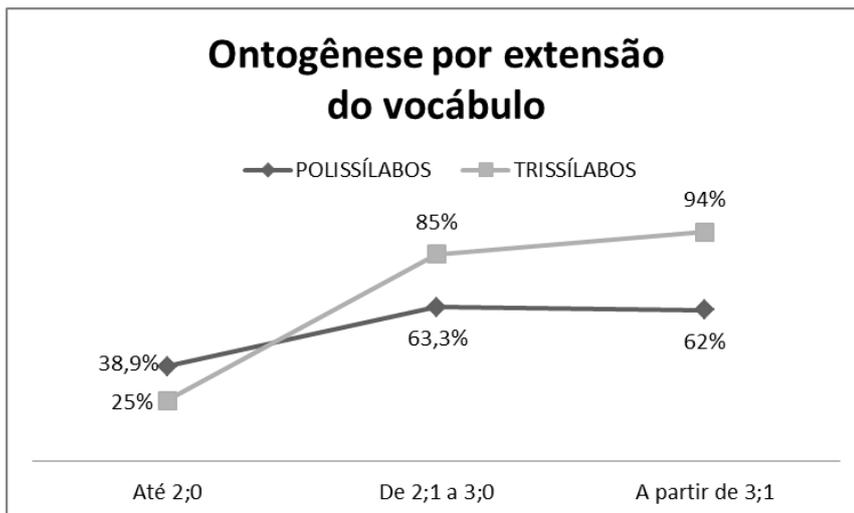


Gráfico 29: Ontogênese por extensão do vocábulo

O gráfico mostra que a aquisição do padrão proparoxítono se demonstrou mais lenta entre os vocábulos polissílabos do que entre os trissílabos. Curiosamente, no primeiro estágio, o percentual de produções proparoxítonas foi maior entre os polissílabos, com diferença de 13,9%. Nos estágios seguintes, essa diferença se inverteu, de forma que os trissílabos passaram as produções proparoxítonas, e excederam os polissílabos, com diferença de 21,7% no segundo estágio e de 32% no terceiro.

A diferença entre o primeiro e segundo estágio foi de 60% nos trissílabos e de 24,4% nos polissílabos. Já entre o segundo e o terceiro estágio, foi de 9% nos trissílabos e, nos polissílabos, o terceiro estágio teve uma produção proparoxítona menor do que no segundo, uma leve queda de 1,3%.

Assim, nos dados coletados na Creche da UFBA, os vocábulos trissílabos demonstraram uma tendência à estabilização do padrão proparoxítono mais precoce do que os dissílabos. Nos dados anteriores, não há como fazer essa comparação em termos de ontogênese, visto que apenas Rapp (1994) estudou polissílabos proparoxítonos, mas apenas em crianças do primeiro estágio.

3.2.3 Ritmo aquisicional

Em AL, nenhum estágio de aquisição é categórico. Os pesquisadores conseguem descobrir tendências, identificar sequências de estágios, às vezes, postular idades mínimas

e idades máximas, mas o ritmo aquisicional é individual. De acordo com Teixeira (2009, p. 179):

Os estágios maturacionais em que os processos são considerados descartados [...] devem ser interpretados com flexibilidade; i.e., o estágio em que um processo é descartado deve ser ampliado por um período de seis meses em ambas as direções, de maneira a acomodar as diferenças individuais no ritmo aquisicional.

Essa afirmativa é válida também para a desproparoxitonização, visto que, a partir dos 3;1 (três anos e um mês), a produção proparoxítona torna-se majoritária; comparando a desproparoxitonização com outros processos fonológicos, temos uma correspondência em relação aos estágios. Em Teixeira (2012), temos 17 (dezesete) processos de simplificação fonológica, dos quais:

- 12 (doze) encerram o período normal de ocorrência antes de 3;0 (três anos), a saber: Anteriorização, Assimilação, Confusão das Fricativas, Confusão das Laterais, Confusão das Vogais Médias, Ensurdimento, Glotalização, Oclusivização, Palatalização Fonética, Redução do /r/, Reduplicação, Supernasalização.
- 4 (quatro) encerram o período normal de ocorrência antes de 3;6 (três anos e seis meses), a saber: Confusão das Líquidas, Elisão das Sílabas Fracas, Redução da Consoante Final, Redução da semivogal.
- Apenas 1 (um) ultrapassa esses limites, encerrando o período normal de ocorrência entre 3;6 (três anos e seis meses) e 4;0 (quatro anos); a saber: Redução dos Encontros Consonantais.

Assim, a desproparoxitonização, embora seja um processo específico da prosódia, parece acompanhar o ritmo aquisicional de outros processos, visto que o período normal de ocorrência vai até os 3;0 (três anos).

O perfil de cada criança sugere, também, que o ritmo aquisicional das proparoxítonas acompanha o ritmo aquisicional da linguagem como um todo; nos dados coletados na Creche da UFBA, a aquisição do padrão proparoxítono também esteve relacionada ao perfil de cada criança, o que mostrarei a seguir.

3.2.2.1 Perfil da criança

A seguir, informo, para cada uma das crianças estudadas, um resumo dos dados coletados, as condições da coleta e o seu perfil individual de linguagem e comunicação. Essas duas últimas informações são importantes para parte das conclusões que tiro deste trabalho. O resumo dos dados é um quadro com a produção de cada criança, nos quais os resultados estão divididos conforme a seguinte explicação:

- Evocações: é o número de evocações realizadas pela criança. Algumas crianças evocaram mais de uma vez um vocábulo, com produções fonéticas diferentes. Como, em alguns casos, a prosódia também se diferenciou, considero cada evocação foneticamente distinta para fazer a análise. As evocações se distribuem em:
 - Proparoxítonos: número e porcentagem de evocações ocorridas dentro do padrão prosódico adulto.
 - Reduzidos: número e porcentagens de evocações nas quais há coalescência ou elisão nos vocábulos de maneira a reduzi-los a paroxítonos ou oxítonos. Aqui, também, distribuo o número de casos de coalescência e de elisão.
 - Reacentuados: número e porcentagem de casos em que o acento migra de uma sílaba para outra, havendo ou não ressilabificação.
 - Ampliados: número e porcentagem de evocações preproparoxítonas.

Sobre cada criança, forneço também o gênero (*f* e *m*, para feminino e masculino, respectivamente) e a idade da criança no momento da coleta. Após descrever o perfil de linguagem e comunicação e as condições da entrevista, classifico a criança em que estágio de aquisição do padrão proparoxítono a criança se encontra individualmente.

Lembro, aqui, que estou chamando de indeterminadas as estratégias – ou recursos – não identificadas, em casos de desproparoxitonização sem uma estratégia claramente identificada, recuperável.

Criança 01 (f): 1;9 (um ano e nove meses). Criança pouco interativa e que raramente fala espontaneamente. Ela compreende perfeitamente o que lhe é dito e geralmente responde gestualmente, balançando a cabeça ou apontando. Colaborou para a testagem com bastante timidez, mas se prontificou desde o início porque se apegou muito ao caderno de figuras, desde o momento da convivência no grupo.

Teve a peculiaridade de ter produzido dissílabos em quase todos os vocábulos, excetuando-se apenas EXÉRCITO e ÔNIBUS. Tanto pela idade quanto pelo resultado, ela se encontra no primeiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS	INDETERMINADAS
25	1 (4%)	23 (92%)		0	0	1 (4%)
		Coalescência	Elisão			
		18	5			

Quadro 22: Produções da Criança 01

Criança 02 (m): 1;9 (um ano e nove meses). A criança é pouco interativa entre as outras crianças, mas bem mais do que a Criança 01. Já desenvolveu bem a capacidade de falar espontaneamente. Tinha a peculiaridade de ter sua mãe trabalhando na instituição. Durante a testagem, falou várias vezes sem que fosse preciso perguntar; chegando, por diversas vezes, a perguntar, diante da figura: “o que é isso?”.

Todas as produções foram dissílabas. Também esta criança, tanto pela idade quanto pelos resultados, encontra-se no primeiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono, tendo produzido uma totalidade de paroxítonos.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS	INDETERMINADAS
21	0	20 (95,2%)		0	0	1 (4,8%)
		Coalescência	Elisão			
		11	9			

Quadro 23: Produções da Criança 02

Criança 03 (f): 1;10 (um ano e dez meses). Trata-se de uma criança que interagiu raramente com as demais crianças do grupo, mas muito bem com os adultos. Gosta muito de conversar. Não demonstrou tanto interesse pelo caderno de figuras como as crianças 01 e 02, mas se prontificou à testagem, aparentemente pelo interesse em interagir com adultos.

Pela idade, ela é contabilizada entre as crianças do primeiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono. No entanto, suas produções mostram-na já no segundo estágio, com 69,6% de evocações proparoxítonas, com a diferença de que a estrutura consonantal parece não interferir nas ressilabificações, visto que as duas palavras que propiciaram a redução foram TRIÂNGULO e ÁRVORE – as outras foram PÊSSEGO, NÚMERO e HIPOPÓTAMO, sendo que esta última teve duas produções paroxítonas e duas proparoxítonas.

EVOCÇÕES	PROPAROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
23	16 (69,6%)	7 (30,4%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		6	1		

Quadro 24: Produções da Criança 03

Criança 04 (f): 2;2 (dois anos e dois meses). De acordo com as professoras e auxiliares da creche, trata-se de uma criança que fala muito e já desenvolveu bastante seu potencial comunicativo e interativo. Isso se confirmou durante a testagem, uma vez que ela não demonstrou dificuldades ou timidez para evocar os vocábulos. Só esteve disposta a colaborar com a testagem no início, estando posteriormente interessada em desviar da atividade da testagem para fazer outras coisas ou por interesse exclusivo em determinadas figuras do caderno.

Tanto pela idade quanto pelas produções, essa criança encontra-se no primeiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono, tendo produzido apenas 1 (um) vocábulo dentro do padrão proparoxítono.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
12	1 (8,3%)	11 (91,7%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		11	0		

Quadro 25: Produções da Criança 04

Criança 05 (m): 2;5 (dois anos e cinco meses). Trata-se de uma criança que, embora bastante extrovertida e disposta a interagir, fala pouco, e apenas quando é solicitado. Foi testada junto com a Criança 08, sendo sempre a segunda a evocar os vocábulos. Tanto pela idade quanto pelas produções, encontra-se no segundo estágio de aquisição do padrão proparoxítono, tendo as produções proparoxítonas em 54,2% e as não proparoxítonas em 45,8%.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS	INDETERMINADAS
24	13 (54,2%)	6 (25%)		2 (8,3%)	2 (8,3%)	1 (4,2%)
		Coalescência	Elisão			
		3	3			

Quadro 26: Produções da Criança 05

Criança 06 (m): 2;5 (dois anos e cinco meses). É uma criança comunicativa e interativa, especialmente com adultos. Demonstra um bom grau de aquisição do padrão proparoxítono, mas por não ter sido feita a coleta até o final, com apenas 7 (sete) vocábulos eliciados, é difícil classificar a criança quanto a suas produções, mas ela demonstra ter um bom grau de aquisição do padrão proparoxítono. Pela sua idade, ela estaria no segundo estágio.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
7	6 (85,7%)	1 (14,3%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		1	0		

Quadro 27: Produções da Criança 06

Criança 07 (m): 2;8 (dois anos e oito meses). Trata-se de uma criança bastante interativa e que se expressa produtivamente pela oralidade. Esteve pouco disposta a colaborar com a testagem, mas respondeu às figuras sem dificuldades.

Pela idade, essa criança se enquadraria no segundo momento de aquisição do padrão proparoxítono. No entanto, suas produções o colocam já num terceiro momento, em especial se relacionado à média das produções na Creche.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
31	29 (93,5%)	2 (6,4%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		0	2		

Quadro 28: Produções da Criança 07

Criança 08 (f): 2;9 (dois anos e nove meses). Em um primeiro momento, tentei testar essa criança em um ambiente isolado, com a colaboração da professora do grupo, que esteve em contato mais direto com a criança durante toda a tentativa. Apesar de a professora informar que ela fala muito, neste primeiro contato, a criança se intimidou de tal forma que ficou inteiramente calada. Em um segundo momento, fiz a testagem com ela e com a Criança 05 juntas. A partir daí, ela colaborou para a testagem com tranquilidade, sendo que a elegi, pelo seu potencial de fala espontânea, para ser a primeira a evocar os vocábulos.

Pela idade, estaria no segundo estágio de aquisição do padrão proparoxítono. Pelas produções, encontra-se já no terceiro estágio.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
22	20 (90,9%)	2 (9,1%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		2	0		

Quadro 29: Produções da Criança 08

Criança 09 (f): 2;10 (dois anos e dez meses). Trata-se de uma criança altamente interativa, que se expressa fartamente pela oralidade e interage bem com as demais crianças do grupo e muito bem com adultos, chegando a emitir opiniões quando presencia fatos na creche. Sua comunicabilidade havia sido relatada pela professora do grupo e foi confirmada durante a testagem, em que a criança se mostrou bastante empolgada com a atividade da testagem, chegando a criar diálogos e tomar para si turnos de fala.

Pela idade, a criança seria classificada no segundo estágio de aquisição do padrão proparoxítono. Porém, sua produção encontra-se no terceiro estágio, em especial porque desproparoxitonizou apenas 2 (dois) vocábulos: PÊSSEGO ['peʃi] e MÔNICA, sendo que este último teve duas produções, uma paroxítona ['mõjke] e outra proparoxítona ['mõnikɐ].

EVOCÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
20	18 (90%)	2 (10%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		1	1		

Quadro 30: Produções da Criança 09

Criança 10 (f): 3;1 (três anos e um mês). Trata-se de uma criança que já se comunica oralmente e interage bem. Colaborou com a testagem sem dificuldades.

Tanto pela idade quanto pela produção, a criança encontra-se no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono.

EVOCÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
22	18 (81,8%)	4 (18,2%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		3	1		

Quadro 31: Produções da Criança 10

Criança 11 (m): 3;2 (três anos e dois meses). Trata-se de uma criança que já se comunica oralmente e interage bem. É bastante agitado, gerando algumas preocupações nos adultos da creche por ter práticas muito arriscadas no parquinho. Colaborou com a testagem sem dificuldades.

Tanto pela idade quanto pela produção, está no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono. Foi a única criança que não desproparoxitonizou nenhum dos vocábulos evocados.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
20	20 (100%)	0		0	0
		Coalescência	Elisão		
		-	-		

Quadro 32: Produções da Criança 11

Criança 12 (f): 3;2 (três anos e dois meses). É irmã da Criança 18. Trata-se de uma criança com interação bem desenvolvida, mas pouco em relação às demais do seu grupo etário na creche. Fez a testagem demonstrando pouco entusiasmo, delongando-se em algumas respostas. Mas não apresentou dificuldades.

Pela idade, está no terceiro estágio de aquisição. Pela produção, estaria no segundo.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
18	12 (66,7%)	6 (33,3%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		6	0		

Quadro 33: Produções da Criança 12

Criança 13 (f): Idade: 3;6 (três anos e seis meses). Trata-se de uma criança que interage bem, comunicando-se sem dificuldades sempre que precisa. Muito tímida, para colaborar com a pesquisa, precisou da presença de uma das auxiliares do grupo, mas realizou sem dificuldades; dado momento, chegou a fazer comentários externos às figuras, como o fato de seu pai lavar suas roupas diante da Figura 13 ou imitar o gesto de uso de um binóculo (embora não tenha evocado o vocábulo na primeira tentativa). A todo momento, queria ver a figura da Magali (elemento auxiliar ao vocábulo alvo MÔNICA).

Tanto pela idade quanto pela produção, está no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
17	16 (94,1%)	1 (5,9%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		1	0		

Quadro 34: Produções da Criança 13

Criança 14 (f): 3;7 (três anos e sete meses). Trata-se de uma criança muito tímida, que interage pouco com as demais crianças, embora saiba dialogar quando necessário. Sentiu-se muito intimidada para fazer a testagem, embora não tenha se recusado; respondeu com bastante desânimo.

Pela idade, está no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono. Pela produção, estaria no segundo, mas seguindo em direção ao terceiro.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
17	13 (76,5%)	4 (23,5%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		2	2		

Quadro 35: Produções da Criança 14

Criança 15 (f): 4;1 (quatro anos e um mês). Trata-se de uma criança bastante comunicativa e interativa. Fez a testagem tranquilamente, não sendo necessário fazer perguntas. Olhava cada figura e se impressionava, evocando imediatamente os vocábulos. Teceu comentários como “meu avô usa isso” diante da Figura 29 e “tem que pintar” diante das figuras 2 e 31. Teve a peculiaridade de evocar um vocábulo não esperado: RELÂMPAGO, diante da Figura 27; provavelmente reconhecendo esse conceito nas três formas geométricas pretas da figura.

Tanto pela idade quanto pela produção, encontra-se no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono.

EVOCAÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
27	21 (77,8%)	6 (22,2%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		4	1		

Quadro 36: Produções da Criança 15

Criança 16 (m): 4;1 (quatro anos e um mês). Trata-se de uma criança que já se comunica produtivamente. No grupo, por vezes, não participava das atividades junto a outras crianças por não ter a mesma regularidade de horários para dormir e outras necessidades fisiológicas. Colaborou com a pesquisa com tranquilidade, mas sem muito ânimo. Não teve dificuldade com as evocações. Tanto pela idade quanto pela produção, encontra-se no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono.

EVOCÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
24	22 (91,7%)	2 (8,3%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		1	1		

Quadro 37: Produções da Criança 16

Criança 17 (m): 4;2 (quatro anos e dois meses). Interage bem, e fala sem dificuldades, sempre que necessário. Colaborou com a testagem com disposição, chegando a se divertir com algumas figuras. Assim como as crianças 15 e 16, evocou todos os alvos. Tanto pela idade quanto pela produção, encontra-se no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono. Produziu uma evocação peculiar, [te'lūpetu] e [te'lūmetru], forma proparoxítônica que evocou diante das figuras 14 e 15. Tanto pela idade quanto pela produção, encontra-se num terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono.

EVOCÇÕES	PROPÁROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
25	21 (84%)	4 (16%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		2	1		

Quadro 38: Produções da Criança 17

Criança 18 (f): 5;0 (cinco anos). É irmã da criança 12. Fala sem dificuldades e se expressa fartamente através da oralidade. Colaborou com a pesquisa sem entusiasmo, evocando devagar, mas sem dificuldades de fala ou reconhecimento da figura. Tanto pela idade (se destaca na instituição, por ser a mais velha das crianças, já com 5 anos de idade)

quanto pela produção, encontra-se no terceiro estágio de aquisição do padrão proparoxítono.

EVOCÇÕES	PROPAROXÍTONOS	REDUZIDOS		REACENTUADOS	AMPLIADOS
24	22 (91,7%)	2 (8,3%)		0	0
		Coalescência	Elisão		
		2	0		

Quadro 39: Produções da Criança 18

A análise do perfil de linguagem e comunicação dessas crianças esclarece por que o Gráfico 21 e o Quadro 19 apresentam uma leve diferença com os dados de pesquisas anteriores. As crianças que se mostram em um estágio diferente da média do seu grupo etário possuem um perfil comunicativo diferenciado nesse estágio, como é explícito na Criança 03, que, mesmo com 1;10 (um ano e dez meses) já apresentou uma produção equilibrada entre as evocações dentro do padrão proparoxítono e a desproparoxitonização.

A seguir, exponho um quadro que resume essa correlação entre perfil e produção proparoxítona. Nesse quadro, o estágio esperado é o que foi estipulado de acordo com a idade da criança, conforme e estágios no início desta seção (3.2), ou seja, é o estágio em que se espera que a criança esteja pela sua idade, estabelecido a partir da média de produção das crianças da faixa etária. O estágio atingido é aquele atribuído à criança de acordo com o seu percentual de produções proparoxítonas. A fala espontânea é marcada com sinal de menos (–) quando a criança fala pouco ou não fala espontaneamente, com o sinal de mais (+) quando a criança fala espontaneamente de maneira produtiva. A marcação dos dois sinais indica uma situação binária, que pode se dar em duas situações:

- Quando a criança interage bem com o adulto, mas não com as outras crianças, ou quando ela fala pouco, mas mais que as outras crianças de seu grupo; nesse caso, ela é marcada com um sinal de menos seguido de um sinal de mais (– +)
- Quando fala produtivamente, mas menos que as outras crianças de seu grupo; nesse caso, ela é marcada no quadro com um sinal de mais seguido de um sinal de menos (+ –)

Criança	Idade	Fala	Estágio	
			Esperado	Atingido
Cr01	1;9	–	1°	1°
Cr02	1;9	– +	1°	1°
Cr03	1;10	+	1°	2°
Cr04	2;2	+	2°	2°
Cr05	2;5	– +	2°	2°
Cr06	2;5	+	2°	(ver p. 105)
Cr07	2;8	+	2°	3°
Cr08	2;9	+	2°	3°
Cr09	2;10	+	2°	3°
Cr10	3;1	+	3°	3°
Cr11	3;2	+	3°	3°
Cr12	3;2	+ –	3°	2°
Cr13	3;6	+	3°	3°
Cr14	3;7	+ –	3°	2°/3°
Cr15	4;1	+	3°	3°
Cr16	4;1	+	3°	3°
Cr17	4;2	+	3°	3°
Cr18	5;0	+	3°	3°

Quadro 40: Correlação entre perfil da criança e produção proparoxítona

Como fica mais claro no Quadro 40, as crianças que atingiram, individualmente, o 2° e o 3° estágio sempre têm uma fala espontânea produtiva mais desenvolvida do que as que atingiram o 1°. Em paralelo, todas as crianças mais velhas que a Criança 7 apresentaram maior grau de fala espontânea, sendo as duas únicas exceções as crianças 12 e 14, as únicas que atingiram um estágio anterior ao esperado. Temos, aqui, um indício de que o ritmo aquisicional das proparoxítonas acompanha o ritmo aquisicional da linguagem como um todo, de forma que não apenas a idade, mas também o perfil de linguagem desenvolvida pela criança influencia na aquisição de proparoxítonas.

Até aqui, já tenho, elaboradas e esplanadas, as duas proposições a que me referi no começo deste capítulo. Apresentarei, a seguir, algumas conclusões a que cheguei a partir das análises feitas neste trabalho.

3.3 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Os dados obtidos na Creche da UFBA, em comparação com dados de pesquisas anteriores, suscitam algumas constatações, quanto à simplificação fonológica e a ontogênese do padrão proparoxítono:

- A evocação paroxítona é a forma prosódica resultante da desproparoxitonização por excelência, havendo poucos casos de produção de oxítonos (quando há elisão total das duas postônicas) e preproparoxítonos (quando há ampliação do vocábulo).
- A coalescência intersilábica é a estratégia de desproparoxitonização por excelência, sendo seguida pela elisão total de sílaba, tornando, assim, a redução do vocábulo o recurso de desproparoxitonização por excelência, havendo poucos casos de reacentuação e ampliação.
- O peso da sílaba tônica não exerce influência sobre a produção do acento proparoxítono, não tendo, assim, relação com o processo de desproparoxitonização, visto que os diferentes trabalhos apresentaram dados díspares em relação a isso.
- A extensão do vocábulo e a estrutura consonantal influenciam na desproparoxitonização. Vocábulo polissílabos tendem a desproparoxitonizar mais do que trissílabos, e vocábulo com estrutura que permitem a formação de um encontro consonantal com a redução tendem a desproparoxitonizar mais do que os que não permitem. A confluência desses dois tipos de contexto (extensão do vocábulo e estrutura consonantal), nos dados coletados na Creche da UFBA, não apontou para os polissílabos sem formação de encontro consonantal com mais taxa de desproparoxitonização, como seria de se esperar. É possível interpretar que a extensão do vocábulo é um fator mais decisivo que a estrutura consonantal, mas, como não há como averiguar isso em outros estudos, essa constatação figura apenas como uma hipótese baseada nos resultados do corpus desta dissertação.
- Há indícios de que a aquisição do padrão proparoxítono se dá em uma confluência entre a idade e o perfil de linguagem e comunicação de cada criança, seguindo um fluxo ontogênico que foi observado tanto nas pesquisas anteriores quanto na atual. Existe relação observável entre a idade da criança e a produção proparoxítona. Existe relação observável também entre o perfil da criança e a produção proparoxítona; crianças que falam pouco apresentaram menos produções proparoxítonas, enquanto as mais comunicativas e produtivas na fala foram também mais produtivas no padrão proparoxítono.

- A aquisição de proparoxítonas acompanha o ritmo aquisicional geral; isso se demonstra tanto com a relação entre o perfil de linguagem e comunicação da criança quanto com a correspondência entre o período normal de ocorrência da maioria dos outros processos fonológicos com o período normal de ocorrência de desproparoxitonização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionei nas considerações iniciais, o estudo sobre aquisição de proparoxítonas não se esgota aqui. Sem dúvidas, há muito ainda sobre o que investigar: aquisição de outras classes de palavras, como formas verbais, nomes próprios, substantivos abstratos, além de outros estudos longitudinais e naturalísticos que confirmem as conclusões preliminares.

O que fiz aqui foi, dentro dos limites de um trabalho de mestrado, estudar a aquisição de proparoxítonas, buscando delimitar uma ontogênese e identificar os processos e estratégias de simplificação fonológica, através de dados que eu mesmo coletei, em confronto com dados coletados anteriormente, por mim e por outros pesquisadores. A partir disso, foi possível tirar algumas conclusões.

Sobre a ontogênese, foi possível confirmar uma hipótese inicial: a ontogênese se dá em estágios; no primeiro estágio, as produções proparoxítonas são raras; no segundo estágio, as produções padrão e não padrão se equilibram – e o contexto fonológico exerce influência sobre esse equilíbrio – e no terceiro estágio, o padrão proparoxítono começa a se estabilizar, sendo as produções proparoxítonas majoritárias. É possível estabelecer uma média: o primeiro estágio ocorre até os 2;0, o segundo de 2;1 a 3;0 e o terceiro se inicia aos 3;1. Existe a perspectiva de um quarto estágio quando o padrão é completamente adquirido pela criança, que possivelmente se inicia aos 4 ou aos 5 anos de idade, sendo que esse estágio não foi objeto de estudo desta dissertação.

Assim, a faixa etária propícia ao surgimento do padrão proparoxítono é dos 2;1 aos 3;0, período do segundo estágio. Já a faixa etária propícia à produtividade de produções proparoxítonas compreende o período do terceiro estágio, que se inicia, em geral, aos 3;1. As divergências podem ser explicadas pela individualidade do ritmo aquisicional de cada criança.

Sobre a simplificação fonológica, foi possível verificar que crianças em fase de aquisição do padrão proparoxítono tendem a reduzir os vocábulos com esse padrão, através de coalescência intersilábica entre as duas últimas sílabas, tornando-os paroxítonos. Podem ocorrer situações diferentes: coalescência entre a sílaba tônica e a postônica não final, como também casos de elisão total de uma sílaba, geralmente a penúltima, ou, mais

raramente, casos de reacentuação ou ampliação do vocábulo. A simplificação também pode gerar monossílabos, oxítonos ou ainda preproparoxítonos. Todos esses fenômenos, como se relacionam com a acentuação padrão do vocábulo, integram um processo único chamado, aqui, de desproparoxitonização.

A interferência de dois contextos fonológicos influencia esses processos: o tamanho do vocábulo e a estrutura silábica que pode resultar desses processos. Vocábulos polissílabos tendem a ser mais afetados e desproparoxitonizar mais do que trissílabos. Da mesma forma, vocábulos que podem formar encontro consonantal com a coalescência tendem a ser mais afetados do que os que não podem. A existência de rima ramificada não exerce qualquer influência.

Cabe ressaltar que a descrição dos processos e estratégias aqui são conjecturas, não se ancoram num pressuposto de realidade psicológica. Com essa ressalva, todas essas conclusões, que correspondem às questões iniciais e aos objetivos que tracei nas considerações iniciais, são tiradas a partir do confronto entre os dados que eu coletei e/ou analisei e os dados coletados pelas outras três pesquisadoras. Tudo o mais que se encontra ao longo do texto desta dissertação, que não foi confrontado com dados anteriores, consta como uma hipótese a ser confirmada em pesquisas futuras.

E pesquisas futuras certamente virão, a serem realizadas por mim ou por outro pesquisador que se interesse pelo assunto. Certamente, ainda há lacunas sobre esse tema a serem preenchidas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. P. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (Org.). **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2002.

AMARAL, M. P. A faixa etária como variável na síncope das proparoxítonas. In: IV ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 2000, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: UFPR, 2001. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/091.htm>>. Acesso em: jun. 2015.

ARAGÃO, M. S. S. As palavras proparoxítonas no falar de Fortaleza. **Acta Semiotica et Linguística**, São Paulo, v.8, p.61-88, 2000.

ARAÚJO, A. A.; ALMEIDA, B. K. M. A síncope das proparoxítonas no Atlas Linguístico da Paraíba: um olhar variacionista. **Web-Revista Socioleto**, Campo Grande, v. 4, n. 12, maio 2014.

ARAÚJO, G. A.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O.; OLIVEIRA, L.; VIARO, M. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, G. A. (Org). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAIA, M. F. A. Estudo experimental sobre o formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v.37, n.2, maio-ago 2008. [a]

BAIA, M. F. A. O formato prosódico inicial do português brasileiro: uma questão metodológica? **ReVEL**, s.l., v.6, n.11, ago 2008. [b]

BAIA, M. F. A. **O modelo prosódico inicial do português brasileiro: uma questão de metodologia?** 1v. 168f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010¹⁵. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Santana Santos.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BONILHA, G. F. **Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexional da teoria da otimidade**. 1v. 389f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leda Bisol.

BRANCO, A. U. Crenças e práticas culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. **Pro-Posições**, Campinas (SP), v. 17, n. 2 – maio-ago. 2006

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

¹⁵ A defesa do referido Mestrado data de 2008., porém, a publicação da Dissertação na referida universidade data de 2010.

CARVALHO, M. P. **Estudo da síncope nas proparoxítonas no português falado em dourados**. 1v. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2010. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elza Sabino da Silva Bueno.

CASTRO, V. S. A redução de proparoxítonas no português popular do Brasil: estudo com base em dados do Atlas lingüístico do Paraná (ALPR). **Estudos lingüísticos**, São Paulo (SP), v.37, n.2, maio-ago, 2008.

CAVALIERE, R. C. **Pontos essenciais em Fonética e Fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

COUTO, H. H. Prolegômenos ao estudo do acento em português. **Polifonia**, Cuiabá, v.12, n.2, 2006.

CRUZ, J. M. S. **Serra dos pilões-jagunços e tropeiros e Mandinga**: uma literatura de formação no Tocantins. 1v. 150f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Orientador: Prof. Dr. Paulo Azevedo Bezerra.

DONEGAN, P.; STAMPE, D. Hypotheses od Natural Phonology. **Poznań Studies in Contemporary Linguistics** [n.45], [v.1], 2009.

DZIUBALSKA-KOŁACZYK, K. Modern Natural Phonology: the theory for the future. **PASE**, Poznań, Poland, s.v., s.n., 2004.

FERREIRA-GONÇALVES, G. Aquisição prosódica do português: o acento em suas formas marcadas. **ReVEL**, s.l., v.8, n.15, 2010.

FONSECA, V. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FRANÇA, S. A. O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jarú –Estado de Rondônia. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 31, n. 2, p. 169-182, 2009

GIOVANI, F. **A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização**. 2010. 248 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010.

GOODLUCK, H. **Language acquisition**: a linguistic introduction. Oxford: Blackwell, 1992

GUIMARÃES, T. A. A. S.; ARAÚJO, A. A. A situação dos estudos variacionistas sobre a síncope das proparoxítonas no português brasileiro. **Web-Revista Socioleto**, Campo Grande, v. 2, n. 2, set. 2012.

INGRAM, D. Aspects of phonological acquisition. In: _____. **Phonological disability in children: studies in disorder of communication**. London: Whurr Publishers Limited, 1989.

LADEFOGED, P. **A course in phonetics**. Orlando, FL: Harcourt, Brace & Company, 1993.

LEE, S. H. A regra do acento do português: outra alternativa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, dez. 1994.

LEE, S. H. O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade. In: ARAÚJO, G. A. (Org). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LIMA, G. O. **O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano**. 1v. 216f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2008. Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães.

MATSUOKA, A. **Os sons da fala na aquisição da linguagem: a hipótese do bootstrapping fonológico**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/artigo_azussa_matsuoka.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2010.

MAYOUF, H. H. **The theory of Natural Phonology in nutshell**. S.l., University of Babylon, 2012.

MICHAELIS **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa: Dicionário de Português Online**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: jun. 2015

MOURA, M. L. S. Processos imitativos na ontogênese da linguagem. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, São Paulo (SP), v. 37, n. 2, maio-ago, 2008.

PAIVA, E. A. S.; MACHADO, S. R. Ontogênese, anatomia e ultra-estrutura dos nectários extraflorais de *Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne (Fabaceae – Caesalpinioideae). **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo (SP), v. 20, n. 2, jun-abr, 2006.

PEPE, V. P. **Oclusivização, anteriorização e ensurdecimento na aquisição fonológica do português: processos sistêmicos ou assimilatórios?** Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1993. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Reis Teixeira.

PRIBERAM Informática, S.A. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <www.priberam.pt/DLPO>. Acesso em: jun. 2015

RAPP, C. **A elisão das sílabas fracas nos estágios iniciais da aquisição da fonologia do português**. 1v. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Reis Teixeira.

RIBEIRO, D. F. S. **Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte - Minas Gerais:** uma abordagem difusionista. 1v. 275f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio de Oliveira.

SANTANA, A. P.; BEZERRA, J. R. M. Proparoxítonos e estratégias de redução com base no corpus do ALiMA. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 20, n. especial, julho 2013.

SANTOS, R. S. **A aquisição do acento primário no português brasileiro.** 1v. 327f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ester Mirian Scarpa.

SANTOS, R. S. O acento e a aquisição da linguagem em português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. (Org). **O acento em português:** abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística:** domínios e fronteiras. v.2. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA FILHO, E. B. **Uma descrição das proparoxítonas na variedade não-padrão de Jaboatão – PE.** 1v. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Stella Telles.

SILVA, A. P. **Supressão da vogal postônica não-final:** uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense. 1v. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Orientador: Prof. Dr. Dermeval da Hora.

SILVA, M. B. **Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar.** 1v. 329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Socorro Silva Aragão.

SILVA, T. C. **Dicionário de Fonética e Fonologia.** São Paulo: Contexto, 2011

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2014.

SOUZA, M. G. V. **Estratégias de desproparoxitonização no PB.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade do Estado do Mato Grosso, Cáceres, 2011. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cássia Regina Tomanin.

TEIXEIRA, E. R. Reflexões sobre a relação existente entre os processos fonológicos aquisicionais e os processos marcadores de estigmatização sociolinguística. s.l.: s.n., [1986?].

TEIXEIRA, E. R. Processos de simplificação fonológica como parâmetros maturacionais em português. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, v. 14, s. n., jan.-jun. 1988.

TEIXEIRA, E. R. Perfil do desenvolvimento fonológico em português (P.D.F.P.). **Estudos** v.12, s.n, dez. 1991.

TEIXEIRA, E. R. A aquisição das classes de sons e a aplicação dos processos de simplificação fonológica. In: **XI Encontro Nacional da ANPOLL**, [1996], s.l.

TEIXEIRA, E. R. Palavra versus enunciado: a eliciação de dados em fonologias em desenvolvimento. **Estudos Lingüísticos e Literários**, v.21-22, p.59 - 68, 1998.

TEIXEIRA, E. R. Um estudo sobre os processos de simplificação fonológica. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009.

TEIXEIRA, E. R. **Aspectos fono-articulatórios e fonológicos do português**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

TEIXEIRA, E. R. A aquisição da fonologia e os processos de simplificação fonológica. In: _____. **Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012 [a].

TEIXEIRA, E. R. Modelos teóricos sobre o desenvolvimento linguístico e sobre a aquisição fonológica. In: _____. **Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012 [b].

TOMANIN, C. R. **Fotografias da fala de Alto Araguaia - MT**. 1v. 197f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Tânia Maria Alkmin.

VARGENS, A. M. **Aquisição de proparoxítonas: um estudo com base em dados do ERT**. 1v. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Claudia Tereza Sobrinho da Silva.

VIHMAN, M. M. **Phonological development: the origins of language in child**. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

APÊNDICE

Dados coletados

Criança 01 (f)

G1 – 1;9

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'asi		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	'butɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÉDICO	'pedʒi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (finais)
MÔNICA	'pojte		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔ	x			OXÍTONO	WS	Elisão (finais)
ABÓBORA	'bɔbɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
LÂMPADA	'padʒi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)
	'apɐ			PAROXÍTONO	SW	Coalescência	
MÁQUINA	'pajtɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PLÁSTICO	'pajtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÓCULOS	'ɔjtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	'tɔtu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
CÂMERA	-	-	-	-	-	-	-
EXÉRCITO	e'zesu			x	PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
TRIÂNGULO	'ajfo			x	PAROXÍTONO	SW	Indeterminada
MÁGICO	'paʒi			x	PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
	'pasu				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PRÍNCIPE	'pit'i			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
XÍCARA	'ijɐ			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÔNIBUS	'etʃiku			x	PROPAROXÍTONO	SWW	-
	'etʃu				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
	'ɛʃu				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
FÓSFORO	'ɔsju			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PÁSSARO	'boitʃu			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PÊSSEGO	'petu			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'mujdu			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência

Criança 02 (m)

G1 – 1;9

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'abi	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	'butɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÉDICO	'mɛtʲu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÔNICA	'mõjtɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
HIPOPÓTAMO	i'potu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
ABÓBORA	'bɔbɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
LÂMPADA	'ẽpɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÁQUINA	'matɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
	'bate				PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
PLÁSTICO	'patu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÓCULOS	'ɔtu	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	'dotu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
CÂMERA	'potɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)
EXÉRCITO	'dɛtʲu			x	PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
TRIÂNGULO	'ẽdu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'bipi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
XÍCARA	-	-	-	-	-	-	-
ÔNIBUS	'o:le		x		PAROXÍTONO	SW	Indeterminada
FÓSFORO	'tɔtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PÁSSARO	'patu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	Coalescência
PÊSSEGO	'petu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'molo		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)

Criança 03 (f)

G1 – 1;10

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avri	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	'mutʃikɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛniku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'muʃikɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtu		x		PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
	pɔ'pɔtow			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência	
	'pɔtodo			PROPÁROXÍTONO	SWW	-	
	'pɔdulu			PROPÁROXÍTONO	SWW	-	
ABÓBORA	ta'bɔbolɐ		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'ɛpida		x		PROPÁROXÍTONO	SW	-
MÁQUINA	-	-	-	-	-	-	-
PLÁSTICO	-	-	-	-	-	-	-
ÓCULOS	'ɔkuʃu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	-	-	-	-	-	-	-
CÂMERA	'kɛmɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
	'kɛmɐɐ			PROPÁROXÍTONO	SWW	-	
EXÉRCITO	'besitu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
TRIÂNGULO	tʃi'lɛgu			x	PAROXÍTONO	SWS	Coalescência
MÁGICO	'paʃiku			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'bibiji			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikɾalɐ			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'dɔbiʃu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'pɔkolu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	-				-	-	-
VELOCÍPEDE	'be:bid'i			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÊSSEGO	'peʃko			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'me:bru			x	PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)

Criança 04 (f)

G1 – 2;2

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'abi	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	-	-	-	-	-	-	-
MÉDICO	-	-	-	-	-	-	-
MÔNICA	-	-	-	-	-	-	-
HIPOPÓTAMO	ta'tɔtu	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
ABÓBORA	'bɔbɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
LÂMPADA	-	-	-	-	-	-	-
MÁQUINA	'pakɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PLÁSTICO	'pasu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÓCULOS	'ɔkuu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'ɔkus				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	ɔ'ɔtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
CÂMERA	'kɛmɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	ti'ẽmu	x			PAROXÍTONO	WS	Coalescência
	ti'ẽmo				PAROXÍTONO	WS	Coalescência
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	-	-	-	-	-	-	-
XÍCARA	'tʃikɐ			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÔNIBUS	-	-	-	-	-	-	-
FÓSFORO	-	-	-	-	-	-	-
PÁSSARO	-	-	-	-	-	-	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	-	-	-	-	-	-	-
NÚMERO	-	-	-	-	-	-	-

Criança 05 (m)

G2 (2;5)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'aʒeli		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	sea'kakə		x		PAROXÍTONO	WWSW	Reacentuação
	tʃu'kakə				PAROXÍTONO	WSW	Reacentuação
MÉDICO	teka'katə		x		PAROXÍTONO	WWSW	Indeterminada
MÔNICA	'mɛkatə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔrɔrɔrɔ		x		PREPROPÁROXÍTONO	WWSWW	Ampliação
ABÓBORA	a'bɔrɔrɔ		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'apapə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	a'kakətə		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	Elisão (meio)
PLÁSTICO	'paku		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
ÓCULOS	'ɔkə		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	kɔ'koku		x		PAROXÍTONO	WSW	Elisão (meio)
CÂMERA	'kɛkadə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	Coalescência
EXÉRCITO	i'ʃɛtatu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
	'ʒɛʃɔrɔ			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
TRIÂNGULO	ki'ɛgu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
	te'ɛgu				PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	'ʃakoko		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'sisʃipi		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikaralə		x		PREPROPÁROXÍTONO	SWWW	Ampliação
ÔNIBUS	'õʒu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'sɔrɔ		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
PÁSSARO	'ʃarɔrɔ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'kesizu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	-	-	-	-	-	-	-

Criança 06 (m)

G2 (2;5)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	-				-	-	-
MÚSICA	'lulikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛfiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	po'põtõnu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	'bɔrɔrə	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	a'mɛj:da		x		PAROXÍTONO	WSW	Elisão (meio)
MÁQUINA	'mɛnikə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	-				-	-	-
ÓCULOS	-				-	-	-
BINÓCULO	-				-	-	-
CÂMERA	-				-	-	-
EXÉRCITO	-				-	-	-
TRIÂNGULO	-				-	-	-
MÁGICO	-				-	-	-
PRÍNCIPE	-				-	-	-
XÍCARA	-				-	-	-
ÔNIBUS	-				-	-	-
FÓSFORO	-				-	-	-
PÁSSARO	-				-	-	-
VELOCÍPEDE	-				-	-	-
PÊSSEGO	-				-	-	-
NÚMERO	-				-	-	-

Criança 07 (m)

G2 (2;8)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musike		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'meziku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõd'ike	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'mõd'ike				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	põ'põtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bõbõrẽ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
	a'bõbare				PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'ẽpodẽ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'madike		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'past'jiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'õkolos	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	bĩ'lõkolo	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makalẽ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
CÂMERA	'kẽmalẽ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	'zetotu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
TRIÂNGULO	t'i'lẽgugu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'sikalẽ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õpu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
	'õtubus ¹⁶				PROPÁROXÍTONO	-	-
FÓSFORO	'sõxkoro		x		PROPÁROXÍTONO	-	-
	'sõkoro				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasaros		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'pasaru				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	selõ'pit'ji		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (meio)
PÊSSEGO	'pesebu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'umori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'umoro				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'nõmolu				PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULO NÃO ESTIMADO:

MÁGICA	'madzike	x		PROPÁROXÍTONO	SWW
--------	----------	---	--	---------------	-----

¹⁶ Aparentemente, a criança evocou a segunda forma para corrigir a primeira.

Criança 08 (f)

G2 (2;9)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnika:	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbɔrɐ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lẽpadɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'pafiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkrus	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bi'nɔku		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kẽmɛrɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'zesitu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	ti'ẽgado	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'mafiko		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õmunus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fosoro		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasarɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'kesisu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numɛru	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

Criança 09 (f)

G2 (2;10)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	-	-	-	-	-	-	-
MÚSICA	'muzikə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'mõjkə				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
HIPOPÓTAMO	ĩkõ'mõdẽĩ	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	(ũma)'bõborə ¹⁷	x			PROPÁROXÍTONO	-	-
LÂMPADA	'lãpadə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plafiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'õkolus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	brĩ'lõkinu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	'kẽmarə			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	tri'ẽgolo		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'maziku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	-	-	-	-	-	-	-
FÓSFORO	'fõsoros		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasarə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'peʃi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
NÚMERO	'numɛru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-

¹⁷ UMA ABÓBORA

Criança 10 (f)

G2 (3;1)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'aʝvori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'avori				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛdʒiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	'bɔbɔrɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
LÂMPADA	'lãpadɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'pɒʃiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔku	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bi'nɔkulu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSW	-
CÂMERA	'kãmerɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	iʒɛkus			x	PAROXÍTONO	WSW	Elisão (meio)
TRIÂNGULO	ti'ẽgu	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'pisipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnivis	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔferi		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasau		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'peseb		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'numeru	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

Criança 11 (m)

G2 (3;2)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	a'ladie	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÚSICA	'mut'ikɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛtuku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõkikɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtõnu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔborɐ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'pɛtabɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'paʃtʃiko:		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkulu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	mi'ɔkulu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	-	-	-	-	-	-	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	pe'lõgogo	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'matʃiko		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	kɛ'tʃipiri		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
XÍCARA	'tʃikarɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'wõtʃiblu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'tɔtolu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pat'ulu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	'pitepi		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÊSSEGO	'pet'ud'u		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	-	-	-	-	-	-	-

Criança 12 (f)

G3 (3;2)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	PROECSSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'meziku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtu	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
ABÓBORA	a'bɔborɐ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lɛpine		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'madʒika		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plat'iku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkus	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bi'nɔkus		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kãmeɾɐ	x			PROPÁROXÍTONO		-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	tri'gẽnu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	'maziku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	-	-	-	-	-	-	-
XÍCARA	-	-	-	-	-	-	-
ÔNIBUS	-		x		-	-	-
FÓSFORO	-	-	-	-	-	-	-
PÁSSARO	'pasɾo		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
VELOCÍPEDE	velɔ't'iki		x		PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
PÊSSEGO	'pesɛru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numɛru			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-

Criança 13 (f)

G3 (3;6)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtõnu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbərə	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	-	-	-	-	-	-	-
MÁQUINA	'makinə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'pafiku			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	za'rɔkurus	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
BINÓCULO	bĩ'nɔku		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kẽmerə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	třĩ'ɲẽgulu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'přĩsipi		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'jikarə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnibus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔgurus		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	-	-	-	-	-	-	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	-	-	-	-	-	-	-
NÚMERO	'numerus		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-

Criança 14 (f)

G3 (3;7)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musike	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medziku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnike	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	iko'põtə		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (final)
ABÓBORA	'bɔbɔrə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
LÂMPADA	-	-	-	-	-	-	-
MÁQUINA	'marike	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'platʃiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkus	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bi'nɔt'uku		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	'kãm(dʒi tʃi'ra 'fotu) ¹⁸		x		-	-	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	kɛbi'ẽdu		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (meio)
	tri'ẽgulu				PROPÁROXÍTONO	SWW	
MÁGICO	'matʃiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	-		x		-	-	-
XÍCARA	'sike	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÔNIBUS	'õbizu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔʃɔrus		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasaru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	pe'sexũ ¹⁹		x		-	-	-
NÚMERO	'nume'rũ ²⁰		x		-	-	-

¹⁸ CÂMERA DE TIRAR FOTO¹⁹ PÊSSEGO É RUIM²⁰ NÚMERO UM

Criança 15 (f)

G3 (4;1)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	PROECSSO
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	a'bɔborɐ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
	a'bɔbrɐ				PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
LÂMPADA	'lãpidɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plafji	x			PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
ÓCULOS	'ɔkulus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	abi'nɔkiw	x			PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
CÂMERA	'kãmerɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'zesitu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	tri'ẽguw		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
	tri'ẽgu				PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	'majiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pɫisipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʒikarɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnibus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔsu	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência + Elisão
PÁSSARO	'pasarɔ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	velɔ'sipedi		x		PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
PÊSSEGO	'pesegu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numerus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULOS NÃO ESTIMADOS:

RELÂMPAGO	ɾe'lãpadu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW
	ɾe'lãpidu					

Criança 16 (m)

G3 (4;1)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'averi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musikə			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔborə	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lãpidə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'praʃiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkoluf	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	bĩ'nɔkiw	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kẽmerə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'zesitu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	tri'ẽgulu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'maziku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnibuʃ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'frɔsuru	x			PROPÁROXÍTONO	SW	-
PÁSSARO	'pasaru	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	vew'sipe		x		PAROXÍTONO	WSW	Elisão (final)
PÊSSEGO	'pesigu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numeluʃ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULOS NÃO ESTIMADOS:

MÁGICA	'mazikə	PROPÁROXÍTONO		x		SWW
--------	---------	---------------	--	---	--	-----

Criança 17 (m)

G3 (4;2)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avoli	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtamu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbolə		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lɛpadə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plaxtʃiku			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkuluʃ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	'nɔki		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
CÂMERA	'kɛmɛrə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'zesu		x		PAROXÍTONO	SWW	Coalescência
TRIÂNGULO	tri'ɛgulu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'pɾĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'mõnibus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'õnibus				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔsforu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'patu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
VELOCÍPEDE	velo'sipe:		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (final)
PÊSSEGO	'pesebu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numiru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULOS NÃO ESTIMADOS:

?	tɛ'lũpetu ²¹ tɛ'lũmetru	PROPÁROXÍTONO	WSWW
---	---------------------------------------	---------------	------

²¹ A criança disse isso ao lhe ser mostrado o desenho da máquina de lavar roupa.

Criança 18 (f)

G3 (5;0)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'aʝvori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku ²²	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtɐu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
	ipɔ'pɔtɐw				PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
	ipɔ'pɔtɐ̃mu				PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbɔrɐ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lɛpidɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PLÁSTICO	-	-	-	-	-	-	-
ÓCULOS	'zɔkuluʝs	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	brĩ'nɔkuwus	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	'kɛmerɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'setʃitu			x	PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	tri'ɛ̃gulu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'maziku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pɾĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	WWS	-
XÍCARA	'ʃikarɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnimus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔsuru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasarus		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	mɔ'siperits ²³		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
PÊSSEGO	'pesigu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numerus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

²² A palavra foi evocada num segundo momento, mas da seguinte maneira: ao ser perguntada sobre o que acontece quando fica doente, a criança respondeu “eu vou pro médico”.

²³ [m] aqui provavelmente veio de uma lembrança de “motoca”, uma vez que essa palavra foi sugerida.

Criança não contabilizada (m)

G2 – 2;5

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	-	-	-	-	-	-	-
MÚSICA	-	-	-	-	-	-	-
MÉDICO	-	-	-	-	-	-	-
MÔNICA	tʰadʰõʰtʰɐ	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
HIPOPÓTAMO	mojʷtʰu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
	'poku				PAROXÍTONO	WS	Coalescência
ABÓBORA	bloʰbloʰɐ	x			PAROXÍTONO	WSW	Reacentuação
LÂMPADA	tɛʰtɛ:tɐ		x		PAROXÍTONO	WSW	Indeterminada
MÁQUINA	'majkɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PLÁSTICO	-	-	-	-	-	-	-
ÓCULOS	'õʰtʰu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bikʷku		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	vietʰɛʰtʰɐ		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (meio)
EXÉRCITO	eʰzɛʰtʰu		x		PAROXÍTONO	WSW	Elisão (meio)
TRIÂNGULO	tiiʰɛdʰu		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (meio)
MÁGICO	beʰdʰatʰu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
PRÍNCIPE	pliʰbitʰwi		x		PAROXÍTONO	WSW	Reacentuação
XÍCARA	dʒiatʰjitɐ		x		PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
ÔNIBUS	'bo:tu		x		PAROXÍTONO	WS	Coalescência
FÓSFORO	ijejeʰeto		x		PAROXÍTONO	WSW	Indeterminada
PÁSSARO	-	-	-	-	-	-	-
VELOCÍPEDE	veʰtʰe			x	OXÍTONO	WS	Reacentuação
PÊSSEGO	miʰbitu		x		PAROXÍTONO	WSW	Indeterminada
NÚMERO	'dʰutʰu	x			PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
	'udʰu				PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)

Documentos

AUTORIZAÇÃO DA CRECHE PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**DECLARAÇÃO**

Eu, SÔNIA MARIA ALÉ LEAL DA SILVA, coordenadora da Creche da Universidade Federal da Bahia, declaro, para os devidos fins, que concordo com a realização da pesquisa intitulada "Aquisição de proparoxítonas: um estudo transversal", desenvolvida pelo mestrando Arthur Moura Vargens, sob orientação da Profª Ph.D. Elizabeth Reis Teixeira. Os sujeitos dessa pesquisa serão crianças atendidas na referida creche, que se encontram sob minha responsabilidade.

Salvador, 20 de julho de 2013.

Sônia Marie Alé Leal da Silva

Assinatura

Sônia Marie Alé Leal da Silva
Coordenadora da Creche

MODELO DA AUTORIZAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS LEGAIS DAS CRIANÇAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Registro N° _____

“Aquisição de proparoxítonas: um estudo transversal”

Seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) está sendo convidado a participar da pesquisa com o acima intitulada, por estar abrigado na Creche da Universidade Federal da Bahia e estar em fase de desenvolvimento da língua falada. A pesquisa está sendo realizada por Arthur Moura Vargens – mestrando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, matriculado sob o número 213116297 – sob orientação da Prof^ª Dr^ª Elizabeth Reis Teixeira. A pesquisa tem por objetivo verificar a produção de palavras proparoxítonas por crianças atendidas na referida creche, em estágio de desenvolvimento da língua materna, como mencionado anteriormente.

Através deste termo de consentimento, você autorizará seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) a participar do procedimento da pesquisa, que é mostrar a ele uma gravura impressa em uma ficha de papel e solicitar que ele diga o que é a figura, quando espera-se que ele diga a palavra em perspectiva, podendo ser oferecidas a ele dicas ou, ainda, a reprodução íntegra da palavra, acompanhada de uma solicitação de que repita. As palavras trabalhadas serão ABÓBORA, ÁRVORE, BINÓCULO, EXÉRCITO, FÓSFORO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÁGICO, MÁQUINA, MÚSICA, ÓCULOS, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE, TRIÂNGULO, VELOCÍPEDE, podendo haver acréscimo de outras, desde que sejam proparoxítonas e que não representem linguagem de baixo calão ou imprópria para a idade da criança.

Não haverá benefícios financeiros nem despesas pessoais para os participantes que colaborarem com a pesquisa. A participação do seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) é voluntária, o que significa que poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo em caso de recusa ou desistência no curso da pesquisa.

O pesquisador se compromete a utilizar os dados coletados somente para fins acadêmicos, sendo a identidade dos participantes mantida em sigilo, diante da publicação dos resultados. Autorizando a participação do seu(ua) filho(a) ou tutelado(a), você estará contribuindo para os estudos em aquisição da linguagem e linguagem infantil, os quais revelam a forma como as crianças adquirem sua língua e os limites etários esperados em relação aos diferentes aspectos de sua linguagem; dessa forma, estará contribuindo para conhecimentos necessários e relevantes para profissionais que lidam com processos educacionais e clínicos, tanto do ponto de vista do processo de ensino de língua materna desvinculado de preconceito linguístico, quanto do ponto de vista do diagnóstico e prognóstico de distúrbios da linguagem e da comunicação. Dessa forma, estará contribuindo para a construção de conhecimentos relevantes para os trabalhos desenvolvidos na própria instituição que abriga seu(ua) filho(a) ou tutelado(a).

Seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) ficará com uma cópia deste Termo e qualquer dúvida que surgir, poderá perguntar diretamente ao pesquisador Arthur Vargens pelo telefone [...]

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, _____, CPF n° _____, declaro ter sido suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa, ficando claro para mim qual seus objetivos, como será realizada, além das garantias de confidencialidade e de esclarecimentos, estando ciente. Autorizo que meu(inha) filho(a) ou tutelado(a), _____, participe da mesma.

Salvador, ____/____/____.

Assinatura